

DEPÓSITO LEGAL O SÉCULO

Nº 1645 • 12-7-69 • preço 5000

Ilustrado

COLLINS, ARMSTRONG, ALDRICH

**PARTEM
PARA A LUA
NA 4ª FEIRA**



CONCURSO S I - TRÊS DATSUNS PARA VOCÊ!

ele usa creme de barbear **Gibbs**



Gibbs é o único creme de barbear especial para a barba dura — a barba dos homens másculos

- Porque só Gibbs produz uma espuma abundante e espessa — espuma que amacia bem a barba, preparando-a para um escanhoado suave e perfeito.
- Porque só Gibbs contém G-11 — o poderoso anti-séptico protector da pele.

Creme de barbear Gibbs — agora também na variedade de mentolado.

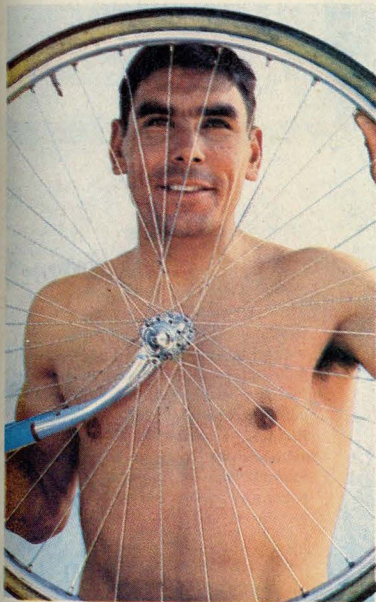
Gibbs são para homens

NESTE NÚMERO:

«S. I.» **ACTUALIDADES** — O exército japonês: uma tradição que se retoma ... pág. 22. Os grandes criminosos portugueses: Diogo Alves ... pág. 32. A sexta figura de Lisboa: Mayer, um «senhor» do comércio penhorista da capital ... pág. 34. O circuito automóvel de Vila Real ... pág. 42. Inquérito ao desporto juvenil ... pág. 44.

Joaquim Agostinho foi o primeiro português a vencer uma etapa no «Tour» de França. Joaquim Agostinho, a nossa maior revelação no ciclismo, é hoje, sem dúvida, uma das pessoas mais faladas em Portugal. E é o tema da reportagem «S. I.» desta semana, que pode ler na pág. 39.

Poucos dias antes de o homem pôr o pé na Lua, «O Seculo Ilustrado» continua a publicar a sua série de artigos dedicados à conquista do espaço. Assunto de palpitante actualidade que poderá ler na pág. 18.



Na entrevista «S. I.» desta semana, entramos na intimidade de uma das personagens mais influentes da sociedade norte-americana: **Hugh Hefner**, senhor quase absoluto do fabuloso império «Play-boy». (Veja na pág. 29)

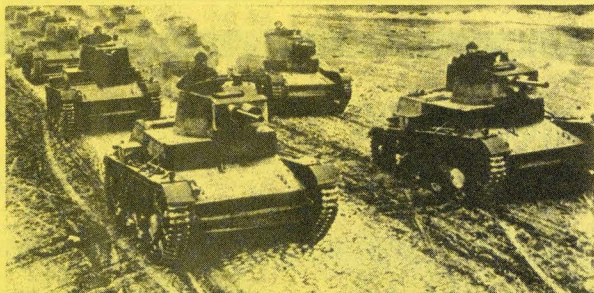


... E AINDA

«S. I.» **SECÇÕES** — O «S. I.» há trinta anos ... pág. 4. Policistestres ... pág. 6. Os programas da R. T. P. ... pág. 8 «S. I.» Extra: o nosso serviço especial de pequena reportagem ... pág. 13. «Rock, Pop & Folk» ... pág. 25. Signos ... pág. 47. Palavras cruzadas em tamanho gigante ... pág. 48. O cinema e o teatro que há para ver na capital ... pág. 50. Humor ... pág. 52. Os nossos comentaristas ... pág. 55. «S. I.» sábado a sábado: as figuras, os factos e as iniciativas ... pág. 63. Strippy, audaz e aventureira ... pág. 70.

POLÓNIA EM TEMPO DE GUERRA

No dia 15 de Julho de 1939, «S. I.» publicou uma reportagem sobre a potencialidade militar da Polónia que, segundo o articulista, podia mobilizar 6 milhões de homens em tempo de guerra. Entre outros assuntos lia-se, nomeadamente, o seguinte: «Dantzig, o problema de Dantzig trouxe para o primeiro plano da política internacional dois países: Alemanha e Polónia. O primeiro, como assunto jornalístico tem interesse, mas carece de novidade. Toda a gente sabe que o Reich é a nação mais discutida e conhecida do século XX. Outro tanto se não pode dizer da Polónia. Conhece-a, é certo, muita gente. Temos que concordar, porém, que essa muita gente... é afinal, muito pouca.»



DIRECTOR: FRANCISCO MATA

CHEFE DA REDACÇÃO: Botelho Tomé. **REDACÇÃO:** Guedes de Amorim, Manuel de Lima, João Corregedor, Carlos Plantier, Conceição Gomes da Silva, Joaquim Gaió, Paulo Figueira, Duarte Figueiredo. **SECRETÁRIA DA REDACÇÃO:** Maria dos Anjos Mendes. **REPORTAGEM FOTOGRÁFICA:** Eduardo Gageiro, António Xavier, Augusto Cabrita, Beatriz Ferreira, Fernando Baíão, Abel Fonseca, Salvador Ribeiro. **ARRANJO GRÁFICO:** Baltazar Ortega, Luís Filipe da Conceição, José Araújo, Mário Jorge. **COLABORADORES PERMANENTES:** Carlos Ferrão, Leopoldo Nunes, Luís Alves, Pedro Alvim, Roby Amorim, Mário Heitor, Manuel Figueira, Manuel Alves Matias, Etelvina Lopes de Almeida, Edmundo Nery Motrena, Álvaro Duarte de Almeida, Lauro António, Carlos Pinhão, Ruben Tristão de Carvalho, Francisco Nobre, Mário do Amaral, Mário do Rosário. **FOTOGRAFIA DE LABORATÓRIO:** Floriano de Oliveira, Henrique Albuquerque. **MONTAGEM:** Álvaro de Magalhães. **PUBLICIDADE:** Mário Vidreiro. **ASSINATURAS E AGÊNCIAS:** António da Silva Neto, Eugénio Costa. **EDITOR:** Fernando Castro. Edição semanal de «O Seculo». Redacção e Administração: R. de «O Seculo», 41-63 — Lisboa-2. Tel. P. B. X. 36 27 51 — Oficinas: Rua de «O Seculo», 59, Sucursal no Porto: Rua Sá da Bandeira, 5. **PROPRIEDADE:** Sociedade Nacional de Tipografia.

ilustrado

Ano XXXII-N.º 1645-Preço 5\$00
12 DE JULHO DE 1969
SAI AOS SÁBADOS
PREÇO DE ASSINATURAS

Continente e ilhas:
trimestral, 65\$00; semestral,
120\$00; anual, 230\$00
Províncias Ultramarinas, Espanha
e Brasil: semestral, 130\$00;
anual, 240\$00
Estrangeiro: semestral, 160\$00;
anual, 300\$00

VISADO PELA CENSURA



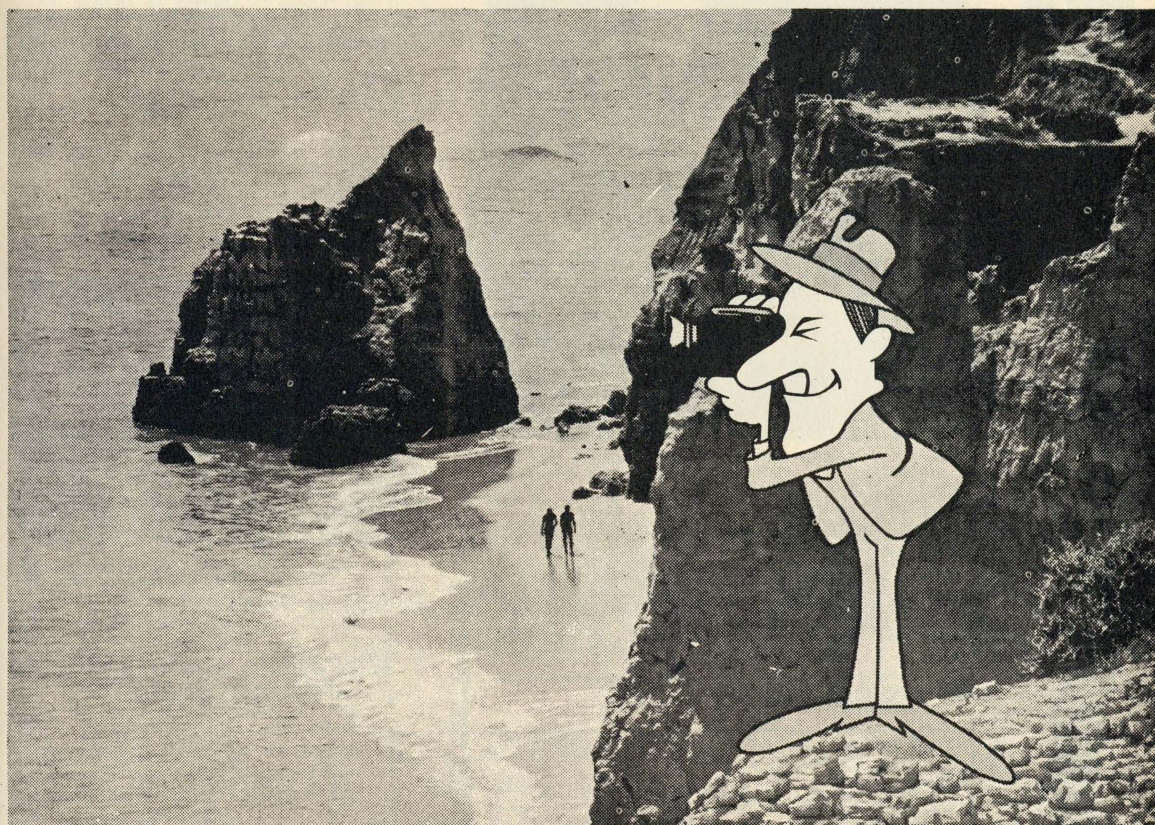
Para o homem que se barbeia, diariamente, é indispensável uma loção para «depois-da-barba», de características especiais.

Pitralon reúne essas exigências de tratamento dermatológico — é antibacteriano, elimina as impurezas da pele (borbulhas) e evita a infecção. Pitralon penetra profundamente na pele e activa a circulação do sangue. Pitralon, é usado há 35 anos por milhões de homens, com satisfação plena.

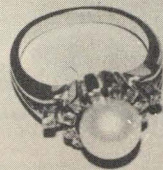
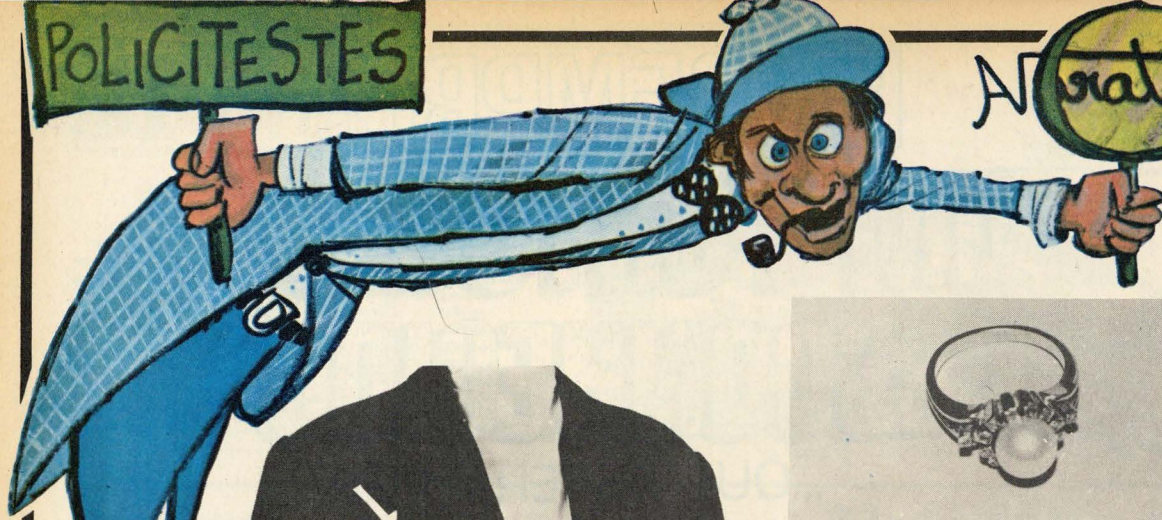
Frascos a partir de Esc.: 10\$50

**OS HOMENS
USAM
PITRALON**

HA' SEMPRE UM PORTUGAL DESCONHECIDO ...QUE ESPERA POR SI



Areais imensos que o Turismo desconhece ainda!
Águas transparentes, rochedos impressionantes batidos pelas ondas, sob o céu azul e o sol doirado!
Tudo isso o espera ao longo dos quilómetros e quilómetros de praias do litoral português; nas praias ignoradas do País que Você deve apreciar melhor.
Admire esse Portugal, aproveitando as maravilhas de paisagens deslumbrantes ou a pureza de um ar límpido e tonificante. Para estar junto do Mar Português há mil e um caminhos e condições de hospedagem para todos os orçamentos. Consulte a sua Agência de Viagens e os Órgãos Locais de Turismo.
Escolha o seu roteiro no PORTUGAL DESCONHECIDO.

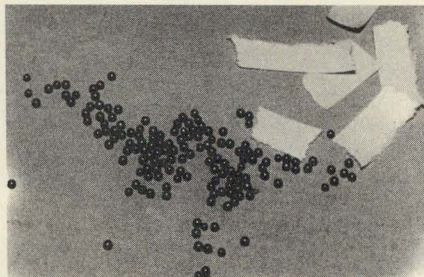


○ anel furtado foi avaliado em 1500\$00.
○ juiz insistiu com o avaliador antes de deter-
minar a pena.

Como sabem o artigo 421.º do Código Penal pune o crime de furto segundo o valor da coisa furtada. Tem alguma ideia da prisão que corresponde ao valor dos objectos?

Aqui estão os valores e as penas.
Ponha-os em correspondência correcta se for ca-
paz:

- | | |
|--------------------------------|-----------------------|
| a) 1000\$00 | 1. Prisão maior |
| b) 5000\$00 | 2. Prisão até 6 meses |
| c) 5000\$00 a
20 000\$00 | 3. Prisão até um ano |
| d) 20 000\$00 a
500 000\$00 | 4. Prisão maior |
| e) mais de
500 000\$00 | 5. Prisão correcional |



Os gatunos, para se certificarem se uma casa está ou não habitada, costumam usar os chamados «avisos»: que podem ser, por exemplo,

- a) Papéis
b) Grãos de chumbo
c) Teias de aranha

Sabe onde são colocados os «avisos»?

O homem declarava ser falso o papel apresentado pelo credor, no qual ele se confessava devedor de determinada quantia.

O documento manuscrito foi analisado pelos peritos especializados que fizeram, primeiro, uma análise da escrita do papel da dívida com uma carta entregue pelo próprio devedor, como autêntica.

Compararam a forma nos seus aspectos gerais e particulares de cada letra e partes de cada letra.

Diga-nos se foi feito:

- a) Um exame grafométrico
b) Um exame grafoscópico

A seta assinala o sítio em que a vítima recebeu a facada mortal.

A lâmina perfurou a aorta e cortou uma artéria.

A vítima esteve duas horas a esvair-se em sangue numa estrada de pouca passagem, e só foi encontrada quase à noite por um irmão que fez o mesmo trajecto de bicicleta.

Um dos alunos da aula de criminologia interrompeu o mestre: «Desculpe, sr. professor, mas há aí qualquer coisa que não bate certo.»

O QUE ERA?

Lista 26 de Maio de 1956

Galao dwer ao sr. Joaquim
João a quantia de vinte
mil duzentos e cinquenta
esudos pue ele me empresta
neste dia

Por sua verdade assumo

~~Manuel Vieira~~

Lisboa 2 de Maio de 1960

Muito querido irmão

Espero que a minha carta
te encontre de saúde, que não
tudo bem. Logo que for
sever de lá entrarei em
contato sem notícias

A tua mulher diz
que não sabe também

SOLUCÕES

[illegible]

6—4
1—D 2—D 3—D 4—D

GRANDE CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ!

ESCLARECEMOS OS CONCORRENTES DE QUE É INDIFERENTE FAZER O ENVIO DOS CUPÕES LOGO APÓS A SUA PUBLICAÇÃO, OU TODOS JUNTOS NO FINAL. SE O LEITOR DESEJA HABILITAR-SE COM NÚMEROS DISTANCIADOS, ENVIE OS CUPÕES SEMANALMENTE; SE, PELO CONTRÁRIO, PRETENDE CONCORRER COM NÚMEROS APROXIMADOS, VÁ REUNINDO OS CUPÕES E ENVIE-OS TODOS JUNTOS NO FINAL. A CADA CUPÃO ENVIADO CORRESPONDERÁ UM NÚMERO NO SORTEIO.

CADA CUPÃO ENVIADO — CADA NÚMERO COM QUE FICARÁ HABILITADO

REGULAMENTO

1.º — «O SÉCULO ILUSTRADO», com a colaboração da prestigiosa firma Entrepósito Comercial de Automóveis, organiza entre os seus leitores o Concurso «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ».

2.º — Os concorrentes, para ficarem habilitados aos 3 prémios que serão atribuídos por sorteio, deverão recortar de «O SÉCULO ILUSTRADO» os cupões publicados nos números dos dias 21 e 28 de Junho; 5, 12, 19 e 26 de Julho; 2, 9, 16, 23 e 30 de Agosto, e 6 de Setembro, colando cada cupão num bilhete-postal, que deverá ser enviado **pelo correio** (sem ser metido em sobrescrito), dirigido a CONCURSO DATSUN — «O SÉCULO ILUSTRADO» — APARTADO 2116 — LISBOA. É indispensável indicar com letra bem legível o nome completo e a morada.

3.º — Todos os cupões recebidos até às 18 horas do dia 6 de Outubro de 1969 e obedecendo às condições anteriores serão numerados para efeitos de sorteio (com numeração seguida a partir da unidade) segundo a sua ordem de entrada.

4.º — No dia 11 de Outubro de 1969, pelas 12 horas, no Salão de Festas de «O SÉCULO», Rua de «O Sécuro», 51, em Lisboa, na presença de representantes do Governo Civil de Lisboa e dos concorrentes, proceder-se-á ao sorteio dos 3 prémios, extraindo das esferas que conterão as bolas numeradas, aquelas que determinarão os cupões premiados.

5.º — Os prémios a sortear serão:
Um automóvel DATSUN — 2300 SUPER SIX no valor de 170 000\$00.

Um automóvel DATSUN — 1300 no valor de 76 500\$00.

Um automóvel DATSUN — 1000 (4 portas) no valor de 64 000\$00, no valor total de 310 500\$00.

6.º — O Sorteio é um acto público, podendo assistir os concorrentes bem como qualquer pessoa.

7.º — Cada concorrente poderá enviar em seu nome quantos cupões desejar, corresponden-

do a cada cupão um número que habilitará ao sorteio.

8.º — A entrega dos prémios será efectuada desde o dia 13 de Outubro de 1969 até ao dia 12 de Abril de 1970, mediante identificação do premiado, o qual assinará recibo com reconhecimento notarial, comprovativo de ter entrado na posse do prémio que lhe coube.

9.º — Os prémios não reclamados dentro do prazo estabelecido, reverterão para o estabelecimento de assistência que a autoridade competente determinar.

CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ! Nº

ORGANIZADO POR
O SÉCULO ILUSTRADO

(PREENCHER COM LETRA BEM LEGÍVEL)

NOME COMPLETO _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

IMPORTANTE: Recorte este cupão pelo tracejado, preencha-o, cole-o num postal e remeta **pelo correio** para CONCURSO «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ!» — «O SÉCULO ILUSTRADO» — Apartado 2116 — LISBOA.

si A TÊ VÊ QUE HÃ PARA VER

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
19							
15	INFANTIL	SÉRIE INFANTIL "O BOM GIGANTE"	INFANTIL	DESENHOS ANIMADOS	INFANTIL	NOS BASTIDORES DA AVENTURA	INFANTIL
30	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL
45	ENCICLOPÉDIA	SEGREDOS DA VIDA ANIMAL	FEMININO	ARTES PLÁSTICAS	VIDA Sã EM CORPO SãO	DIALOGOS DE SãBADO	BARREIRA DE SOMBRA
20				NO MUNDO DA ARTE			
15				SANGUE NA ESTRADA	CARTAZ TV	TELE DESPORTO	TV RURAL
30	MOMENTO DESPORTIVO	TV SOCIAL	*TOTOBOLA		TURISMO		
45	TEMPO INTERNACIONAL	SE BEM ME LEMBRO...	PROGRAMA LITERÁRIO	PARADA DA INDÚSTRIA	IMAGENS DA POESIA EUROPEIA	FORÇAS ARMADAS	NOTÍCIAS DO ESPECTÁCULO
21							
15	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL	TELEJORNAL
30	BM	BM	BM	BM	BM	BM	BM
45		TV CLUBE	GRANDE PLANO	MUSEU DO CINEMA	EM FOCO	TV CLUBE	
22							TV MUNDO
15	ZIP ZIP	SEGREDOS DO MAR	NOITE DE TEATRO	VARIEDADES	NOITE DE CINEMA	TV 7	
30							
45		SÉRIE DRAMÁTICA AS ENFERMEIRAS	-----			SÉRIE DRAMÁTICA O FUGITIVO	SÉRIE AVENTURAS LADRÃO PRECISA-SE
23							
15	SÉRIE HONEY WEST		CONCERTO	SÉRIE GET SMART			
30	MARCHA DO MUNDO	MARCHA DO MUNDO	MARCHA DO MUNDO	MARCHA DO MUNDO		MARCHA DO MUNDO	DOMINGO DESPORTIVO
45	MEDITAÇÃO	MEDITAÇÃO	MEDITAÇÃO	MEDITAÇÃO	MARCHA DO MUNDO		MARCHA DO MUNDO
					MEDITAÇÃO		MEDITAÇÃO



televisores
rádios
gira-discos

TELEFUNKEN

incrível,
O CHEIRO
a refogado
da vizinha do lado !....



Bem, da vizinha propriamente dita, não, coitada ...

Mais exactamente, da casa da vizinha do lado:

Um cheiro insuportável, que se insinua através das frinchas das portas, passeia pelos corredores, paira na sala de visitas e chega até à casa de jantar.

Eu bem lhe tenho dito dezenas de vezes:

— Ó Senhora Dona Mariquinhas faça como eu!

Comprei uma barra de **RACASAN**, coloquei-a na cozinha, conforme as instruções escritas na embalagem e todos os cheiros desapareceram como por encanto. E depois, o ar fica fresco e leve, cheirando a pinheiros (Pine), a alfazema (Lavender) ou a flores silvestres (Bouquet). É mesmo um cheiro a lavadinho! ...

Tem toda a razão, minha senhora!

racasan

elimina os cheiros e purifica o ar!



OFERTA ESPECIAL · POUPE 2\$50

Representante exclusivo: **F. LIMA & Cª SUCR., LDA.**

À VENDA NAS MELORES PERFUMARIAS E DROGARIAS

NO **si** DA PRÓXIMA SEMANA

faça teste



são necessários três elementos:
você, uma garrafa cheia e um
INDESIT

Atire a garrafa para dentro do frigorífico. Esta salta, res-salta, e bate violentamente no interior do novo INDESIT! Vá verificar... Nem um risco! Nem uma esfoladela! Poderá argumentar que o frigorífico não é o local mais próprio para onde se atiram garrafas. De acordo, mas só procuramos provar que se o interior do INDESIT resistiu aos choques violentos de uma garrafa cheia, com certeza que resistirá aos pequenos choques do dia-a-dia e manter-se-á inalterável após longos e longos anos de uso diário.

O interior do novo INDESIT é de POLISTIROLO

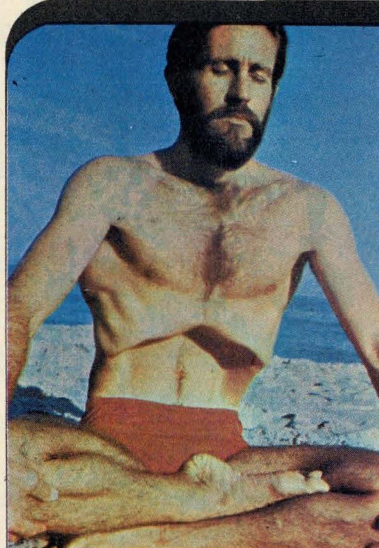


com

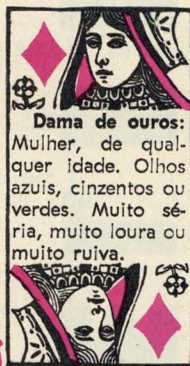
INDESIT

tudo corre sobre rodas

JOM



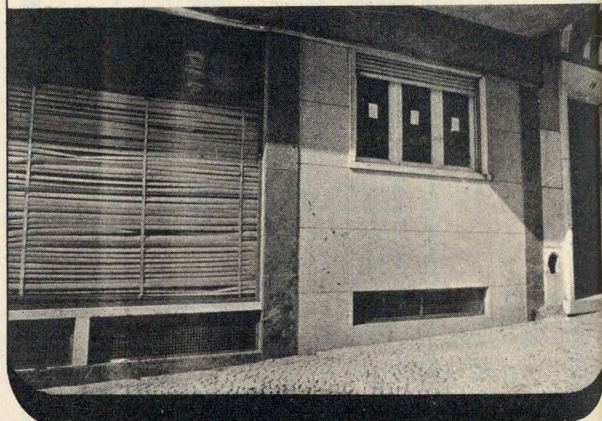
O ioga é um método de vida, não o simples cultivar de exóticos processos destinados a afastar o homem da rotina convencional. Sabia-o? No próximo número do «S. I.» terá a oportunidade de ler uma esclarecedora reportagem sobre a importância mundial do ioga.



Dama de ouros:
Mulher, de qualquer idade. Olhos azuis, cinzentos ou verdes. Muito séria, muito louca ou muito ruiva.

Quer saber como se «lêem» as cartas? Qual a mensagem exacta de cada uma na previsão de um futuro, sempre incerto? Leia o «S. I.» da próxima semana e ficará perito em cartomância.

Publicaremos no nosso próximo número uma completa reportagem de Paulo Figueira sobre o estranho negócio das «Agências de Habitação». E ainda, relacionado com o mesmo tema, as conclusões do importante «Colóquio da Habitação», realizado no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em Lisboa.



A PESCA DA BALEIA

A pesca da baleia constitui uma necessidade vital para os canadianos do Norte. Tal como os sulistas não prescindem do combustível para os seus carros, assim os esquimós necessitam de alimento para as matilhas de cães, imprescindíveis para se puderem deslocar.

É dura e penosa a vida destes pescadores, que passam dias consecutivos nas águas, perseguindo a baleia que lhes fornecerá alimento para os cães e as vistosas peles.

A pesca no rio Mackenzie é uma das grandes atracções turísticas. Quando o pescador avista as corpulentas baleias tenta separá-las e persegui-las rápida e cautelosamente a uma distância estudada. Momento de pânico e alvoroço envolve esta corrida de perseguição a fim de cansar o animal. Os esquimós caçadores dividem-se em grupos de dois, segurando o arpão e o sistema de disparo, simultaneamente, que empregam quando estão ao alcance exacto da baleia. Apesar da enorme velocidade e dos constantes balouços da baleeira o esquimó raramente cai.

Atingida a presa, arrastam-na com serenidade com o arpão. Antigamente aquele era usado exclusivamente para matar a baleia (desagradável função); porém, actualmente usam-no unicamente para manter a baleia à tona da água até morrer. Quando a baleia expira, o caçador hasteia uma pequena bandeira, para que os outros grupos espalhados tomem conhecimento.

Duas ou três baleias é o número máximo que cada grupo consegue pescar, pois as restantes dispersam-se velocemente, emitindo sinais que ecoam pelas águas.

Depois de terem recolhido as presas nas pequenas baleeiras, todos os pescadores se dirigem para o porto, que muitas vezes fica à distância de 30 milhas. Para os antigos pescadores de Kayak, esta última parte era normalmente a mais difícil.

A chegada dos pescadores é aguardada por toda a aldeia, que desce à praia.

A pesca é dividida pelo povo da aldeia durante um complicado, mas eficiente, ritual baseado nas tradições do passado e nas necessidades presentes.



O caçador dispara sobre a baleia no momento exacto



O pescador é acolhido com alegria e esperança



Lançamento do arpão que impedirá a baleia de fugir



Apesar da grande velocidade e dos constantes balouços da baleeira, o esquimó raramente cai

AINDA O CASO DE MARIA BAPTISTA

A celeuma que se levantou na ilha de Jersey por causa da ordem de expulsão da portuguesa Maria Baptista, que se tornou indesejável perante a lei do país quando trouxe ao Mundo um filho ilegítimo, tinha tomado posteriormente um rumo que lhe podia ser favorável.

Um ex-componente da R. A. F. reuniu um grupo de amigos para um «cocktail» num hotel de Jersey, com o objectivo de estudar o melhor meio de salvar Maria.

Chegaram à conclusão de que a única maneira seria um deles oferecer-se para seu marido. O antigo aviador Dennis Rogers ofereceu-se então para desempenhar esse papel. Tem 40 anos e é livre, podia portanto fazer essa acto benemérito.

Dirigiu-se ao director de um jornal a fim de lhe pedir para lhe proporcionar um encontro com Maria. O encontro deveria dar-se no Grande Hotel de Jersey.

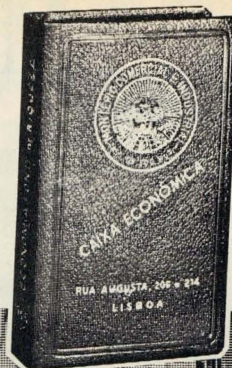
Dennis disse-lhe que a sua oferta de casamento era absolutamente sincera e desinteressada e que não implicava de modo algum a obrigatoriedade dela viver com ele. Maria continuaria livre. No entanto, se ela desejasse, ele estava disposto a dar-lhe um lar e adoptar o filho, dando-lhe de bom grado o seu nome.

Dennis Rogers tem uma boa situação como funcionário de uma das maiores firmas de Jersey e, recentemente, foi premiado pela lotaria do Estado.

Maria Baptista ficou muito sensibilizada com a oferta, mas disse que não aceitava porque tinha grandes esperanças

TAXA DE JURO 4,5%

A PRAZO DE 12 MESES E UM DIA



TAXA DE JUROS DOS DEPÓSITOS

A ORDEM (isentos de impostos)

até 30 contos	2 %
de 30 até 100 contos	1 %
de 100 a 500 contos	0,5 %
mais de 500 contos	0,25 %

A PRAZO

3 meses	3 %
6 meses	4 %
mais de 12 meses	4,5 %

ATÉ 15 CONTOS POR DEPOSITANTE
ESTÃO ISENTOS DE TODOS OS IMPOSTOS

EMPRÉSTIMOS

CAUCIONADOS POR:

propriedades
títulos de crédito
metais e pedras preciosas

•
compra de coupons
cobrança de juros e dividendos
administração de propriedades
arrecadação de valores nas casas fortes
aluguer de cofres individuais



MONTEPIO COMERCIAL E INDUSTRIAL
Rua Augusta, 206 - Telef. 32 32 24 - LISBOA

gas na petição que a seu favor tinha sido feita por alguns milhares de pessoas interessadas na solução do seu caso.

A lei de Jersey é muito rigorosa para os estrangeiros cujo comportamento é considerado impróprio. Porém, Maria tem 21 anos e deixou-se seduzir por um



Maria passeia o seu filho ilegítimo, John, que tanto escandaliza a legislatura de Jersey

italiano que não cumpriu as promessas de certo ardentes que lhe fez quando desejou atingir os seus fins. Logo que Maria lhe participou que ia ser mãe, o italiano, empregado de café de profissão, fez as malas e foi passar o Inverno em Londres. Quando regressou a Jersey

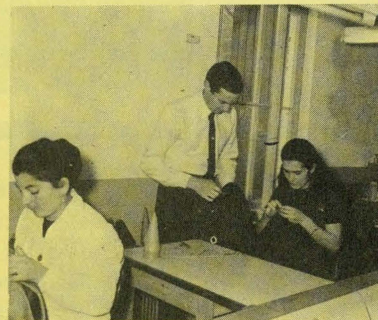


A saída da oficina, raparigas solidarizam-se com Maria, recolhendo assinaturas para a petição a seu favor



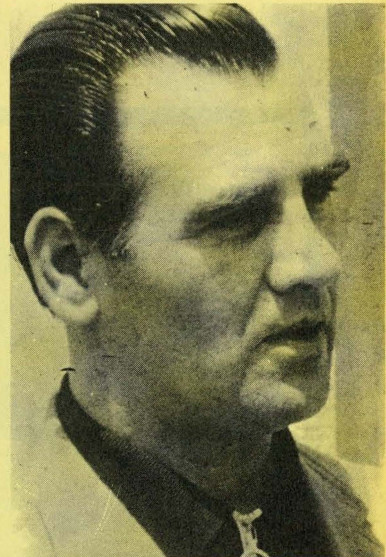
Maria Baptista e o seu filho John

foi chamado ao Departamento dos Estrangeiros e acariado com Maria. Apesar disso recusou-se a casar com ela, declarando que tinha tido muitos desses casos sentimentais semelhantes em 14 países onde havia trabalhado. Concluiu que não estava disposto a deixar-se apanhar desta vez. Confiscaram-lhe o passaporte e convidaram-no a deixar Jersey se não quisesse ser expulso. Assim, o italiano partiu deixando Maria na situação de «pessoa indesejável».



Maria é costureira numa importante firma de Jersey

A oferta de casamento de Dennis Rogers poderia alterar a posição em que Maria se encontra perante a lei. Um superior da Repartição da Coroa, consultado a respeito da possibilidade do ca-



O antigo aviador da R. A. F. Dennis Rogers que se prontificou a casar com Maria Baptista

samento, disse que nesse caso Maria tinha o direito de se tornar cidadã britânica e não seria expulsa de Jersey. Porém, muitas pessoas acham que um casamento em tais circunstâncias podia ser mal visto pelo governo da ilha. Só o tribunal de Jersey e o governador, poderiam decidir.

Finalmente, o presidente da Comissão Parlamentar de Defesa decidiu que Maria poderia continuar na ilha até encontrar outro país que a recebesse. Ao mesmo tempo chegou a Jersey uma notícia que comunicava que o ministro inglês do Interior, James Callaghan, autorizava Maria a viver em Inglaterra. Ela e o seu filho John seriam bem recebidos na Grã-Bretanha.

Mas a sr.^a Phyllis Rawlinston, presidente da comissão para salvar Maria, está disposta a continuar a campanha a favor da jovem portuguesa, indo, se necessário for, até à rainha Isabel.

A Imprensa inglesa manifestou-se contra a desumanidade da legislação de Jersey. Vários jornais insurgiram-se violentamente contra a ordem de deportação da nossa compatriota.

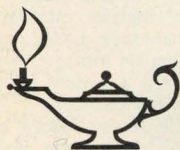
O tribunal de Jersey reabre em Setembro. Até lá, Maria pode ainda alimentar algumas esperanças.

chegou a altura de seres enfermeira!



Chegou a altura
de decidires
do teu futuro.
Porém,
deves escolher
uma profissão que,
ao mesmo tempo
te realize
humana e socialmente.
Precisas
de viver plenamente:
no plano profissional
e no plano pessoal.
A enfermagem
pode ser o teu caminho.
Vem falar connosco.

Podes dispor de facilidades de alojamento
e bolsas de estudo;
terás a certeza de colocação após o curso;
tudo isto através de uma profissão
digna, simpática, compensadora.



Informações na Direcção Geral dos Hospitais — Avenida da República, 34 — Lisboa

UMA PROFISSÃO AO SERVIÇO DA VIDA

ENFRENTANDO OS ANOS DA VELHICE

Os problemas da velhice revestem-se hoje, nas sociedades evoluídas, de extraordinária acuidade. Em Portugal, os seus primeiros indícios começaram já a manifestar-se. Neste artigo, exclusivo do «Observer» para o «S. I.», o famoso historiador Arnold Toynbee disserta com lucidez e bom humor sobre o modo como ele próprio tem reagido às limitações impostas pela sua idade avançada.

A idade avançada tem sido sempre um problema para os seres humanos. É responsável por isto o dom da consciência. É doloroso ser-se consciente de um declínio nas nossas faculdades, quer físicas quer mentais. Contudo, no mundo moderno este problema agravou-se; e há duas causas para isto: a dissolução da «família de 3 gerações» e o progresso da ciência médica.

Os idosos têm de continuar a tratar de si mesmos até à morte, ao mesmo tempo que a vida é cada vez mais longa. É um facto que a expectativa de vida activa (diferente da simples vida física) foi também alongada. Contudo, numa comunidade moderna é certamente verdade que há mais gente a ter de enfrentar mais anos de velhice com menos auxílio dos jovens de suas famílias, do que era costume nas sociedades primitivas.

Como poderemos adaptar-nos aos difíceis e penosos anos da última etapa das nossas vidas? Eu próprio tive agora de considerar esse problema e um leito de enfermo deu-me oportunidade para pensar nele. Eis porque me aventurei a propor a outros, nas mesmas condições, as minhas sugestões na matéria.

Uma das respostas ao desafio da idade avançada é a tentativa de libertação do «orgulho de viver». Por esta expressão não me refiro a arrogância, ostentação ou extravagância. Estes últimos são defeitos próprios de qualquer idade e em qualquer idade deveríamos procurar neutralizá-los. Aquilo a que me refiro é algo de mais subtil e portanto mais difícil de ser encarado. Aquilo a que me refiro é ao orgulho — o qual julgamos muitas vezes tratar-se de um orgulho legítimo — em sermos eficientes e enérgicos no desempenho das tarefas profissionais e no tratamento dos assun-

tos privados, porque nos sentimos na plena posse das nossas faculdades.

É claro que isto são virtudes; elas são mesmo condições necessárias para termos boa opinião de nós próprios. Só se tornam enganadoras quando nos levam a supor que dispomos de completo domínio das situações em que nos encontramos — por outras palavras, a sentir que somos não homens mas deuses. A aproximação da idade avançada deveria fazer-nos compreender que quando o nosso rendimento se encontrava no ponto máximo, éramos semelhantes aos deuses apenas por dom da natureza.

A natureza pode diminuir-nos em qualquer momento da vida; alguns são mesmo diminuídos logo à nascença e, quando a natureza ataca, somos impotentes para resistir-lhe. E não é conveniente afirmarmos que ela é cega porque a incompetência, a nossa própria incompetência humana, é uma explicação muito mais plausível do que a da malevolência da natureza. Mas quando a natureza se comporta benévola para connosco, o orgulho nas nossas fa-

culdades é uma ilusão que a aproximação da senilidade desmascara. Ao cumprirmos os nossos deveres enquanto podemos, demonstramos meramente que somos não deuses invencíveis mas escravos obstinados. Quando nos emperdigamos como deuses, ficamos humilhados ao sermos desautorizados pela natureza — e ela nunca deixa de fazê-lo. Se nunca esquecermos que somos simples mortais, aceitamos mais facilmente o jugo da natureza.

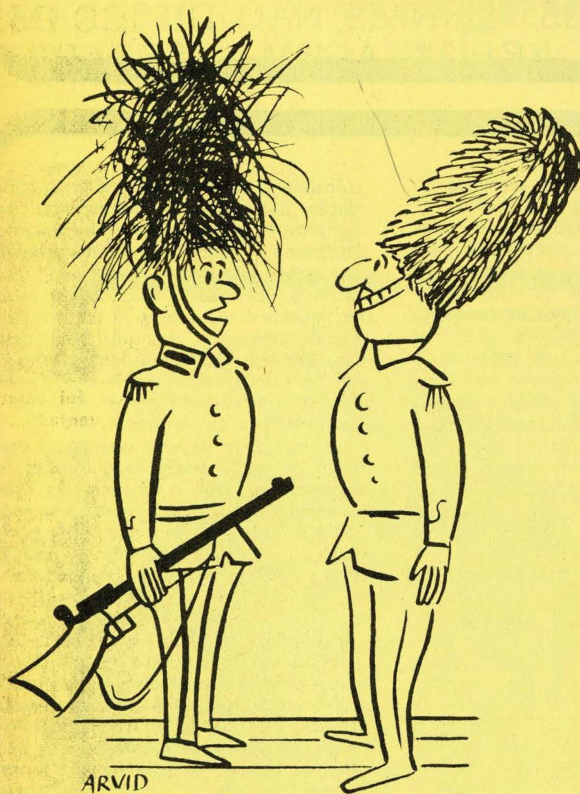
Outro dado da vida que nos é imposto na idade avançada é que todos somos dispensáveis e substituíveis. Este carácter transitório da nossa efémera condição humana tem o seu preço. A morte ou incapacidade de um colaga, amigo, parente, marido ou mulher causa profunda dor a inúmeros seres humanos, dia após dia. Mas estas baixas são próprias da vida e a experiência das gerações indica-nos que a vida continua, apesar delas. Essas baixas e as suas indesejáveis consequências tornam-se mais sensacionais quando as vítimas desempenharam papéis de relevo na vida pública ou quando as suas mortes foram prematuras. Os prejuízos resultantes para a Humanidade da morte de Dag Hammarskjöld, Chandi e Alexandre, o Grande, são evidentes. Perdas dessas são sempre nocivas à Humanidade, contudo ela tem de suportá-las melhor ou pior.

Duas virtudes que a idade deveria ensinar-nos a cultivar são a paciência e a consideração. Quando, por décadas e décadas, tratámos pronta e eficientemente dos nossos assuntos, não nos é fácil delegarmos noutros e somos tentados a refilar-se ao fazê-lo os que nos substituem não são tão bons como nós ou simplesmente não fazem como nós fazíamos. Os velhos, antes de rabujarem, deveriam reflectir que ao fazê-lo estão a incorrer no pecado da ingratidão. Além de estarmos sempre à mercê da natureza, dependemos, também, na

velhice, dos nossos semelhantes. No mundo moderno estes podem não ser necessariamente nossos familiares; podem ser profissionais de instituições que tratam dos velhos. De qualquer modo, os velhos transferem necessariamente para outros ombros humanos parte da carga que carregavam antes da idade avançada os ter surpreendido; a aceitação desta carga, adicional à própria de cada um de nós, é no mínimo um acto de bondade e, na sua expressão mais alta, um acto de amor. Os idosos

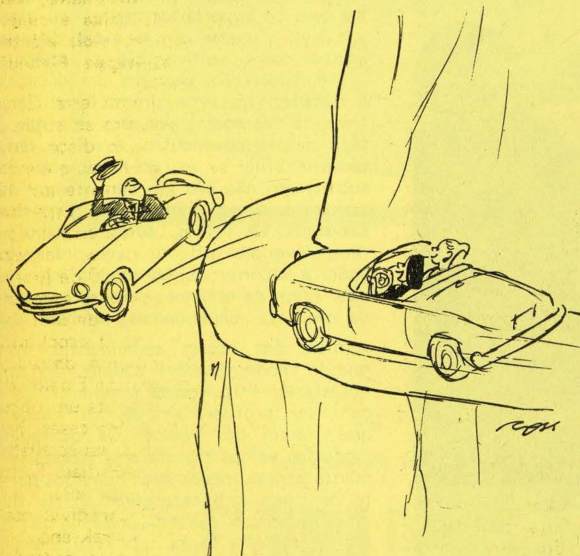


Arnold Toynbee quando, em 1960, passou por Lisboa, acompanhado pela esposa



ARVID

- HOJE O VENTO, DAQUELE LADO, ESTÁ TERRÍVEL!..



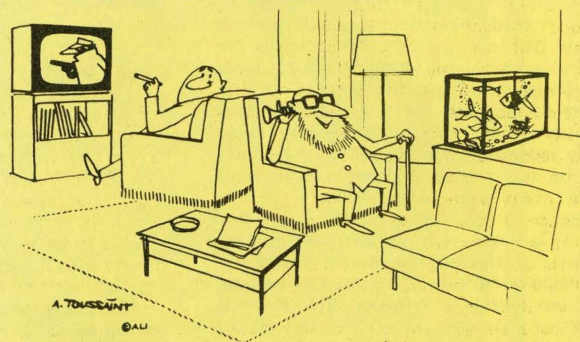
- NÃO HÁ DÚVIDA, ELE É MUITO EDUCADO!..



IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
LISBOA
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
PORTO COIMBRA FARO



- O QUE É QUE SE SEGUE, DEPOIS DO FILME SUBMARINO?



**A SINGER COLOCA
EDWARD KEEHN**

Como Vice-Presidente

**À TESTA DAS SUAS
OPERAÇÕES NA EUROPA**

A Singer Sewing Machine Company, fabricante e distribuidora altamente diversificada de máquinas de coser domésticas e industriais, equipamentos comerciais, maquinaria têxtil e equipamento para aquecimento de ar condicionado em 182 países, acaba de anunciar a nomeação do sr. Edward J. Keehn para vice-presidente encarregado da Divisão Europeia do Grupo de Produtos de Consumo para o Atlântico Norte.

Esta Divisão, cuja sede está agora em Londres, é responsável pelo mercado dos produtos de consumo em toda a área Europeia.

O sr. Keehn ocupava anteriormente os cargos de vice-presidente assistente e director-geral de Vendas na Divisão dos Produtos de Consumo para os Estados Unidos.

beneficiários desta bondade ou deste amor deveriam sentir gratidão; e a maneira mais prática de demonstrarem essa gratidão é não dificultarem as tarefas dos que os ajudam. Nisto diferem substancialmente os comportamentos das pessoas idosas e o tratamento que recebem. A paciência e a consideração facilitarão a tarefa dos benfeitores, enquanto os maus modos a agravam inutilmente.

Dissertei até agora em termos gerais, mas a experiência da velhice é sempre individual.

Não obstante, continuo a pensar que um confronto de experiências pode ser útil aos que têm de defrontar um mesmo problema. A idade avançada ataca-nos de modos diferentes. Para mim tem sido, até agora, benévola. Penso isto quando comparo o meu caso com o destino do mais velho dos meus amigos, um homem da minha idade. Física e mentalmente ele foi, pouco a pouco, ficando mais diminuído. E uma vez que ocupava um cargo administrativo que exigia trabalho de escritório, não lhe foi possível continuar a trabalhar depois da reforma. Tenho a felicidade de ser um escritor, porque os escritores continuam a trabalhar onde quer que estejam. Em última análise, posso escrever na cama com uma tábua sobre os joelhos — e é isso que faço.

Tive também a felicidade de permanecer fisicamente activo até aos 20 dias do meu octogésimo aniversário. Fui então atingido por uma trombose coronária e o imprevisto deste acidente foi desconcertante; mas uma vez mais tive sorte. Poderia ter morrido instantaneamente e em vez disso sinto-me cada vez melhor fisicamente, enquanto o meu espírito permanece intacto e activo como sempre.

É por isso que digo ter sido tratado benévola pela idade avançada até este momento. É relativamente fácil para mim não perder tempo e energia em aborrecer os que me cercam, com rabugices. Suponho que vale a pena procurarmos, todos os que nos defrontamos com a senilidade, encontrar modos positivos de aproveitar um período da vida que faz parte do nosso destino humano.

«PENINA» NEGÓCIO PARA 1500 CONTOS

Foi no Algarve, na Penina, ali perto de Portimão. Foi lá, no cenário deslumbrante, chique e ultraconfortável (ultra quase tudo, para quase todos, evidentemente...) do Hotel Golf da Penina, de portas amavelmente abertas a cerca de meia centena de convidados, que se deu o lançamento mundial de uma canção que se prevê vir a ser um sucesso em toda a Europa amante da música ligeira actual. A canção, intitulada «Penina», surgiu num momento de inspiração e «espírito altruista» do maior dos Beatles, Paul McCartney, rei do mercado musical europeu, e é interpretada pelo conjunto português Jotta Herre, privativo do hotel há cerca de dois anos. Em boa hora Paul McCartney resolveu ir tomar um «drink» ao Penina. Bebeu, conversou, conversou muito e, já noite alta, sentou-se ao piano e trauteou um rrote, uma sequência harmónica — é assim que se diz. Na sequência de tal sequência (harmónica, esta) surgiu a composição «Penina» e, com ela, a fama internacional e as benesses económicas



Ele é fotógrafo em Londres. Ela (de chapéu na cabeça, não haja confusões...) acompanha-o. Foram dois dos convidados do «cocktail» de lançamento da «Penina»



O «cocktail» do «Penina» foi chique e bem, muito bem frequentado...



O Jotta Herre com Thilo Krasmann, o autor do arranjo musical da «Penina». Da esquerda para a direita: Rui Pereira (piano e órgão); Thilo Krasmann; Carlos Castro Pinto (viola baixa e cantor principal); Aníbal Cunha (viola eléctrica e vibrafone) e Guiseppe Flaminio (bateria)

que daí advirão para o Jotta Herre. Coisa para 1500 contos, segundo se supõe...

A Philips, que editou o disco, lançou-se a sério na sua promoção e ele foi posto à venda simultaneamente em 12 países da Europa: Portugal, Espanha, França, Bélgica, Itália, Inglaterra, Suíça, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Noruega e Finlândia, no passado dia 30 de Junho.

A «Penina» foi oficialmente apresentado ao mundo no decorrer de um elegante (e bem frequentado...) «cocktail» que reuniu gente da Imprensa, da rádio, da Philips, da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e ainda um naipe de jornalistas espanhóis, franceses, holandeses, ingleses e belgas, especialistas na música ligeira dos nossos dias. Todos gostaram. Do «Penina» e da «Penina». Do sol, do Algarve, da inexcelável hospitalidade, de um belo «week-end» livre das preocupações da vida de todos os dias. Em boa hora Paul McCartney...

QUEM SÃO

OS "CÉREBROS" ALEMÃES DO PROGRAMA ESPACIAL AMERICANO?

12 ANOS DEPOIS DO SPUTNIK
O HOMEM CHEGA À LUA

2

No dia 16 de julho, se tudo correr bem, o primeiro homem partirá para a Lua. Será um americano colocado na Lua, com dinheiro americano. Mas muito do conhecimento técnico e científico que tornará possível este brilhante feito terá vindo não de americanos, mas de um pequeno grupo de engenheiros alemães, técnicos e administradores, que trabalham em Cap Kennedy.

Ao chegar ao centro espacial John F. Kennedy, em Merritt Island, na Florida, o primeiro sinal de vida perceptível, após a passagem do portão de fiscalização, é «George», um jacaré com cerca de 1 metro de comprimento, que teima em estar deitado no meio da estrada asfaltada, tomando banhos de sol. «George», juntamente com várias cobras «raccoons», peixanos e barulhentos gansos, já não se admira quando um foguetão, deixando atrás de si um rasto de fogo, se eleva no espaço. Os cientistas e outros empregados de Cap Kennedy deixam à vontade os animais, pássaros e répteis, porque a estação lunar com os seus 100 mil acres de pântano, é, ainda, uma reserva natural. O polícia que acompanha os visitantes, explicará: «São ordens pessoais do patrão. Ele preocupa-se com tudo o que existe aqui, incluindo os passaros e as árvores.»

O «patrão» é o dr. Kurt H. Debus, de 60 anos. Nasceu em Francoforte, e é o director do Centro Espacial. É um homem temperamental, com cicatrizes no queixo, que adora música clássica, fuma cachimbo e tem uma paixão enorme por peixes tropicais.

O dr. Debus dirige para cima de 23 mil engenheiros e técnicos em Cap Kennedy. Reconhecido na América como um dos principais pioneiros do espaço, foi dado o seu nome a uma das maiores crateras da Lua. De facto, ele é, ainda, mais proeminente do que o seu «colega dos foguetões», o dr. Wernher von Braun, que também é alemão.

O dr. Debus estudou em Berlim e Darmstadt antes de ir para a América, em 1945. Trabalhou, primeiro, no Centro de Foguetões, em Huntsville, no Alabama, antes de tomar conta de Cap Kennedy. Ai confiaram-lhe uma missão que se

afigurava impossível — construir o maior edifício jamais visto. O Engineering Hall tem 145 metros de altura e tamanho suficiente para albergar vários campos de futebol, bastante à vontade. As portas, maciças, têm 90 metros de altura, e se os 125 enormes ventiladores não estão sempre a trabalhar, formam-se nuvens por baixo do tecto.

No gabinete do dr. Debus encontra-se uma fotografia assinada com uma dedicatória do falecido presidente dos E. U. John F. Kennedy, e uma gravura de Francoforte pendurada na parede. O dr. Debus declara: «Falei há pouco com dois membros do Congresso. Nós denunciamos do Congresso e do Senado para obtenção dos fundos que nos permitem continuar o nosso trabalho aqui. De momento, eles estão a ser um pouco parcimoniosos.»

O dr. Debus aprendeu a ser, ele próprio, um pouco parcimonioso. 500 milhões de dólares passam-lhe pelos dedos todos os anos. Um dos seus maiores problemas é não gastar demasiado, especialmente com os salários e preços, sempre a subir. «De futuro — diz — apenas poderemos enviar 3 ou 4 foguetões por ano à Lua.» Ao mesmo tempo, acredita que, dentro de 5 anos, se desenvolverão técnicas que permitirão aos cientistas recuperar do espaço foguetões já utilizados, de modo a poderem ser usados segunda vez.

O dr. Debus será o homem responsável pela ordem de partida para a Lua da Apolo-11. Simultaneamente, terá sempre o dedo apoiado no botão de salvamento que libertará a cápsula da aterragem e apoiará os foguetões, se alguma coisa correr mal. Diz ele: «Tremo como varas verdes antes de cada lançamento. O meu subconsciente trabalha continuamente, sugerindo que talvez nos tenhamos esquecido de qualquer coisa, em qualquer ponto.»

Sempre que o dr. Debus dá o sinal de partida para um voo interplanetário, está acompanhado pelo seu colega e compatriota, dr. Wernher von Braun, que é o director do Centro de Foguetões em Huntsville, Alabama. Foi von Braun quem presenteou a América com o seu primeiro satélite, e cujos fogue-

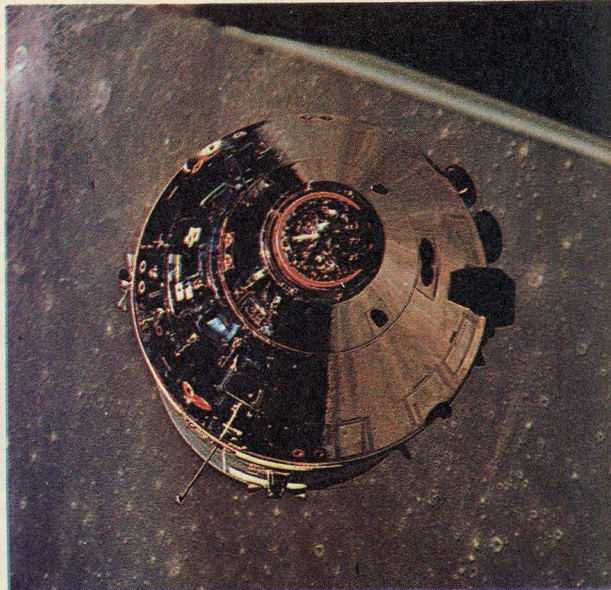
tões Saturno-V impulsionarão o homem para a Lua. Von Braun recebeu um total de 17 graus honorários. Referindo-se aos rumores de que não se dá bem com o dr. Debus, von Braun declarou: «É pura tolice, termos de confiar um no outro. Eu sou o especialista de foguetões, e o dr. Debus o responsável pelo seu lançamento.»

O «homem do meio», entre von Braun e Debus, é outro alemão, um engenheiro de Brunswick, chamado dr. Hans Gruene. As suas responsabilidades incluem o Assembly Hall, as partes individuais dos foguetões, e o seu transporte para a rampa de lançamento. Orienta, também, as operações finais de disparo. A quem quer informações sobre um dos foguetões americanos, diz-se: «Pergunte ao dr. Gruene. Ele sabe tudo.» O que não é pouco, uma vez que cada Saturno-V tem 5 milhões e 600 mil peças. O dr. Gruene está já a trabalhar activamente na Apolo-12. A sua grande preocupação é a de que os computadores que regulam as ordens, etc., não trabalhem com suficiente rapidez. «Não se pode, de

facto, fazer trabalhar demais um cérebro electrónico» — explica.

Outra das coisas mais vitais no lançamento de um foguetão é a própria rampa de lançamento. Os responsáveis pela sua construção são os dois engenheiros alemães Kurt P. Herold, de Coburg, e Theodor A. Poppel, de Leverkusen. Um dos seus principais problemas é constituído pelo facto de a base da ponte dos foguetões abanar com o mais pequeno golpe de vento, tornando o caminho dos astronautas da rampa para a cápsula, a 30 metros de altura, extremamente perigoso. Fizaram 6 mil desenhos da ponte, antes de ser encontrada uma solução. Os dois engenheiros receberam um bônus monetário do governo dos E. U., devido aos seus esforços, e outro tanto ao inventarem um meio de, numa emergência, salvarem as vidas dos astronautas — uma rampa tubular que conduz directamente do cimo da torre de lançamento a uma câmara subterrânea a prova de explosão.

Outro homem cuja vida está constantemente em perigo é Gunther Wendt, que é originário de Berlim. O seu título oficial é o de



Fotografia do módulo da Apolo-10 nas proximidades da Lua



Da esquerda para a direita: ARMSTRONG, COLLINS e ALDRIN, os três intervenientes directos na façanha americana do próximo dia 20. Armstrong e Aldrin descerão na Lua!

«Pad Leader» (Chefe da Protecção), e, por isso, os astronautas chamam-lhe de brincadeira, «Mein Führer» («My Leader»). Sendo, talvez, o homem mais importante em Cap Kennedy, durante as 3 horas que antecedem um lançamento, Wendt tem de experimentar todos os 640 interruptores a bordo das cápsulas, experimentar os cabos de intercomunicação e amarrar os astronautas. «Só quando estou absolutamente seguro de que tudo está em ordem é que digo adeus aos rapazes e selo a cápsula.» Wendt está bem ao corrente do facto de que o mais pequeno erro pode causar um curto-circuito que, por sua vez, pode fazer explodir o foguetão cheio de combustível, levando-o para o outro mundo.

Klaus Jurgen Milken, de 30 anos, é outro alemão que trabalha em Cap Kennedy. Sendo o mais jovem da equipa alemã, trabalha para as autoridades do programa espacial como operador de cinema e rotógrafo, à distância. O seu trabalho é apor as necessárias câmaras na cápsula espacial e torre de lançamento, de modo a registar todos os momentos antes, durante e após a decolagem. Por três vezes, quase ia sendo morto: uma vez explodiu um foguetão, e os fragmentos vieram cair perto dele; de outra vez, um tanque de combustível incendiou-se, e, da terceira vez, estava no cimo da torre quando começou o fogo que causou a morte de três astronautas. «Mesmo assim — declarou — gosto do trabalho e é muito bem pago. Na minha terra (na Alemanha) nunca poderia dar-me ao luxo de ter uma vivenda com piscina, e, certamente, não teria guardado na garagem um Humderbott novinho em folha.»

Uma bonita casa, um automóvel de luxo e um ordenado suficientemente grande para metade poder ser posta no Banco todos os meses, são algumas das coisas que atraem e retêm os alemães em Cap Kennedy. Há, também, claro, a excitação gerada pelo programa espacial, a sensação de serem os «Colombo do século XX...»

Uma razão para elevado número e importância de alemães no programa espacial americano, é que muitos deles foram prisioneiros pelos americanos no fim da guerra. Foram os alemães, com os seus foguetões V-1, quem utilizou, pela primeira vez, mísseis, e, em consequência disso, dispunham de grande



O dr. Wernher von Braun é um dos principais pioneiros dos voos espaciais. Nascido na Alemanha de Leste, presenteou os E. U. com o seu primeiro satélite e também com o foguetão Saturno-V, que impulsionou as cápsulas Apollo



O engenheiro Hurl Butts, de 60 anos, nasceu em Francoforte. Hoje, ele é o director do Centro Espacial John F. Kennedy, o «patrão» de 23 mil técnicos e engenheiros

experiência. Pensa-se que os russos também têm alguns alemães a trabalhar para eles nos seus planos espaciais.

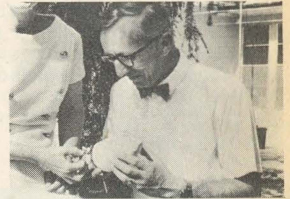
No que diz respeito à própria Alemanha, têm, naturalmente, grande interesse nas realizações de Cap Kennedy. Não será, pois, de surpreender, que os alemães tenham desenvolvido um ar quase de propriedade relativamente ao programa Apollo, como se tivessem feito tanto por ele como os americanos. E com homens como o dr. Butts e Wernher von Braun, este sentimento é, até certo ponto, justificado, embora esses homens prefiram pensar em si próprios como ex-alemães...



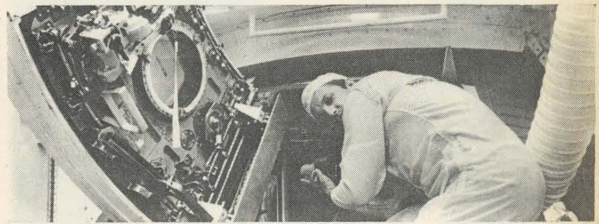
Com base na espantosa experiência efectuada pela Apollo-10, uma antevisão gráfica do que irá passar-se dentro de oito dias: a cápsula encontra-se em órbita lunar, enquanto o módulo, já destacado, se aproxima da superfície da Lua



O dr. Hans Gruene, de 59 anos, nascido na Alemanha Ocidental, é o responsável, em Cap Kennedy, pelo Assembly Hall: local onde se constroem os foguetões e as cápsulas espaciais americanas

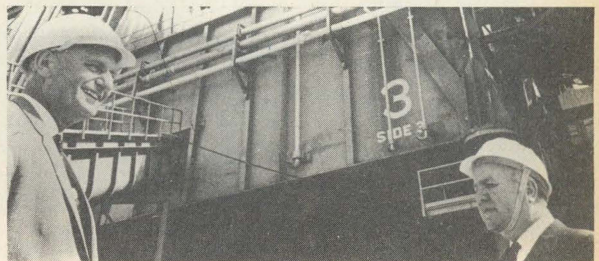


O engenheiro Guenther Wendt é o homem mais importante em Cap Kennedy, durante as 3 horas que antecedem o lançamento: tem de verificar 640 interruptores, amarrar os astronautas e selar a cápsula. Wendt é alemão de nascimento. Aparece na foto ao lado de sua mulher, Herma



Klaus Wilkens, de 30 anos, alemão, é o técnico que assegura as históricas fotografias dos voos espaciais. É ele quem faz a montagem das câmaras fotográficas nas cápsulas e rampas de lançamento e quem dá lições de fotografia aos astronautas

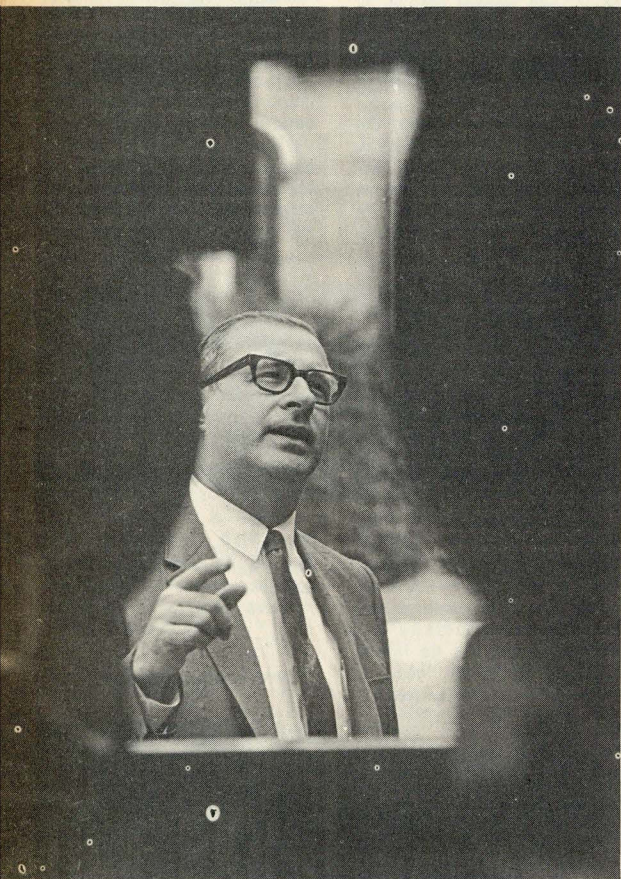
Theodr. A. Poppel e Kurt P. Herold (alemães), construíram as rampas de lançamento dos principais foguetões americanos



TOM PAINE DIRECTOR DA NASA:

"UTILIZAMOS OS FALHANÇOS COMO ESTÍMULO"

Enquanto tenta persuadir os seus compatriotas a chegarem às estrelas e se esforça por convencer o Congresso de que são necessários biliões para serem os primeiros no espaço, Tom Paine faz-nos recordar as palavras de um seu ilustre antepassado. Foi em 1776 que o seu antecessor, Thomas Paine, declarou: «Temos connosco o consolo de pensar que quanto maior é o conflito mais glorioso é o triunfo... Aquilo que obtemos com demasiada facilidade, estimamos pouco; é apenas a dificuldade que dá a tudo o seu valor.» O contemporâneo Thomas Paine conhece as dificuldades e possui coragem. Se a sua missão triunfar, o seu nome poderá vir a ser não menos venerado do que o do seu antepassado.



TOM PAINE, director da N.A.S.A., não confina as suas actividades ao sector executivo. Como cientista qualificado, ocupa-se de todos os sectores das actividades relacionadas com os voos espaciais

«O satélite está fora de «controle e volta ao ar.»

A voz que surgiu através do intercomunicador no Centro Espacial Goddard, tinha um acento de urgência. O homem que estava sentado em frente do escuro auditório, inclinou-se para a frente, a fim de observar a pulsação das telas monitoras multicoloridas. «Não!» O desabafo exprimiu um pouco do profundo desapontamento e pesada responsabilidade do dr. Thomas O. Paine, administrador da National Aeronautics and Space Administrations (N. A. S. A.).

Dez segundos antes, tudo estava perfeito. O satélite de aplicações tecnológicas, de 30 milhões de custo, tinha tido um lançamento perfeito no Cape Kennedy. Com todos os sistemas a funcionar, tinham sido recebidas mensagens de todo o Mundo. Joanesburgo comunicou «O. K.»; o mesmo fez a Austrália e o Japão. Depois chegou o momento de impelir o satélite para 22 mil milhas acima. Apareceu um sinal de rádio numa fracção de segundo. Nada aconteceu. O satélite agitava-se agora, por sobre a escura face da Terra, descontrolado e incontrolável.

Surgiu de novo a ordem: «Comunique o falhanço do satélite ao dr. Paine.» O director da N. A. S. A. cruzou os braços e com um amargo sorriso declarou: «Diga-lhes que já sei.» Depois, voltou-se e disse: «Quando se está envolvido na maior aventura de toda a história do género humano, espera-se e aprende-se a aceitar os falhanços. Tudo aquilo que estamos a fazer é novo. Utilizamos os falhanços como estímulo.»

Eu tinha atravessado o país para entrevistar Tom Paine. Considero-o como um velho amigo. Conheci-o em Santa Bárbara, quando ele dirigia o

Centro Tempo da General Electric. Agora, queria saber qual a sua reacção ao ser nomeado director da N. A. S. A. e especificamente encarregado de levar os americanos à Lua. Esta é, apenas, uma das suas responsabilidades, que também incluem os satélites de clima e comunicações, os mísseis de defesa e uma longa lista de vários projectos científicos. No seu grande e elegante gabinete, no cimo do quartel-general da N. A. S. A., em Washington, Paine inclina-se para uma mesa de café, baixa, e fala sobre o seu assunto favorito: «Aqui na N.A.S.A., nós, investimos em jovens com ideias novas. Contamos com os resultados, pondo-os em ambientes criativos. Desafiamos-lhes com perguntas. Perguntamos-lhes, por exemplo, como podemos adquirir mais dados das provas espaciais. Perguntamos-lhes como melhorar a recepção de mensagens que vêm do espaço, etc.

A sua voz é modulada, autoritária. Sendo talvez o melhor cientista director no país, ele usa melhor um fato de negócios do que uma bata de laboratório. Tem 47 anos e parece mais novo e mais em forma do que antes — «talvez porque estou rodeado de pessoas tão entusiasmadas pelo espaço como eu».

Uma secretária entra com uma mensagem de telex. É do Cape, um primeiro relatório sobre a possível causa do falhanço do satélite. Lê a mensagem sem fazer comentários, faz um cortês aceno de despedida à secretária, e continua: «É um facto digno de interesse que as pessoas que estiveram numa situação durante muito tempo, e pensam que sabem tudo, muitas vezes não sabem nada. A História está cheia de peritos que não foram capazes de ter um pensamento criador. A máquina «diesel» não foi inventada por uma companhia de caminhos-de-ferro. O avião a jacto não foi inventado por companhias que trabalhavam em motores de pistons. A máquina fotográfica Polaroid não foi posta à venda por uma das grandes marcas de aparelhos fotográficos. Conseguiremos alcançar o espaço se pudermos responder a muitos problemas transcendentais.

Us responderemos a eles se os abordarmos por novos ângulos.»

Inclina-se para trás e solta um ligeiro suspiro. A sua frase seguinte denota uma inespereada brusquidão: «Outro atributo de que necessitamos nas pessoas é de que não desistam. Aqui, na N. A. S. A., se se falha, continua-se. Falha-se de novo, continua-se de novo, de modo diferente.

Quando Tom Paine estava na General Electric, um dos seus colegas disse-me: «Este homem é tão criador que temos de desperdiciar tempo a tentar apañar as suas ideias no ar, porque quase todas são valiosas.»

A N. A. S. A. constitui a quarta carreira de Paine. Primeiro, seguiu o pai na marinha. No final da segunda guerra mundial pilotou um submarino japonês através do Pacífico. «Não o submergimos — recorda — com um sorriso — porque não sabíamos qual o botão a utilizar para o trazer de novo à superfície.»

Depois da guerra, obteve a sua licenciatura em Metalurgia Física da Universidade de Stanford, onde trabalhou como cientista pesquisador. Uma das suas numerosas invenções é o pequeno magneto Sodex, utilizado nos aparelhos auditivos. Em 1963, a General Electric contratou-o para chefiar a Tempo, onde dirigiu 400 cientistas e tecnólogos, em busca de clientes de alto nível, no estrangeiro e nos E. U. A.

Achou o trabalho muito interessante. O seu interesse alcançou toda a fronteira do avanço científico. Num dia, estava a discutir com cavalheiros árabes os modos de melhorar a economia agrícola do Sara; no seguinte, faria de advogado do diabo, para um jovem cientista que pensava ter quase inventado um computador falante. («Não se está longe disso»).

Paine chegou a conhecer chefes de gabinete, ministros e cientistas de todo o Mundo e recebeu convites de locais distantes. A sua aptidão para articular noções pesadamente científicas, em linguagem corrente e para intercalar filosofia caseira («Estamos de volta aos Jardins do Paraíso, por isso o que é que desta vez vai o homem fazer?») tornaram-no um orador agradável. É membro de 30 sociedades científicas.

Numa soalheira manhã de domingo, depois de um fim-de-semana no mar com a família, o rumo de Tom Paine mudou pela quarta vez. Uma inesperada carta, vinda da Casa Branca, assinada pelo presidente Johnson, convidava-o a tornar-se ajudante de James Webb, à data administrador da N. A. S. A. Nessa altura perguntelhe: «É verdade que você será pessoalmente responsável por colocar homens na Lua?»

Recordo o seu franco olhar e a expressão viva, quando respondeu: «Não, não é verdade. Existem 450 mil pessoas que vão colocar homens na Lua. Eu vou ser uma delas.»



Não foi fácil para a família Paine deixar Santa Bárbara. Consolaram-se com a ideia de que poderiam encontrar uma casa nas colinas que bordejam Washington, onde as árvores crescem muito. «Isso não é para nós — disse-lhes Paine. — O meu trabalho na N. A. S. A. é um trabalho de ideias. As ideias vêm da rua, de contactar com as pessoas. A nossa casa tem de ser dentro da cidade. (Mora a 15 minutos apenas do Capitólio).

Tom Paine é um descendente directo do articulista revolucionário cujo nome usa. Os locais favoritos da família, em Washington, são o monumento à memória de Jefferson e a Instituição Smithsonian. «Ambos nos fazem lembrar — diz ele — a melhor parte do nosso passado, e mostram-nos para que lado devemos caminhar.»

Está seguro de qual deve ser o rumo da nação. «Para fora e para cima. Chegámos a um ponto em que temos de decidir se vemos novas fronteiras e crescemos, ou se, como os «hippies», nos preocupamos com os nossos próprios assuntos e afundamos. Como pessoa é fácil ser-se obcecado por problemas internos, por exemplo, estarmos totalmente preocupados com o crime e os distúrbios raciais. Mas se continuarmos a olhar para fora, encontraremos tanto um renascimento cultural como as respostas aos nossos problemas internos. De certo modo, todos temos a hipótese de escolher

entre termos «hippies» e hipocritas, ou envolvermo-nos no verdadeiro mundo. Se o que procuramos é entusiasmo. Se é verdadeira aventura, então existe um Universo ilimitado para explorar, assim como novas e magníficas cidades para construir.»

Um novo pensamento agita-o. Procura num monte uma fotografia colorida da Terra, tirada a 22 mil milhas no espaço. «Não há dúvida que mostra a unidade da Terra, não é? — diz. — Demonstra o artificialismo das fronteiras políticas.»

Quando escuta as perguntas, os olhos de Paine, por detrás dos seus óculos de tartaruga, apresentam a concentração de um leitor de lábios. Parece dissecar cada palavra, para medir o seu alcance.

«O maior perigo para a América? — Repete a minha pergunta e pensa-a um momento. — Então? Sim, penso que é a mentalidade suburbana. Existem demasiadas pessoas que vivem isoladas em suas casas, e limitam as suas fronteiras à cozinha, ao clube ou ao supermercado. Não é mais saudável viver este género de vida do que usar barbas e viver numa caverna. O verdadeiro mundo é algo difícil de encontrar. Não se consegue definir. Tem de ser experimentado. O melhor que se tem a fazer, hoje em dia, é levantarmo-nos e envolvermo-nos. O interesse surge do facto de procurarmos a realidade em locais estranhos. Pergunte ao estudante médio se gostaria de ser banqueiro. Gritará: «Não, que diabo! Não são esses os homens de calças de riscas que contam dinheiro nas traseiras de prédios velhos?». Contudo, o futuro da nossa sociedade reside na habilidade em poupar as nossas fontes e investir em coisas que proporcionem rendimentos proveitosos no futuro. Ouve-se uma imensidade de conversas idealistas sobre como acabar com a pobreza na Índia. É óptimo, mas é o banqueiro de Illinois que ajudará a construir a fábrica de adubos em Bombaim.»

Existe um surpreendente

lampeio de irritação na voz de Paine, quando diz: «Honestamente, o que temos a fazer é banir os estereótipos e as caricaturas dos espíritos dos jovens. Temos de lhes mostrar as fascinantes oportunidades criadoras que os negócios oferecem hoje em dia.»

O seu humor volta, à medida que agita as mãos para protestar que não consegue compreender por que razão as outras pessoas não acham a vida tão excitante como ele. É este entusiasmo sempre latente que gera o movimento de progresso à volta de Paine. Um colega tentou definir isso: «Não sei o que é, mas trabalhamos mais depressa e melhor quando Tom Paine está perto.»

Paine pensa que é normal seguirem-se duas, três ou mais carreiras, antes de se seleccionar uma definitiva: «Porque não? A vida é uma coisa completamente espectacular. Desde o dia em que nasce, a vida deve oferecer ao homem uma tremenda quantidade de experiências, é excitante mudar de carreiras. Mantém-nos em forma. Uma das grandes modificações educacionais que vamos testemunhar é ver as pessoas serem preparadas para uma variedade de empregos.»

Intriga-o o facto de o seu filho mais novo, Frank, parecer ter herdado uma mentalidade científica. Frank consegue calcular a velocidade de um satélite nas costas de um sobresscrito. Na Instituição Smithsonian, Paine observa o filho a estudar os exemplares de foguetes e observa. «O espaço é, realmente, a sua fronteira. O espaço vai pedir à sua geração uma tremenda coragem, energia e imaginação.»

Franck, que ouve uma parte desta frase, olha para cima e diz-me: «Disse ao pai que hei-de ir num foguetão lunar, mas ele diz que primeiro tenho de ganhar um bilião de dólares para reservar lugar.»

Paine ri-se e diz: «Porque não tentar? Depois, levanta os olhos para a exposição de prémios, o «Spirit of St. Louis», suspenso. Comenta para Frank: «Todos podemos desejar. Mas se valemos alguma coisa, temos de ir para a frente, e fazer singrar as nossas ideias. Foi o que Lindbergh fez. Isso é o que conta.»

Enquanto corre todo o país, visitando as indústrias espaciais contratadas da N. A. S. A., Paine recorda, frequentemente, o desafio de John F. Kennedy: «O homem na Lua em 1970.»

Em certa altura, a N. A. S. A. esteve atrasada no programa lunar, mas Paine não estava com pressa de adiar a data. Agora parece que o seu optimismo e fé na equipa que dirige vão dar bons resultados:

«O nosso programa e a nossa finalidade têm um alcance muito maior do que pôr homens na Lua — diz. — Por meio das simples tentativas de sair para o espaço, estamos a criar o ambiente para resolver muitos dos problemas da Terra. Por exemplo, os problemas das cidades.»



TOM PAINE: «Existem 450 mil pessoas empenhadas em levar o homem à Lua. Eu sou uma delas.»

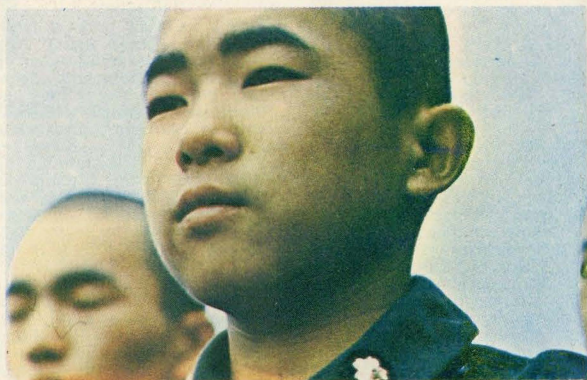
O JAPÃO REARMA-SE —TIMIDAMENTE...

A nova confiança de que desfrutam as forças de auto-defesa deriva principalmente do alto nível de preparação do seu pessoal

Pela primeira vez, desde o fim da segunda guerra mundial, os navios de guerra japoneses mostrarão a sua bandeira no Sudeste asiático, entrando nos portos da Índia, Paquistão, Cêtião, Tailândia, Filipinas, Austrália, Nova Zelândia, Malásia, Singapura e Formosa. O facto de nenhum movimento de protesto ter recebido esta iniciativa indica as grandes modificações que estão a verificar-se no Sudeste asiático, onde ainda há 25 anos apenas a marinha imperial japonesa impôs o seu poder de modo tão implacável. Um discreto rearmamento está em curso na terra do Sol Nascente.

O «Japan Times», em editorial publicada há algum tempo, afirmou: «A sequência dos aconteci-

mentos que afectam o Leste da Ásia tem ultimamente tornado necessário ao Japão tomar um maior interesse pelos assuntos militares...» Eisaku Sato, o primeiro-ministro do Japão, que é possivelmente o responsável pela difusão da nova política, é reputado como tendo afirmado que o seu país teria de aumentar o seu poder de defesa em proporção com os seus recursos a fim de se proteger a si próprio. Quase imperceptível mas seguramente uma nova tendência começou a governar o povo do Japão — uma nova tendência por enquanto discernível apenas na minoria que governa uma nação cada vez mais poderosa, à medida que vai sendo afastada a crise de consciência que paralisou a

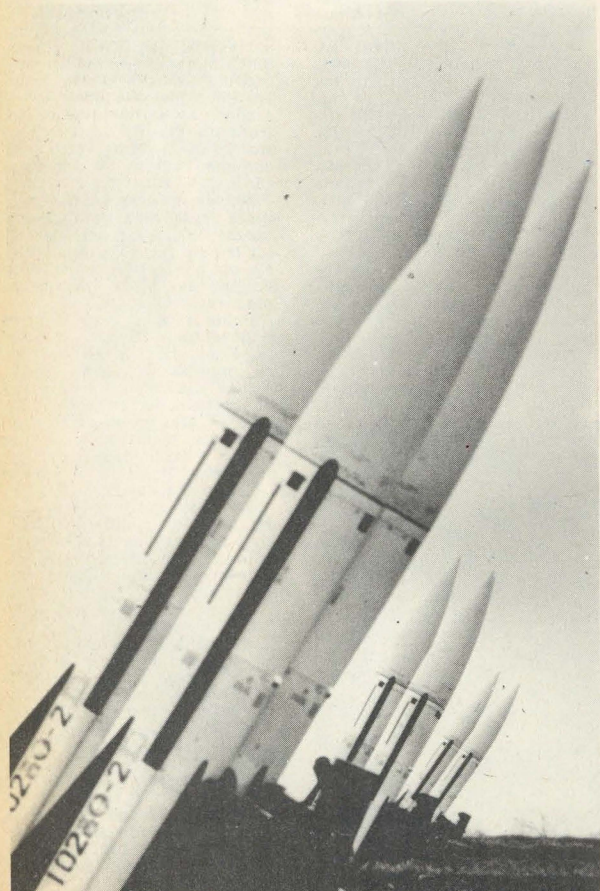


nação japonesa depois da guerra.

Para o povo do Japão, dividido pela guerra, as forças armadas que se seguiram a esta têm representado uma carga embaraçosa. Depois da sua derrota em 1945, o Japão foi totalmente desarmado e a nova Constituição apelou para o povo no sentido de «renunciar para sempre à guerra como direito soberano da nação e à ameaça ou uso da força como meio de resolver disputas internacionais». Depois de 1950, quando a maioria das forças americanas de ocupação partiram para a guerra da Coreia e os problemas da segurança japonesa caíram sobre os seus próprios ombros, o Comando Aliado deu instruções ao governo japonês para constituir uma força de polícia nacional de 75 000 homens e uma marinha costeira de 18 000. Em conjunto, estas tornaram-se no embrião do Jieitai ou Forças de Autodefesa, designação eufemística pela qual são conhecidas as forças armadas.

Desde então as Forças de Au-

todefesa percorreram um longo caminho. Para uma nação cuja Constituição renuncia à guerra, um exército permanente de cerca de 300 000 homens em armas é notável (conquanto sejam ainda poucos comparados com os 5 989 000 homens em armas de 1945), e muitos japoneses creem que o Japão dispõe do segundo mais poderoso exército na Ásia. Equipado com 1000 tanques (a maioria dos quais dispõe de canhões americanos de 75 mm.), 240 navios (90 fabricados no Japão), alguns com mísseis superfície-ar, e cerca de 600 caças, a maioria F-86 Ds mas alguns Starfighters F104J Supersónicos, as Forças de Autodefesa devem considerar-se aptas a enfrentar qualquer força oposta, embora lhes falte mobilidade. Respeitando a Constituição, a qual é actualmente interpretada no sentido de restringir apenas o comprometimento e expansão das forças de Autodefesa fora das fronteiras, as forças japonesas encontrariam sérias dificuldades para se lan-



çar em quaisquer missões de longo alcance sem um auxílio substancial dos Estados Unidos.

A nova confiança de que desfrutam as Forças de Autodefesa deriva principalmente do alto nível de preparação do seu pessoal. Bem disciplinados, duros e altamente treinados, os homens das Forças de Autodefesa são reputados como tendo ultrapassado os níveis do antigo exército imperial. Mas a relação das Forças de Autodefesa com os seus famosos precursores afigura-se, para muitos japoneses, ainda demasiado grande. Os membros das Forças de Autodefesa são menos populares do que merecem. Um capitão ganha apenas o mesmo que um condutor de táxi de Tóquio. «A história das forças armadas do Japão — escreve um comentador — é uma história de luta no sentido de criar uma imagem melhor.» Essa luta levou as Forças de Autodefesa a conceder pronta assistência às autoridades civis em ocasiões de inundações, tufões, morçõs, socorros na montanha e outras catástrofes. Os resultados desta política têm sido lentos, contudo os homens de uniforme já não são chamados «adões de impostos» e «belicistas». Em 1954 apenas 58% da população japonesa era favorável à manutenção de um dispositivo militar; esta percentagem aumentou para 76 em 1967.

Atitudes pouco encorajadoras não conseguiram evitar que o governo pusesse em execução o Terceiro Plano de Defesa de Cinco Anos (1967-1971). As despesas com a defesa que têm orçado apenas por 1,2% do produto nacional bruto aumentaram para cerca de 2% em 1971. As disponibilidades humanas não aumentaram muito — apenas cerca de 8500 oficiais e soldados — mas o poder será grandemente alargado através de novos tanques, baterias de mísseis em redor das principais cidades e das áreas industriais, caças Phantom e forças navais muito melhoradas, incluindo 5 submarinos e 11 «destroyers».

A economia japonesa pode facilmente fazer face a tudo isto. Aumenta à razão espantosa de 10% anualmente e o Japão está a caminho de se tornar o terceiro país do Mundo nas listas de produto nacional bruto. Fabricando mais navios do que a produção combinada dos três países que se lhe seguem, o Japão pode facilmente converter esta capacidade em construção naval de guerra. Também na sua posição de principal produtor mundial de rádios e aparelhos de televisão pode facilmente adaptar esta indústria às necessidades militares de comunicações. O facto de ocupar o segundo lugar mundial, a seguir aos Estados Unidos, na produção de camiões, assegura-lhe um exército altamente móvel. Para culminar tudo isto, o Japão produz mais aço que qualquer outro país excepto os dois poderes máximos mundiais — Estados Unidos e Rússia — e ocupa o quarto lugar na produção de energia para fazer girar a sua gigantesca indústria. O potencial é formidável e devido ao facto de menos de 10% do orçamento



Bem disciplinados, duros e altamente treinados, os homens das forças de autodefesa são reputados como tendo ultrapassado os níveis do antigo exército imperial

anual estar consagrado à defesa — uma espécie de feriado de defesa, tornado possível pelo escudo protector dos Estados Unidos — não se verificaram no Japão aquelas despesas excessivas e ruinosas que têm afligido outras nações asiáticas.

As atitudes do Japão perante tudo isto são complexas. Edwin O. Reischauer escreveu que foi apenas nos anos 60, quando os brilhantes resultados económicos trouxeram uma nova confiança aos corações desmoralizados dos japoneses que estes se aventuraram a sair de uma hibernação auto-imposta relativamente ao Mundo. Dois factores contemporâneos influenciaram a atitude

do Japão para com a questão da defesa: o tratado de segurança americano-nipónico que providenciava o estacionamento de forças armadas americanas no Japão e as relações do Japão com a China.

Recentemente, o grande jornal «Asahi Shimbun» levou a efeito uma sondagem à opinião pública, acerca do tratado que deverá começar a ser revisto em 1970. Onze por cento das pessoas entrevistadas pronunciaram-se a favor da revisão, 14% a favor do cancelamento, 19% a favor da continuação e a grande maioria, 56%, não tinham a certeza. Porém, o que é mais significativo, 45% das pessoas interrogadas

Parece ter retomado a antiga força a velha marinha imperial japonesa que durante a segunda guerra mundial impôs o seu poder de maneira tão implacável



O JAPÃO

persavam que as bases americanas no Japão eram prejudiciais ao país e apenas 18% favoreciam a sua continuação. O assunto é tão crucial para a vida política japonesa que o presidente do Komeito, o Partido budista da ala direita, pediu uma manifestação nacional, «a fim de se evitar uma repetição inútil dos choques frontais entre as forças da esquerda e da direita». O governo do primeiro-ministro Sato tornou já bem evidente que deseja ver reconhecido o valor e a necessidade do tratado o que tem aborrecido consideravelmente os partidos da esquerda.

O fulcro da questão é a presença de forças americanas no solo japonês, particularmente em Okinawa. Todos os partidos da oposição concordam em que as forças americanas deveriam abandonar o país. Os comunistas afirmam: nada de armas para a burguesia japonesa. Se o Japão fosse socialista então o quadro mudaria de figura. O Partido Socialista Japonês declara-se a favor de uma «neutralidade desarmada». A seu favor encontram-se as pessoas mais velhas que se recordam da guerra do Pacífico e da tirania militarista. Os socialistas democratas aceitam a necessidade do escudo americano mas dizem que ele deveria ser de longo alcance, mantido por mísseis e bombardeiros, e não pela presença de militares das forças armadas. Komeito prefere uma dissolução por fases da presença americana a levar a efeito em 10 ou 20 anos e a incorporação eventual das Forças de Autodefesa numa força de paz das Nações Unidas.

Apesar destas diferentes atitudes a oposição está unida na sua posição conservadora relativamente à defesa. Em 1968 o Ministério da Agricultura, Kuraishi Tadao, advogou publicamente o rearmamento e denominou a Constituição actual anti-guerra «uma coisa de loucos».

O problema da China Comunista, põe em foco a ambivalência do Japão. O Japão parece não ter problemas com a China Comunista. E dado o facto de não dispor de relações diplomáticas com esse país é o principal parceiro comercial da China. A esquerda simpatiza fortemente no plano ideológico com a China Comunista e a direita não está inclinada a perder aquilo que é obviamente um ótimo mercado para os produtos japoneses. Porém a «revolução cultural» e a bomba H provocaram no Japão um movimento de paragem e reflexão. Para muitos observadores estes dois factores podem desequilibrar a balança a favor de um Japão mais poderoso, possivelmente armado de dispositivos nucleares para defesa contra a China Comunista.

Evidentemente, isto é também possível considerada a tecnologia japonesa. Existem 11 reactores de investigação já a trabalhar e a primeira central de energia nuclear em Tokai Maru come-

Muitos japoneses creem que o Japão dispõe do segundo mais poderoso exército da Ásia. Equipado com 1000 tanques, 240 navios, alguns com mísseis superfície-ar, e cerca de 600 caças, as forças de autodefesa devem considerar-se aptas a enfrentar qualquer força oposta, embora lhes falte mobilidade



cou a funcionar em 1965. Em 1975 os reactores nucleares deverão produzir cerca de 6000 megawatts de energia alcançando uns fenomenais 30 000 a 40 000 megawatts em 1985. Isto significa 3 toneladas de plutónio utilizáveis na bomba em 1975 e 35 toneladas em 1985 — ou seja, um potencial de fabrico de bombas na ordem dos milhares apesar de o Japão só ter abordado a indústria nuclear a partir de uma base pacífica. A esquerda continua a suspeitar do substancial programa nuclear pacífico e aponta como prova das suas suspeitas o esforço no sentido da produção de mísseis. Uma tecnologia de foguetões muito desenvolvida existe já e encontra-se orientada para a exploração espacial. O foguetão de 3 andares MU-IV movido a combustível sólido que a Universidade de Tóquio concebeu tem um alcance de 4000 a 5000 milhas.

Não é apenas a esquerda japonesa que receia o rearmamento do Japão. Os países espalhados pelo Sudeste asiático, não esqueceram o resultado do último rearmamento japonês, que levou à ocupação, em tempo de guerra, da maioria destes países. Lembram-se da dívida de sangue e receiam que a longa história das

relações chino-japonesas conduza os dois países a concertarem-se as suas economias se tornarem estreitamente interdependentes.

Aqueles que professam estas ideias referem-se com alívio à possibilidade de os gigantes da Ásia — e estes incluem o Japão — se equilibrarem uns aos outros deixando em paz os pequenos países. Outro tipo de comentadores refere-se com gratidão à recente entrada do Japão no clube de países que oferecem auxílio ao estrangeiro, apreensivos quanto à retirada do Ocidente dessa área e aos constantes conflitos nacionais nos quais estão envolvidos países do Sudeste asiático, desejam que o Japão tome um interesse mais activo na estabilidade da Ásia.

O dirigente Lee Kuan Yew de Singapura falou recentemente de um papel cada vez mais importante para os japoneses, apontando o estreito de Malaca através do qual o Japão importa diariamente mais de 400 000 toneladas de petróleo, minério de ferro e carvão mineral. Previsivelmente, os comunistas chineses denunciaram aquilo a que chamam a «militarização» da economia japonesa, relacionando o rearmamento com «os esforços

dos grupos monopolistas japoneses para acelerarem o renascimento do militarismo e intensificarem as servidões económicas».

Irónicamente, acertaram em cheio, porém de um modo perverso. Os esforços do Japão têm até agora sido orientados apenas no sentido de uma cooperação económica local. O alinhamento dos interesses económicos do Japão com a estabilidade regional do Sudeste asiático como o fez Lee Kuan Yew, é uma tentação na qual os japoneses podem muito bem cair. Porém a transformação será muito lenta e, num futuro imediato, imperceptível. Os equilíbrios do poder são demasiado delicados para que as nações em desenvolvimento — e o Japão já não pode ser descrito como uma nação em desenvolvimento — se precipitem na corrida às armas. A única coisa que se pode dizer com certa segurança é que a velha escola está a desfazer-se, os velhos conceitos e complexos estão a enfraquecer. Dentro do Japão e no exterior à medida que as novas gerações atingem a maturidade, as realidades do poder começarão a pesar por si mesmas. E o velho adágio que prediz que o comércio segue a bandeira pode tornar-se errado.

Uma fase da preparação dos militares japoneses; os sucessores dos velhos guerreiros de antanho utilizam todos os processos para conseguirem um ótimo desenvolvimento físico





SIMON & GARFUNKEL



Falemos agora um pouco da outra metade de Simon Garfunkel: Art Garfunkel. Até aqui quase nada falamos dele. Contudo é o próprio Art que prefere falar pouco. É licenciado em Matemática pela Universidade de Columbia, onde se prepara para o doutoramento, para posteriormente ingressar na carreira de professor. No conjunto, é Paulo Simon quem escreve as canções e compõe as melodias enquanto que Art Garfunkel faz os arranjos instrumentais e, o que é mais importante, é a principal voz do conjunto. Entre Simon e Garfunkel a diferença é grande. São ambos muito introvertidos e, durante o tempo de sucesso que já tiveram, sempre puseram o problema de quem tinha mais importância no conjunto. Art tem pretendido sair do conjunto, Paul não o deixa fazer pois

perderia a possibilidade de trabalhar como actualmente trabalha, com inteira liberdade e confiança, podendo contar que todas as composições serão cantadas e tocadas por Art Garfunkel da melhor maneira possível.

O LP «Sounds of Silence», foi muito melhor que o LP precedente, que havia lançado e revelado o conjunto. Mas a edição no Outono de 1966, do álbum «Parsley, Sage, Rosemary and Thyme», veio pulverizar totalmente os anteriores discos devido à excepcional qualidade das composições que neles foram incluídas. «Homeward bound» e «The dawning conversation», dois dos trechos incluídos neste novo álbum, já haviam sido anteriormente editados em «singles». Dos dez outros números sobressaía uma interpretação de «Silent night»,

um tradicional inglês de natal, cantado segundo os cânones tradicionais e a que Simon & Garfunkel davam uma interpretação de cântico religioso. A particularidade estava em que, enquanto a canção era cantada pelo conjunto, ouvia-se em fundo uma edição simulada de um noticiário com todas as notícias que já nos acostumamos a ouvir, e que se não ouvirmos devemos lançar no desemprego cerca de metade dos locutores dos serviços informativos das rádios e das televisões de todo o Mundo! Notícias particularmente sobre guerra, relatadas num tom sensacionalista, próprio dos locutores americanos. Esse fundo temporal subia de tom ao longo da canção e no final abafa o cântico quase completamente.

A intensidade poética de composições como «Sounds of Silence», tratada com maior cuidado, quer vocal quer instrumental, levaram-nos à descoberta de todo o campo que as gravações em estúdio lhe abriam. A riqueza harmónica de «Scarborough Fair/canticle» tem certas passagens em que se descobre uma certa tonalidade medieval na música, o que ajuda bastante a construir o ambiente para o poema. Em «The 50th street bridge song», a perfeição é quase excessiva, pois tanto as vozes como o instrumental atingem grande altura, especialmente numa par

te em que as vozes são usadas não para reproduzir palavras mas sim sons, actuando como instrumentos, como que deixando antever que para se exprimir o que se pretendia não havia palavras, apenas sons que deixam sensações. «For Emily whenever I find her» é uma canção de amor, de algum modo frágil, mas com uma realização musical muito bem feita e bastante elucidativa, talvez no estilo das gravações de Donovan. O romantismo, ou, se preferirmos, o lirismo de determinadas composições de Simon, tem o seu melhor representante neste LP numa composição chamada «Flowers never bend with rain» que traça como que uma linha de continuidade com os trabalhos precedentes do conjunto em disco e particularmente com a «folk music», onde poderíamos incluir as primeiras tentativas artísticas de Simon & Garfunkel.

«A poem on the underground wall», é como que tentativa de realização inconsciente de um intenso desejo de comunicação que havia sido expresso em «The sound of silence», desejo de comunicação frustrado e limitado e que conduz a uma recusa ou a uma afirmação pessoal ou social, mas distanciada dos meios sociais correntes de comunicação. «A simple desultory prillipic», é uma pa-

ródia aos excessos do «folk-rock», especialmente a Bob Dylan (no fim da canção o personagem, um cantor de «folk» diz «Deixe cair a harmónica, Albert»). Albert, quer-se provavelmente referir-se a Alber Grossman o director artístico da grande estrela da «folk», Bob Dylan). Das composições poéticas e líricas, às parábolas e destas à sátira, em todos os ramos da produção literária revela Paul Simon, que domina perfeitamente as técnicas poéticas da música popular, sabendo utilizá-la para transmitir algo mais do que simples ideias ocultas.

Mas as qualidades referidas não são as únicas que podemos apontar para as composições apresentadas para o LP «Parsley, etc.», o melhor do conjunto. A música de Simon & Garfunkel nos dois primeiros álbuns assentava numa linha melódica básica, agradável ao ouvido e até mesmo bonita. Neste, Simon usa a melodia e os arranjos técnicos e instrumentais e conjuga-os com as próprias letras das composições e com as ideias-base a transmitir. Adaptou e conquistou enriquecendo assim as suas próprias composições pela introdução do instrumental tecnocrático utilizado nas músicas de características próximas do «rock», e tem continuado a utilizá-las, o que está bem à vista no seu último LP, o que nos poderá garantir que dentro em breve poderemos ter um novo e excelente trabalho de Simon & Garfunkel.

Todas as canções incluídas no LP «Parsley, Sage», são excelentes e deliciosas. Só «7 O'clock news/Silent night», não quadra ao ouvido e provoca estranheza, mas a sua inclusão está perfeitamente justificada. O álbum, e particularmente esta composição, foi difundido em larga escala em toda a América, sendo recebido com agrado e a sua inclusão, constituindo mais um momento de despertar que sacudi a rotina absorvente de um quotidiano que é aceite sem discussão embora cada vez seja mais necessário discutir para não morrer ultrapassado pelos acontecimentos. Alguns críticos de «rock» atacaram esta composição e Paul, dizendo que a canção era falsa poesia e que isso deturpava o gosto do público em função da autêntica poesia. Falta-lhe sentimento, falta-lhe perícia, a sua poesia nada mais é que uma imitação da autêntica, da verdadeira poesia, disseram.

Talvez as acusações que se dirigem a Paul Simon vindas de determinado sector da crítica sejam ditadas por uma incompetência generalizada que se verifica neste sector importantíssimo da música «pop». Quase toda a Imprensa ou a



am the Walrus», «América» é uma nova caminhada no sentido do desespero, partindo da solidão. A grande diferença está em que esse desespero ou essa esperança deixaram de ser individualmente sentido passando a ser identificada com os problemas sociais mais prementes. Para personificar essa problemática, Simon utiliza um casal localizado no tempo, no espaço, na idade e na profissão, relatando-nos a sua forma de vida numa perspectiva simultânea de esperança e de desespero.

Continua

rádio da especialidade limitava-se a comentar e a criticar à sombra das casas editoras que as financiam ou que pagam aos críticos para proceder ao lançamento ou à tentativa de destruição de um determinado conjunto ou artista consoante se trata dum artista que convém lançar ou de um artista que convém destruir.

«Bookends» é a primeira quebra no ritmo de progressão geométrica que se estava a verificar no desenvolvimento artístico de Simon & Garfunkel. Contudo, as canções mantêm a qualidade dos compositores e dos intérpretes perfeitamente marcadas, esperando-se apenas um próximo trabalho feito com maior cuidado e apresentando mais canções originais. «Pakin' it», traduz as últimas conquistas de Paul Simon no mundo da técnica instrumental e propriamente do som do «rock». A melodia, poderemos dizer que é cíclica e termina com um som estranho que é também o começo da composição e cujo efeito resulta semelhante ao fim de uma das composições dos Beatles «All we need is love». Aliás diremos que todas as canções são dignas de figurar entre as melhores composições da «pop» ao lado das composições de Bob Dylan ou dos Beatles. «Mrs. Robinson» utiliza, no poema, imagens bastante expressivas e integradas nas situações quotidianas de todo o Mundo. «At the Zoo», é uma alegoria simples e estranha (durante o lançamento do «single» fora decidido que seriam dados discos, como forma de propaganda da composição, e que esta distribuição seria feita exactamente no jardim zoológico. Contudo um dos funcionários encarregados da administração do zoo não o permitiu pois achou que a canção era um ataque declarado contra os animais.

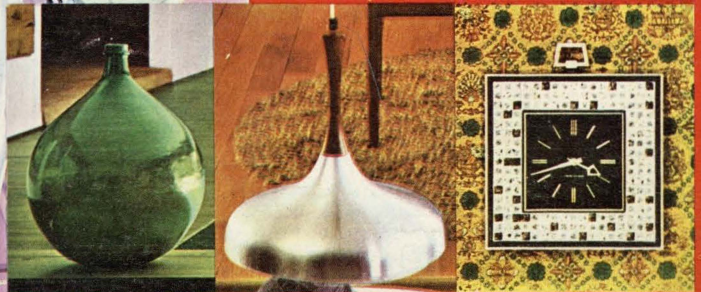
«Punky's dilemma» é uma composição que utiliza um humor totalmente disparatado para conseguir os seus objectivos. Está provavelmente na origem de várias ideias que os Beatles utilizaram posteriormente numa composição já editada «I





Se o esquentador **MEC**
tem tudo o que os melhores
esquentadores do mundo têm
e custa muito menos...

Porque não aproveita você
a diferença em dinheiro
e compra também
outras coisas lindas
para embelezar a sua casa ?





Segura de Si,
ela sabe que agrada
com Triumph...

E VOCÊ SABE PORQUÊ! Porque mesmo à-vontade, saindo com um vestido simples, a presença de uma mulher impõe-se aos outros pelo perfil das formas, pelo encanto sutil e natural de quem vai segura.

Triumph concebe e realiza todos os modelos a pensar em Si: a pensar no seu Triunfo social.


Triumph
INTERNATIONAL

OS CRIMES DE DIOGO ALVES

Texto de *Naratojo*

Ficha biográfica

Nasceu em 1810, na freguesia de Santa Gertrudes, do bispado de Lugo (Galiza). Pais: Anselmo Alves e Rosa Alves, ambos naturais da mesma freguesia, «pobres mas honestos trabalhadores de campo». Em garoto ajudava os pais. Aos 13 anos, os pais vestiram-no o melhor que puderam, arranjaram-lhe um farnel, apontaram-lhe o caminho de Lisboa, que era a esperança dos galegos, e com lágrimas nos olhos despediram-se.

Diogo Alves foi escrevendo e contando a vida dele. Passou de moço de cavalaria a trintanário, depois foi boleeiro. Era um homem sério e honesto para quem só a palavra tinha validade em empréstimo de dinheiro. As notícias para os pais foram rareando até acabarem e os pais, depois de o julgarem vivo, ingrato, acabaram por julgá-lo morto.

Mas Diogo Alves começara vida de estroina com dois vícios: vinho e jogo. Foi andando, corrido de casa em casa, perdendo empregos.

Estava-se em fins de 1838. Por um acaso, descobriu a taberna da Parreirinha. A dona da tasca chamava-se Gertrudes e tinha a alcunha de «A Parreirinha». Gertrudes estava separada do marido que trabalhava na Fábrica de Xabregas, fábrica essa conhecida pelo nome de Contrato do Tabaco. Do matrimónio tivera dois filhos, um rapaz e uma menina e vivia com eles. Desordens contínuas na taberna de má fama e já ninguém se admirava de ouvir dizer que na tasca fora esfaqueado um homem. Tornou-se amante da Parreirinha.

A tradição diz que o *Aqueduto* e o *Arco das Águas Livres* era o local preferido pelo bandido para roubar e assassinar as vítimas.

Raro era o dia que não apareciam no leito da ribeira de Alcântara um ou mais cadáveres. Do processo dele nada consta destes crimes, daí o público dizer: *Tens mais sorte que o Diogo Alves!*

Crimes

Calçada da Estrela. Na loja que tinha o n.º 38 havia, em fins de 1837, um estanco duma velha chamada Antónia Maria. Aparece uma nova freguesa de bom aspecto e dedos enfeitados de anéis de ouro. Vai-se queixando que lhe custa muito a subir a calçada e a Antónia Maria sugere-lhe que venha

morar por cima dela, que a casa vai vagar.

Fins de Novembro de 1837. A nova freguesa muda-se. Janeiro — Uma noite, em meados de Janeiro, um homem bate na vidraça do estabelecimento, diz ser o marido da nova inquilina do 1.º andar e que a mulher não acorda. Pede-lhe para bater no tecto do seu quarto de dormir para a acordar. A velha assim faz e põe-se em cima da

cama batendo para cima com o metro de madeira. A vizinha acorda e vai abrir a porta «ao marido».

Três dias depois... 18 de Janeiro... A velha, quando abre os olhos, está amordaçada e amarrada à cama. Dois homens que lhe apagaram a lamparina passam busca à casa e encontram-lhe as moedas de ouro das economias. No tecto do quarto há um buraco e é

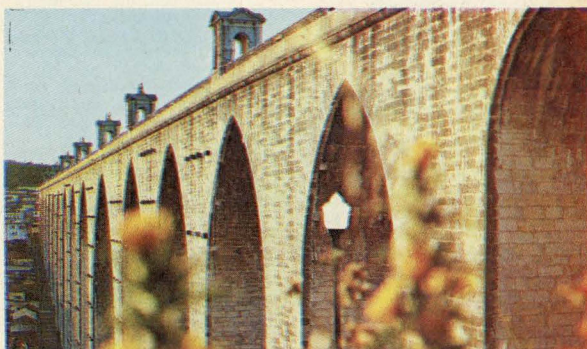
quando a velha percebe. A nova inquilina era a «Parreirinha». Os gatunos roubam mais de um conto de réis em dinheiro e tudo que tinha valor. Saem pela porta. Gatunos: Diogo Alves e o «Pé de Dança».

O último crime

Local: Rua das Flores, n.º 16.
Data: 26 de Setembro de 1839.



O tribunal que condenou os réus funcionou nas salas do Convento dos Paulistas, hoje convertido em quartel



Diversas vítimas de Diogo Alves terminaram os seus dias no fundo da ribeira de Alcântara, arremessadas do alto do Aqueduto das Águas Livres



A famosa prisão onde passaram os mais temíveis cadastrados. Ponto de partida para o cais do Tojo, onde eram enforcados os condenados à morte

DIOGO ALVES

Lisboa continuava a viver no clima criminal das cidades mal policiadas. Nas vielas sórdidas, os malandrins acoitavam-se; nas ruas melhor iluminadas, as portas barricavam-se temendo os proprietários um assalto repentino. O dr. Pedro Andrade, morador na Rua das Flores, tinha as portas da sua casa chapeadas de ferragens fortes, e que sólidas trancas vinham emprestar maior segurança. O conhecimento dos seus abastados valores excita a cobiça e, consolo disso, criara em seu próprio quarto, uma autêntica casa-forte onde guardava os haveres. Serviam-no uma governanta de nome Maria da Conceição Correia Mourão e duas filhas desta: Emilia e Vi-cência, de 19 e 17 anos, respec-tivamente. Além destas, um criado de nome Manuel Alves.

Na noite de 26 de Setembro a família Mourão aguardava a chegada do filho e irmão, José Elias, moço marinheiro que re-gressava duma viagem longa por mar. O dr. Andrade, que necessitava ausentar-se nessa noite a Carcavelos, autorizara em sua casa, a governanta e às filhas, uma pequena festa de recepção ao jovem recém-chegado, mas recomendara, antes de partir, muita cautela com os fechos da porta. O criado Manuel Alves pedira li-cença para sair depois de jan-tar e obtivera permissão. An-tes porém de ausentar-se, en-quanto a família Mourão feste-java à mesa, abriu as portas sem ruído e cortava os fios das campainhas. Facilitada a entrada à quadrilha, escapuliu-se para não assistir à cena que adivinhava macabra.

A estupefacção e o temor es-tamparam-se na cara das três mulheres e do jovem mari-nheiro quando, súbitamente, viram irromper na sala quatro homens armados. O jovem José Elias tentou resistir e apo-derou-se de um garfo. Na luta com um dos assaltantes feriu-se numa perna, mas foi aba-tido com um pesado golpe na cabeça. As pobres vítimas in-defesas, rapidamente, estavam subjugadas pelos ferozes ho-mens de Diogo Alves. Amorda-çadas e espancadas até à morte, as três mulheres testemunha-vam em breve a sanguinolenta barbaridade de facinoras, fi-lhos duma época de crimes.

De entre os elementos da quadrilha faziam parte dois soldados, o António P. do regimento n.º 7, aquartelado em Vale do Pereiro e o «Beico «Rachado», alcunha do tambor de Infantaria 10, que tinha en-tão o quartel na Graca. De há muito que estes dois tinham aderido à quadrilha já então numerosa e constituída, além da «Parreirinha», amante de

Diogo Alves, por João dás P. («O Enterrador») —alcunhado assim por se encarregar de fazer de-saparecer as vítimas —; José Maria L. «O Apalpador»; An-tónio M. «O Celeiro»; Cosme de A. «O Aguadeiro»; Fernando B. «Criado de servir» e o «Pé de Dança», o aristocrata da qua-drilha a quem eram entregues os roubos finos e intelectuais. O «Celeiro» era primo de Ma-nuel A., o criado do dr. Pedro de Andrade, e por este soubera das riquezas amealhadas pelo médico na casa da Rua das Flores e que constituíram o móbil do crime e levaram ao selvagem assassinato de quatro membros da mesma família. No dia 27 de Setembro, o dr. Pedro de Andrade apresentava o rol dos objectos roubados, que a seguir transcrevemos:

- 7 facas de prata
- 31 garfos
- 30 colheres de sopa
- 3 conchas de sopa
- 2 conchas de arroz
- 2 colheres de chá
- 1 concha de açúcar
- 7 salvas grandes e peque-nas
- 1 bacia de lavar
- 1 castiçal
- 2 medalhas de prata
- 1 alfinete de peito com um brilhante grande rodeado de pérolas
- Outro alfinete numa lira com brilhantes
- 1 relógio de ouro (com se-gundos mortos) avalia-do em 91\$200 réis
- 1 caixa de tartaruga for-rada de ouro com as le-tras P. A., feitas em brilhantes
- 400 peças de ouro de 7\$500 réis cada um.

Montante aproximado do roubo: 4 a 5 contos de réis.

Principia a investigação

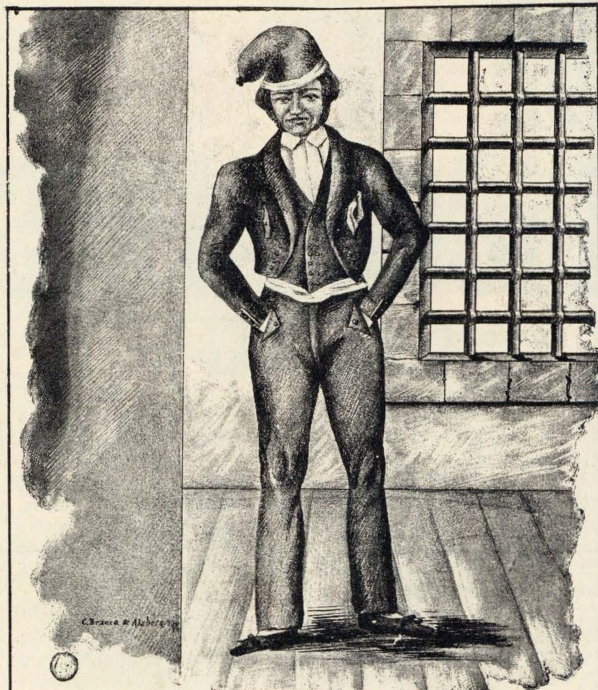
ESTUDO DO LOCAL

Na mesa da casa de jantar, comida entornada, loiça que-brada e um candeeiro tomba-do. Na cozinha, a mesa posta para o criado, com talher e comida e tudo em completa ordem. A casa onde estava in-crustada a caixa-forte tinha a porta arrombada e na parede um buraco por onde cabia uma pessoa. O cofre fora arrom-bado, mas no seu interior vliam-se ainda várias sacas rotas contendo libras. O roubo não fora portanto completado. Os cordões das campainhas estavam cortados. O exame médico revelou que as vítimas, depois de amordaçadas, ti-nham perecido por meio de pancadas na cabeça e forte pressão no peito e no estôma-go. O cadáver do jovem José Elias apresentava ainda uma ferida de extensão de 3 po-legadas na região frontal, pro-vocada certamente pela coro-nha duma pistola. No momen-to em que o crime se dera, numa taberna próxima tinha

havido uma rixa entre mari-nheiros ingleses e portugueses e os apitos da polícia tinham posto em fuga a quadrilha, pre-cipitadamente. Estava explica-do o abandono do resto das libras na casa-forte arromba-da. Interessava agora verificar

a ausência suspeita do criado Manuel A.

O juiz, dr. Carlos Moniz Cás-telo Branco Bacelar, do 2.º dis-trito criminal, coadjuvado pelo delegado da 4.ª vara, dr. Fru-tuoso Dias Mendes, inicia as investigações no sentido do

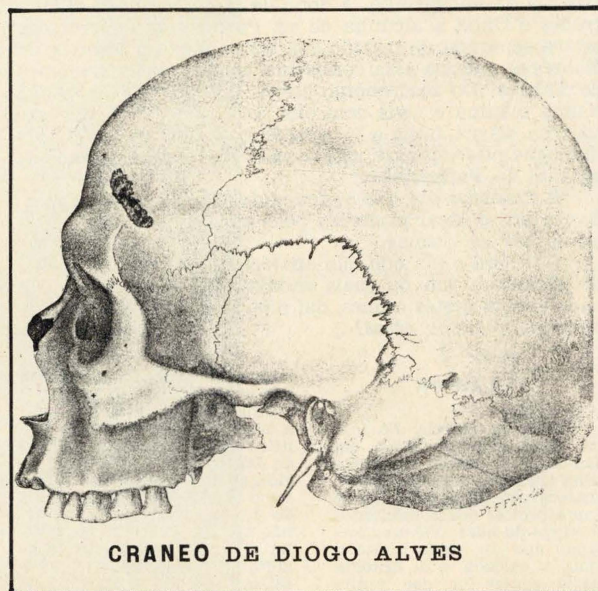


O Célebre Diogo Alves, indiciado como Auctor do roubo e barbaros assassinatos, perpetrados em toda a família, do Dr. An-drade, com circumstancias de que não á comemoração, na Estatistica dos

J. L. C. de Sousa, de proprio e lith. 1880

CRIMES.

Off. Lith. de Sousa & C.



CRANEO DE DIOGO ALVES

roubo se ter dado com cumplicidade de alguém que facilitara a entrada da quadrilha. Interessava averiguar as relações de amizade e parentesco do criado do dr. Pedro de Andrade. Assim surge o nome de Antônio M., primo do criado e dono dum *celeiro* na Praça da Alegria, *celeiro* esse frequentado por gente de má reputação. O «Celeiro» é chamado à presença do dr. Bacelar e instado cautelosamente para não levantar suspeitas. Aparentemente, as suas declarações nada esclarecem e sai em liberdade. Relativamente tranqüilo volta para casa, mas procura imediatamente retirar do *celeiro* o primo que mantém escondido e transfere-o para um armazém de retém que possui na Rua das Pretas. Entretanto procura Diogo Alves e previne-o que a polícia está na pista do criado. É o fim da testemunha. Trata-se duma missão específica para «O Enterrador».

Vai buscar o aterrorizado Manuel A. e condu-lo a uma casa em Arroios onde o esperam «A Parreirinha» e o próprio Diogo Alves. Recebido com manifestações de alegria e promessas tranquilizantes, entregam-lhe a sua parte do roubo e oferecem-lhe um lauto repasto bem regado, a última refeição. «O Enterrador» leva-o ao quarto e ajuda-o a deitar. Momentos depois, quase a adormecer, sente no estômago um dos joelhos que subjugara as vítimas que ele oferecera à condenação da quadrilha. Uma corrente em volta do pescoço asfixia-o e apercebe-se tardiamente que é o primeiro a receber a condenação por enforcamento. O juiz Bacelar perde uma testemunha.

Prossegue a investigação

O acaso coloca «O Enterrador» a contatos com a justiça quando é preso ao saltar duma janela, numa aventura nocturna para os lados do Castelo.

Ao cair, torce um pé e os cabos da polícia conduzem-no ao Limoeiro. Manda um bilhete ao «Celeiro» pedindo ajuda, mas a resposta demora e quando chega recomenda apenas calma e discrição. O «Enterrador» continua a enviar bilhetes cada vez mais afilto.

Esta correspondência estranha alerta o dr. Bacelar, que decide interrogá-lo insinuando que uma confissão a tempo pode atenuar a pena. A semente germina. O auxílio de fora não chega e o «Enterrador» decide «enterrar» a quadrilha, julgando escapar.

A prisão da quadrilha

As revelações do «Enterrador» são preciosas e rapidamente a rede é lançada e apertada as malhas onde estrebucham todos os elementos. O

«Celeiro» é preso, apanhando-se-lhe em casa elementos comprometedores. «O Beijo Rachado» é conduzido directamente do quartel ao presidio do Castelo de S. Jorge. «A Parreirinha» também não escapa, assim como o «Pé de Dança» e Diogo Alves, que é capturado no dia seguinte, no Campo Grande, por um oficial do Governo.

13 DE JULHO DE 1840

O tribunal funciona numa das salas do extinto Convento dos Paulistas, Audiência presidida pelo juiz de Direito da 2.ª vara, dr. José Luis Rangel de Quadros.

Diogo Alves apresenta-se de «jaqueta de briche, lenço de ramagens atado à cabeça, à moda aragonesa, cinta, calça à boca de sino, sapato de meia prateleira com laços vistosos.» De cenho franzido, pensativo e reservado, negando todas as acusações. Sala a abarrotar de população que via os réus à entrada. O calor fez transpirar os corpos e o cheiro a suor empestia a sala. O tribunal é uma pequena sala de circo, à volta de cujas feras acoiadas se comprime o povo sedento de sangue e vingança. Usam-se todos os truques para conseguir um lugar na sala. Uns declaram ser testemunhas, outros membros do júri, para poderem entrar.

Três dias de audiência sob o calor abrasante do mês de Julho e ninguém arreda pé. Todos querem assistir ao desfilar das testemunhas e aos olhares ferinos dos membros da quadrilha, que sentem o barão mais perto do pescoço.

A audiência atinge o rubro quando surge a depór a pequena Maria, de 11 anos, filha da «Parreirinha». A sala silencia para não perder uma palavra da vozinha juvenil que acusa, na sua inocência, a própria mãe. O seu testemunho é precioso. Ela ouvira perpetrar na taberna onde vivia os mais tremendos assaltos. Escutava as gargalhadas gorgolejantes de vinho dos elementos da quadrilha a celebrarem a consumação dos crimes. O seu cérebro inocente gravara nomes e factos sem que — graças a Deus para ela — a quadrilha se apercebesse nunca da importância da sua reprodução. As suas frases corroboram os esclarecem melhor peças esmagadoras do processo.

A assistência escuta-a com um frémito de emoção. Segue angustiada os esgares contraindos da mãe que vê a própria filha construir, na sua ingenuidade, todo o patíbulo onde irá subir ao fim duma longa vida de crimes. Algumas vezes interrompe a criança lançando-lhe imprecações que levam o juiz a intervir, receando o ódio da própria multidão que assiste.

Finalmente, o delegado do ministério público faz a sua vibrante acusação definitiva. Trinta e cinco quesitos são entregues ao júri para deliberar

e ao fim de uma hora o juiz presidente lê a sentença.

Diogo Alves — pena de morte. Para os restantes criminosos — pena de degredo. O público aceita mal a sentença. Esperava a pena de morte para todos.

Mas dois dos réus estavam entregues ao Tribunal Militar. O soldado do Regimento n.º 7, António P. e o tambor de Infantaria 10, «O Beijo Rachado», que respondia também por deserção. Julgamento sem formalidades. Condenados ambos à morte depois de exaustorados e relaxados no poder civil. Entretanto, o processo de Diogo Alves e dos restantes membros, sob as intâncias superiores, passa pela Relação e chega ao Supremo. Até sofre o acréscimo de pena de morte para mais dois além de Diogo Alves. É o «Celeiro» e «O Enterrador». Dos restantes, mantém-se o degredo para os presos de Angola e a «Parreirinha» segue rumo a Moçambique.

A 11 de Dezembro de 1840 são executados António P. e o «Beijo Rachado». Para 19 de Fevereiro de 1841 está marcada a morte de «O Celeiro» e Diogo Alves.

São 7 horas da manhã do dia 17. Os condenados são conduzidos ao oratório. É uma

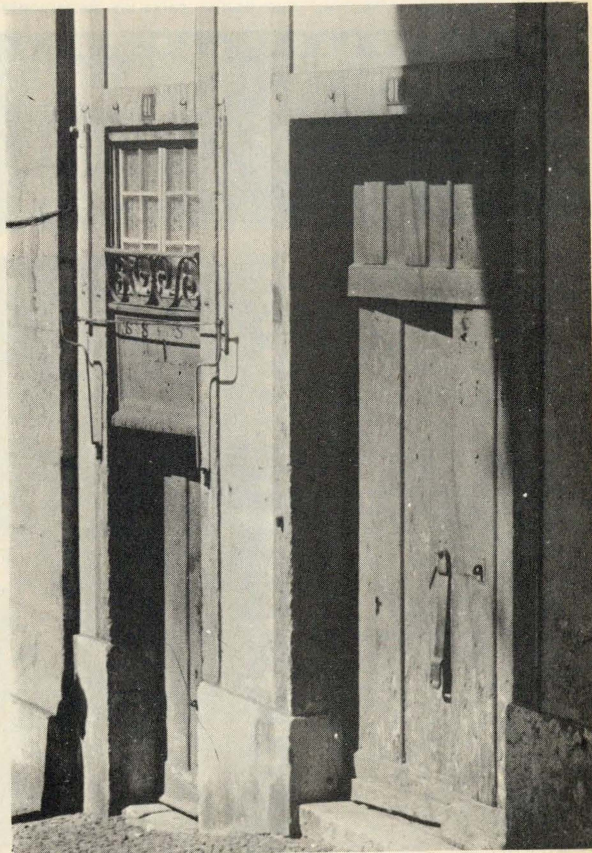
casa mal iluminada, com um altar simples, onde um crucifixo alto se projecta à luz de seis velas acesas. Assistem dois sacerdotes — o prior de Marvão e o padre Salles. A cruz esguia estende-lhes os braços e ambos os facinorosos caem a seus pés numa última esperança de remissão. Para mal das suas vítimas e deles próprios, nunca antes se haviam lembrado de levantar os olhos aos céus. Os joelhos musculosos de ambos tinham servido apenas para comprimir os torác de vítimas indefesas em vez de pisarem o lagedo duma igreja.

O padre Salles profere uma prática que comove os criminosos ao ponto do «Celeiro» cair em desfalecimento. As duas horas da tarde do dia 19 vai começar o macabro cortejo que liga o *Limoeiro* ao cais do *Tojo*. Lisboa vem em peso para a rua. A multidão uula e chora ao mesmo tempo. Odeia e lamenta. Vaia o criminoso e apieda-se do condenado. O padre Salles encomenda as almas e entrega os corpos ao carrasco.

Ajudam Diogo Alves a subir a terrível escada e ele pergunta apenas:

— É aqui?

A resposta muda das mãos profissionais do carrasco ao colocar-lhe o laço no pescoço são convincentes: era ali!



O último crime de Diogo Alves foi cometido no n.º 16 da Rua das Flores onde morava o dr. Pedro Andrade

O TRABALHO DE "BOX" NAS 6 HORAS DE VILA REAL

1 MINUTO E 8 SEGUNDOS PARA REABASTECER E MUDAR UMA RODA

reportagem e fotos
de
Francisco Santos

euforia, deparou-se-me todo um aglomerado em ebulição, todo fervendo de alegria, de vontade, de entusiasmo nos preparativos para a sua grande festa.

Nas ruas sentia-se a pressa, a sofreguidão de fazer algo de útil para a finalidade comum. Operários davam os últimos retoques à nova bancada. Camponeses ajudavam a erguer pequenas bancadas de madeira em cada quinta junto do circuito.

Vila Real preparava-se para os três grandes dias do ano. Em seu redor, num raio de 60 quilómetros, não há um quarto vago em qualquer pensão, hotel, estalagem, pousada ou casa particular. A sua população aumenta 10 vezes nesses 3 dias.

Recordei-me de Pamplona e das suas «Fiestas de S. Fermin». Aqui não há touros a correr pelas ruas mas sim bóldes a rolarem a 200 quilómetros horários. Mas, o calor, o fervor, o entusiasmo, a «garra», a genica, a vontade dos locais está ali na mesma bem patente. E a alegria, a atracção e a emoção da festa empolgam na mesma a multidão.

Vila Real tem a sua festa anual, uma grande festa, um grande cariz

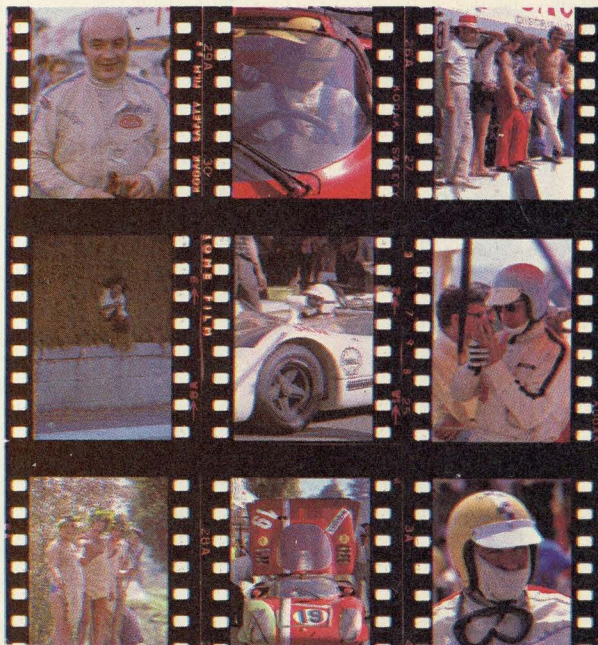
Em baixo, da esquerda para a direita: outro aspecto do carro de Nogueira Pinto, n.º 16, em plena prova; Luís Fernandes, no seu G-T 40, continua em azar — agora foi a junta de cabeça que queimou...; David Piper ao volante do Porsche vencedor, durante uma paragem nas «boxes»; dois instantes de uma troca de impressões entre o «manager» e o condutor de um Alfa P 33; e uma bonita caixa de ferramentas que atraiu a objectiva do repórter



Para todos nós, adeptos do automobilismo desportivo, desde o entusiasta curioso ao concorrente ou ao mecânico, Vila Real, com o seu Circuito Internacional, é algo de muito especial no calendário desportivo nacional. Entre as duas dezenas de provas dos dois Campeonatos Nacionais (Ralis e Velocidade) esta tem um lugar à parte, como noutro género o têm a Volta a Portugal ou o Rali da Tap.

Vila Real e o seu maravilhoso circuito, o melhor de todos os que conheço na Europa e em África, devem constituir uma meta para qualquer piloto nacional ou estrangeiro. Conduzir em Vila Real, conduzir bem ao longo dos 6 empolgantes quilómetros do sinuoso e acidentado circuito será uma alegria recompensadora para um condutor.

Estar em Vila Real durante este grande acontecimento anual, uma autêntica festa da cidade com repercussão ao nível internacional será já por si motivo de júbilo para todo o afortunado e atento entusiasta. Este ano cheguei à normalmente calma cidade transmontana dois dias antes da grande festa começar. Tinha interesse de ver e sentir o calor, a azáfama, o movimento preparatório. Longe de encontrar uma cidade indiferente, apenas de braços calmamente ocupados: no seu labor diário e rotineiro, como que à espera serenamente do dia de



Ao lado, da esquerda para a direita e de cima para baixo: David Piper, o vencedor, com o sorriso a que tem direito; o condutor de um Alfa P 33 prepara-se para retomar a prova; fauna de «box» empoleirada no muro da mesma; um posto de observação insólito; David Piper durante uma paragem nas «boxes»; um piloto prestes a entrar em acção; estes 4 «maçudos» disfarçaram-se assim — inspiração na assistência às corridas de quadrigas da Roma antiga ou efeitos do calor?; outro aspecto do Alfa P 33 com o «capot» do motor levantado para inspecção; Corrado Manfredini, o 4.º classificado, em Porsche, com a máscara protectora ignífuga

turístico e um grande acontecimento turístico.

A prová-lo, os milhares de forasteiros que este ano mais uma vez ali acorreram com todo o colorido dos seus trajes extravagantes, desde os ridículos calções bermueiros às reveladoras e inestéticas mini-saias, ou às botas altas de cabedal ou aos biquínis, e trajes pré-históricos de pele de carneiro. Todos ali estiveram a dar com a sua presença jovial e interessada o melhor contributo a esta festa do desporto e a glorificar o esforço de um grupo de homens que bem merecem, para lá do nosso económico e cómodo aplauso pela obra grandiosa que estão a fazer, a ajuda física e económica de entidades oficiais e particulares de molde a poderem fazer ainda mais.

Com a aproximação do primeiro dia de treinos foi aparecendo em Vila Real todo o circo cosmopolita do automobilismo europeu. Camiões multicolores carregando valiosas máquinas. Potentes carros puxando atrelados de um e de dois andares. Mecânicos, pilotos e companheiros todos sebanetos e imundos com bôldes impecavelmente luzidios nas suas cores brilhantes salpicadas de anúncios desde vinhos, a velas ou a camiões.

O meu interesse mais particular neste ano residia em conduzir na prova para carros de «Turismo de Série» e em observar atentamente as «Seis Horas», a primeira prova de resistência até agora organizada em Portugal.

Tinha, claro, também uma certa curiosidade nas provas de Fórmula V e Turismos Especiais. Na primeira, a minha expectativa de verificar até que

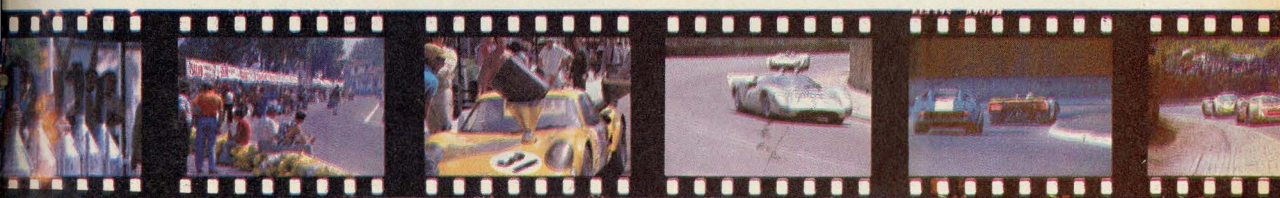


Ao lado, da esquerda para a direita e de cima para baixo: uma beldade regista tempos de cronómetros em punho; o vencedor, David Piper, num momento de... chamemos-lhe descontração...; cinco gentis «assistentes», de estilos e idades diversas, acompanham nas «boxes» as provas dos respectivos pilotos; o reabastecimento autónomo (quase...) do Chevron está praticamente concluído; e uma das condutoras refresca-se com água mineral

A prova para carros do «Grupo I» afigurava-se como das mais interessantes do programa, pelo exemplo da espectacular corrida da Granja do Marquês e pela adição de mais um concorrente da «primeira fila» — António Peixinho, em Alfa Romeo 1750.

Claro que mais uma vez houve problemas com os carros do «Grupo I»; problemas alguns dos quais não só inexplicáveis como... inexistentes.

Na sexta-feira ouviu-se dizer que a organização não deixaria alinhar os carros com pneus Racing. Porquê? Simplesmente, porque nas fichas de homologação, não estava indicada a medida desses pneus. Nem tinha que estar... No entanto, lá vi na prova um Cooper S, o de Fernando Baptista, calçado com Racings. Na realidade, o



Em cima, da esquerda para a direita: uma bateria de jerricans atestados de gasolina aguarda a paragem do carro a abastecer; aspecto geral das «boxes»; um jerrican esvazia-se sôzinho para dentro do funil, porque o Chevron precisa de assistência e todos são poucos; o virtual vencedor (n.º 10, Porsche), persegue de perto o 2.º classificado (n.º 1, Lola), preparando a ultrapassagem; o mesmo Porsche n.º 10 acaba de ultrapassar o Lótus de Nené e acelera na curva; o Porsche 906, dos portugueses mais bem classificados, seguido de perto por outro bôlide

ponto o actual favoritismo do rapidíssimo Ernesto Neves, num carro francamente mais veloz que os demais, se confirmaria em face de um «Mané» Nogueira Pinto já «prevenido» após o segundo lugar na «Granja» e sempre excelente em Vila Real, onde já foi vencedor repetido. «Mané» bem quis, mas não pôde. Partiu na última fila, por não ter treinado, e nunca mais pôde agarrar «Nené». Não percebi bem por que razão Robert Ginane não foi mandado parar pelo director da prova. A inexplicável série de obstruções feitas a Nogueira Pinto mereciam a bandeira preta. Ou será que os fiscais de pista não alertaram o seu director?... Colação Marques, após uma prova certa, despiستou-se. Esperamos que tal não o afecte psicologicamente para as próximas provas. É um bom condutor. Melhorou muito desde a sua inclusão no Team Palma. Gostei já mais de Cavacac. A sua prova da Granja tinha-me desiludido. Agora, em Vila Real, já andou de acordo com as suas reais possibilidades.

Na prova para Turismos Especiais, o grande interesse estava em ver como os dois Escort TC do Team Ford-Palma se comportariam em face do BMW 2002 de José Lampreia, após os melhoramentos que sofreram nas últimas duas semanas — caixas de cinco velocidades e mais «uns pózinhos» no motor.

Calculava eu, e «muito boa gente», que em Vila Real, com dois excelentes pilotos como Peixinho e «Nené» a domarem o seu novo tanque, os Escort TC batesssem Lampreia e o seu BMW. Mas não, milagres não se podem fazer. Os 1600 cc. dos Ford continuam a ser demasiadamente escassos em comparação com os 2 litros do BMW ou do Porsche, em circuitos. Aliás, em toda a Europa os BMW e os Porsche ainda não foram batidos pelos Escort, que lutam em franca desigualdade. Em ralis a «história» já é outra e como Roger Clark tem provado, o Escort passa, então, à posição de quase imbatível.

Agora em Vila Real, José Lampreia foi simplesmente infernal, ao con-

trário de há um ano, em que foi decepcionante. Guiou primorosamente e «fez tempos» excepcionais. O seu recorde de 2 m e 57,87 s é excepcional. Mas espantosa foi a cadência que manteve volta após volta, circulando quase sempre a menos de 3 minutos.

Christian Melville, no Porsche de Lampreia, foi uma revelação. Não chegaria ao ponto de o julgar incapaz de conduzir em Vila Real, como foi opinião dos organizadores, segundo nos disseram, mas estava longe de o julgar piloto tão rápido como o provou ser (2 m e 58,71 s). Agora, mais me espantam as suas atitudes da Granja do Marquês, com aquelas pouco explicáveis paragens nas «boxes» e arranques à frente dos Escort. Gostaria, no entanto, de ver aquele Porsche conduzido por Lampreia...

E não nos iludamos — aquela «luta» pelo primeiro lugar não terá sido um pouco fictícia?...

Espantou-me verificar que os Cooper S não lograram fazer melhores tempos do que há um ano.

Cooper é o único carro do Grupo I que não pode usar Racings, pois com eles não está de acordo com o Anexo I (d) do art. 253)...

Estes, os problemas iniciais, porquanto após a prova houve mais.

Vila Real é um circuito difícil de aprender. Não que o número das suas curvas não permita memorizar o seu traçado. Mas para além do traçado circuito há que estudar curva por curva para se escolher a trajectória ideal, o melhor ponto de travagem, a melhor desmultiplicação. E tudo isto é, ainda, mais difícil quando nos são dados, apenas, 45 minutos para treinar. Uma hora chega a ser insuficiente num circuito como a Granja do Marquês, incomparavelmente mais fácil do que em Vila Real. Os organizadores têm que rever este problema, porquanto 45 minutos de treino para um carro de turismo de série é menos do que para um Grupo 5, visto os tempos por volta deste último serem bastante inferiores e consequentemente poderem fazer mais voltas no mesmo período de tempo. 33

VILA REAL

Jorge Nascimento excede-se no único «gancho» do circuito e corrige no último momento o seu BMW 2002



Na primeira paragem de reabastecimento nas Seis Horas, Ernesto Neves dá os últimos conselhos a Miguel Rau, que, no Lotus 47, teve uma reaparição muito certa



Foi de novo uma delícia conduzir em Vila Real. O circuito é simplesmente empolgante, enchendo de satisfação interna e pessoal todo o condutor que ali tenha a consciência de conduzir bem dentro dos limites do seu conjunto carro-piloto. É variado, emocionante, a um tempo estonteante

e assustador na descida e na entrada da cidade, para logo ser arrebatado a partir da Timpeira, com o tecnicismo que a subida até Mateus requer para se fazerem bons tempos.

Poucos foram os melhoramentos que encontrei ao longo do circuito. A pista propriamente dita estava, até, talvez

um pouco mais lenta do que há um ano. A zona das «boxes» está francamente melhor com uma larga zona de desaceleração e maior número de «boxes». Não gostei, no entanto, da extensão dos «rails» já existentes nas «boxes». Parece-me que aquele tubo com grossas bragaças salientes não corresponderá à finalidade dos «rails». Noutros pontos do circuito havia mais «rails», mas para este circuito ser seguro para pilotos e público, muito maior quantidade de «rails» será necessário montar. Não é de admitir em qualquer circuito haver árvores sem protecção de «rails».

Os tempos dos treinos mostraram a fisionomia que a prova havia de tomar. Os dois Alfas e Lampreia, num BMW invulgarmente rápido, tiveram os melhores tempos. Os meus 2 m e 23,9 s deixaram-me francamente insatisfeito. Havia que pensar onde tirar pelo menos três ou quatro segundos. Curva a curva, fiz o percurso mentalmente, entrando aqui mais depressa, travando ali mais tarde, sempre em busca de uns preciosos segundos. Enquanto num circuito como Montes Claros ou Granja do Marquês, ou Vila do Conde, as diferenças entre condutores de nível equivalente podem ser de um segundo, em Vila Real, uma volta fazia menos atentamente, ou com menos garra, custava logo 4 ou 5 segundos. Depois de muito matutar, não previa uma melhoria superior a 1,5 a 2 segundos.

Sábado de manhã estava francamente nervoso. Já há um ano, Vila Real me tinha afectado mais do que qualquer outra prova, sob o aspecto de nervosismo, antes da partida. Não estaria tão lívido como no ano passado, mas, mas...

Partindo no centro da terceira fila poderia alcançar uma boa posição no arranque. No entanto, parti mal, ficando logo na nona posição. Ao fim de duas voltas logrei passar Romãozinho, Filipe Nogueira e F. Baptista, para me alojar no quinto lugar atrás de Dino, que estava rapidíssimo no seu Renault Gordini. À frente os dois Alfas e Lampreia marcavam a cadência. Pouco depois, no início da descida, Dino exagerou um pouco a curva direita e despistou-se mesmo à minha frente. Por pouco que não lhe batia.

E eis que fico atrás de Burnay Bastos. Na descida vejo os seus «stops» acenderem e também travo. Ainda não estávamos «mentalizados» para a descida. Na entrada da cidade, o Alfa é impressionante à minha frente. Burnay Bastos está a conduzir impecavelmente. Ganho-lhe um pouco no gancho da meta e mantenemos a distância até Mateus. Sei que estou a melhorar, porquanto estou a ganhar um pouco por volta ao Alfa, e penso que devo ter baixado os tais dois segundos.

Descemos novamente e agora já não vejo os «stops» do Alfa acenderem. Entramos na cidade quase colados para a recta, quando o Alfa se distanciou um pouco. Na subida, o Cortina Lotus está impecável de comportamento de suspensão, mas logo na Timpeira se acende pela primeira vez a luz do óleo. Na volta seguinte, a falta do óleo torna-se mais notória e, depois de uma luta interna entre o bom senso e o entusiasmo, resolvo parar na «box», para meter óleo, o que deveria voltar a fazer mais tarde.

Tinha acabado a prova para mim. Limitei-me, depois, a «passar» para completar o número de voltas mínimo, para me classificar.

Tive, no entanto, ensejo de ver Poixinho, Lampreia e Burnay Bastos passarem por mim, todos eles impressionantes de andamento para quem já tinha abandonado aquele ritmo.

No fim da prova, três carros foram protestados por dois concorrentes.

Será que este primeiro ano do Grupo I em Portugal virá, também, a ser o último?

O «prato forte» da festa eram as «Seis Horas». Com pilotos como Frank Gardner, David Piper, Mike D'Udy, Chris Craft, Rob Scotemaker e os portugueses Nogueira Pinto, Araújo Cabral, e outros, tripulando Porsches 908, 910 e 906, Lola T70, Alfa P33, Ferrari, o espectáculo teria que ser atraente.

Para além de ver rodar estes espantosos bólides, conduzidos pelo fim-flor do automobilismo europeu, tinha interesse especial em analisar o trabalho de «box» das várias equipas.

E fiquei realmente espantado. Equipas houve que fizeram prodígios:

— 1 m e 8 s para reabastecer de gasolina e óleo, e mudar de condutor — Tony Dean/Bill Bradley em Porsche 910.

— 1 m e 25 s para mudar uma roda com pneu furado e reabastecer — Mike D'Udy em Lola T70.

O sincronismo de movimentos e tarefas nestas «boxes» mais bem organizadas eram contraste flagrante com algumas equipas que chegaram a demorar 4 m e 25 s para reabastecer um carro na sua primeira paragem (Lotus 47).

Dentro das «boxes» o trabalho não era menos importante. Poucas foram as equipas (não mais do que seis) que lograram ter um «controlo» absoluto no número de voltas efectuadas pelos seus carros e pelos rivais mais próximos. Este trabalho na maioria das «boxes» feito por raparigas ou mesmo por uma idosa senhora na «box» de Mike D'Udy, é de importância vital numa prova de resistência, porquanto a ignorância da posição do carro pode resultar num inútil esbanjar de esforços ou numa extemporânea poupança.

Apenas uma equipa portuguesa soube «a quantas andava» durante toda a prova — Nogueira Pinto/Andrade Vilar. Notável a sua prova se realizarmos que a partir da terceira hora circularam consistentemente a 2 m e 50 s. Sem travões.

De notar a falta de informações, dada pelo sistema sonoro da organização. Houve espectadores que acharam mais útil e pronto o serviço informativo da equipa de reportagem do R. C. P... Num circuito como Vila Real em que o público só vê uma parcela do percurso, é indispensável um serviço de informação, com pelo menos três postos a relatarem constantemente o desenrolar da prova.

Para culminar esta excelente prova houve um episódio tão escusado como emotivo, para o público. Ao Natham Imp de John Markew também conduzido por Baptista dos Santos, foi indevidamente autorizado pela Direcção da Prova a ser reparado (caixa de velocidades) fora da sua «box». A reparação durou 4 horas, após as quais o carro entrou novamente na pista, contra todos os regulamentos de provas de resistência.

Enfim, um grande acontecimento desportivo, este XVI Circuito Internacional de Vila Real.

Há que continuar; fazer mais e tentar ainda melhorar o que já foi muito bom.



J. Pimenta



João Ceada



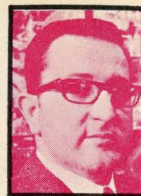
A. Magno



J. Nascimento



João Ildefonso



A. Mayer



AUGUSTO MAYER: —TEMOS PECAS EMPENHADAS POR 80 CONTOS!

Reportagem de Manuela Martins

«Nos princípios dos meses a clientela aumenta, a renda da casa... as letras...»

DINHEIRO.....!
DINHEIRO.....!

EMPRESTA A JURO
MODICO

A CASA DE PENHORES

DE JOSÉ MAYER

SOBRE OURO. PRATA
ROUPAS. BRILHANTES

MOVEIS. PIANOS. COFRES etc

18. Rua do Loreto, 20

TEM ENTRADA PELA ESCADA Nº16
FRENTE AO ANIMATOGRAPHO



Muitos dos penhoristas do princípio do século, em contacto permanente com peças belas e valiosas, convivendo com uma clientela requintada, adquiriram o gosto dos objectos de arte e, avaliando as possibilidades de um tal negócio, tornaram-se antiquários e coleccionadores.

José Mayer não foi uma excepção. Natural da provincia, veio para Lisboa onde se empregou na Casa de Penhores de António Pedro da Silva. Em 1917 fundou casa própria. A Casa Mayer negocia simultaneamente em penhores, antiguidades e jóias. José Mayer, falecido em 1962, foi, sem dúvida, uma «figura de Lisboa», penhorista, antiquário, ourives, fotógrafo amador, grande afeccionado fundador o «Sector 1» e a «Festa Brava».

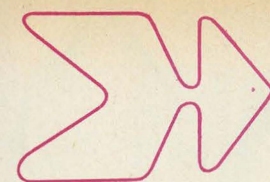
Um cartaz da época da inauguração. Atrás do balcão, José Mayer

Hoje a família Mayer possui duas casas de penhores, uma na Rua do Loreto e outra na Almirante Reis, e uma casa de antiguidades em São Pedro de Sintra, dirigidas pelos dois filhos de José Mayer, Augusto e Ivo Mayer.

A nossa «figura de Lisboa» desta semana é Augusto Mayer, filho de outra «figura de Lisboa».

A Casa Mayer fica no n.º 18 da Rua do Loreto, uma porta pequena entre duas montras. Lêem-se vários letreiros: PENHORES; ANTIQUIDADES; LEILÃO; OURIVESARIA; COMPRA E VENDE... O interior lembra mais um Antiquário que uma Casa de Penhores. Nas paredes, nas vitrinas, peças de valor, porcelanas, cristais, relógios antigos, quadros... É que as Casas de Penhores também se dividem em classes, em categorias, um estabelecimento do Chiado tem uma clientela diferente da de um estabelecimento situado num bairro popular. A Casa Mayer é especializada...

3 DATSUN PARA VOCÊ !



DATSUN

**PRESENTE
NUM CONCURSO
SENSACIONAL !**

O SÉCULO
ilustrado

**OFERECE-LHE AGORA
TRÊS AUTOMÓVEIS DATSUN**

NO VALOR TOTAL DE 310 CONTOS

CONCORRA JÁ !



ESTES MAGNÍFICOS MODELOS DATSUN ENCONTRAM-SE EM EXPOSIÇÃO NO



ENTREPOSTO

ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S. A. R. L.
Av. Duarte Pacheco, 21-A — Telef. 68 51 75/6/7/8 — Lisboa 3

AUGUSTO MAYER

da em objectos de arte. Claro que também tem muitos clientes daqueles que vão «entregar ao usurário umas coisinhas» como diz a canção, compra e vende toda a espécie de artigos, roupas, electrodomésticos, etc., mas tudo isso está catalogado, guardado nas traseiras, armazenado.

Ao contrário do que a sua voz decidida e autoritária ao telefone parecia indicar, Augusto Mayer é um homem de aspecto simples, simpático, afável, bem humorado... A sua secretária, grande e saída, está colocada mesmo atrás do balcão, protegida apenas por um tabique, para poder estar permanentemente em contacto com o negócio. Porque Augusto Mayer gosta da sua profissão:

— Como nas outras profissões é preciso gostar. Fui criado neste ambiente, habituado desde pequeno a conviver com peças antigas. Não, nunca pensei seguir outra profissão, acabei o liceu e vim logo para aqui, foi esta a minha faculdade...

Com um gesto indica as velhas paredes cobertas de pratos antigos, o balcão gasto pelo uso, o cofre antiquado. Uma fotografia de José Mayer está pendurada em frente.

— Foi o meu pai que fundou a Casa, há 52 anos. Eu dirijo este estabelecimento e o meu irmão o da Almirante Reis. A minha irmã está em casa mas também é proprietária assim como a minha mãe... Própriamente a respeito do negócio de penhores pouco posso dizer, é um negócio estritamente confidencial, há certas coisas que não podemos divulgar.

Na loja vê-se grande movimento.

— Hoje vem mais gente porque é dia 8... a renda da casa... O negócio varia conforme as alturas, os princípios dos meses são mais férteis em empréstimos, há sempre muitas despesas, letras... Depois baixa e volta a subir no fim do mês quando o ordenado se acaba. Temos vários clientes regulares, clientes com muitos anos de casa, alguns vêm todos os meses, enfim, depende... em certas épocas até vêm todos os dias! As pessoas preferem empenhar a vender porque podem voltar a levantar os objectos se tiverem possibilidades e, além disso, há coisas que ninguém quer comprar. Aqui sempre recebem alguma coisa, talvez uma importância um pouco inferior ao valor dos objectos. Por exemplo, uma pessoa pretende vender uma peça por 500\$00, nós podemos emprestar 400\$00 e assim sempre arranjar algum dinheiro rapidamente e se quiser pode recuperar, se pagar os juros, claro. A maioria, mais de 50 por cento vem levantar os objectos. Outros, por diversos motivos, abandonam.

São justamente estes objectos abandonados que alimentam o negócio de antiguidades.

— Isto no fundo é tudo o mesmo negócio, de um resulta o outro. Noventa e cinco por cento das antiguidades são objectos que não

foram levantados pelos clientes dentro do prazo, cujos juros não foram pagos. Tenho tido peças muito valiosas, quadros muito bons, até peças de museu. Um retrato de Feliciano de Castilho pintado por Miguel Lupi que está no Museu de Arte Contemporânea foi vendido por mim. Ainda há pouco tempo tive aí um quadro que representava Camões. Afirmaram que era o verdadeiro retrato de Camões, feito na época, até veio no jornal...

Augusto Mayer entusiasma-se quando fala nas preciosidades que lhe têm passado pelas mãos. Visivelmente é o negócio de antiguidades que mais o interessa e que pode abordar mais livremente.

— Nós aqui trabalhamos principalmente com peças antigas, jóias, pintura, móveis... Há outras casas especializadas noutras coisas. Não quero dizer com isto que a gente não receba, recebemos tudo, desde o lençol ao objecto mais caro. Durante um período houve uma grande baixa em tudo o que diz respeito a antiguidades, quem se interessava por isso eram só as pessoas de idade. Mas agora apareceu uma camada jovem de compradores, está na moda comprar coisas velhas. Claro que a maioria não tem dinheiro para as coisas boas mas vão comprando «velharias». Os estrangeiros que vêm a Portugal, principalmente na época de Verão, procuram cada vez mais os antiquários portugueses. Também exportamos algumas peças, não muitas, não nos dedicamos a isso, mas às vezes certos clientes que temos no estrangeiro, sobretudo na América, pedem-nos para nós mandarmos e nós mandamos.

O aspecto dos clientes que vão entrando e saindo é muito variável, alguns de aspecto muito humilde, outros bem vestidos, com ar abastado.

— Temos clientes de todas as classes sociais. Pessoas até muito conhecidas. Claro que não posso dizer nomes, como já disse, este é um negócio confidencial. Em princípio pode parecer que as pessoas escolhem o estabelecimento mais próximo mas nem sempre assim acontece. Há quem vá empenhar as coisas muito longe de casa, até chegam a vir do Porto a Lisboa! No fundo não há motivo para as pessoas se envergonharem, isto é precisamente o negócio de um banco. A única diferença é que enquanto no banco a garantia é um aval bancário, o banco só empresta se um comerciante avalisar as letras, para nós a garantia é o objecto. Funcionamos exactamente como um banco. Ora ninguém se envergonha de pedir dinheiro a um banco e portanto não há razão para se envergonharem de pedir um empréstimo numa casa de penhores. Nomes não posso dizer mas pelos objectos que estão expostos, pode-se calcular, que as pessoas que vêm empenhar objectos destes não podem ser pessoas sem posição, sem categoria. Nós temos peças empenhadas em troca de empréstimos na ordem dos 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80 contos! Não há hipótese de uma pessoa vir empenhar um objecto de 70 ou 80 contos se não tiver esses objectos em casa e por conseguinte pode ver a categoria da pessoa...

Realmente vêem-se muitos objectos de aspecto valioso e as peças



de maior valor não estão à vista. A família Mayer aliás tem colecções particulares.

— Já em miúdo colecionava tudo o que apanhava, desde aqueles retratos de futebolistas que vinham dentro dos rebuçados. Coleciono tudo, mesmo coisas sem valor, etiquetas de hotéis, de companhias de aviação, emblemas, caixas de fósforos... Agora estou a fazer uma colecção de sapatos e botas de porcelana, de metal, de madeira, já tenho cerca de 200. Também tenho uma grande colecção de máquinas fotográficas. Desde muito novo que sou um apaixonado da fotografia, como o meu pai, deve ser hereditário. Particpei em várias exposições, até ganhei uma medalha!

Augusto Mayer mostra algumas fotografias a cores da sua casa de antiguidades de São Pedro de Sintra. É uma das várias lojas que constituem uma espécie de Drugstore, luxuosamente decorado, que ainda não foi inaugurado oficialmente.

— Depois tive que desistir, tenho muito trabalho e não me sobra tempo para me dedicar a sério à fotografia. Claro que continuo fotografando sempre que tenho ocasião, quando viajo... Eu gosto muito de viajar, mas também quem é que não gosta? Sempre que possível dou um saltinho nem que seja só até Badajoz para tomar um café!

Os irmãos Mayer, como o pai, dedicam-se às mais variadas actividades. Grandes aficionados nunca perdem uma tourada. Ivo Mayer tem a paixão dos automóveis e já participou em numerosos «rallies» e gincanas. Como não podia deixar de ser também se dedicaram à música:

— Pode dizer-se que sou um dos dois pais do «jazz» em Portugal, fui eu um dos fundadores do Hot Club. Pessoalmente não toco ne-

O pai, José Mayer, fundador da Casa Mayer, fotografado, com os dois filhos, durante uma tourada em 1956



Esta foi a primeira penhora, empenhada em 1917 por 2 tostões! Agora, imoldurada, está pendurada na Casa Mayer ao lado da fotografia de José Mayer

nhum instrumento, em tempos aprendi violino mas acabei por desistir. O meu irmão é que toca piano, tem tocado na Emissora, na Televisão. Agora, desde que o meu pai morreu afastou-se um bocado, enfim, há mais trabalho...

Os clientes continuam a seguir-se, atendidos por um funcionário que avalia rapidamente os objectos.

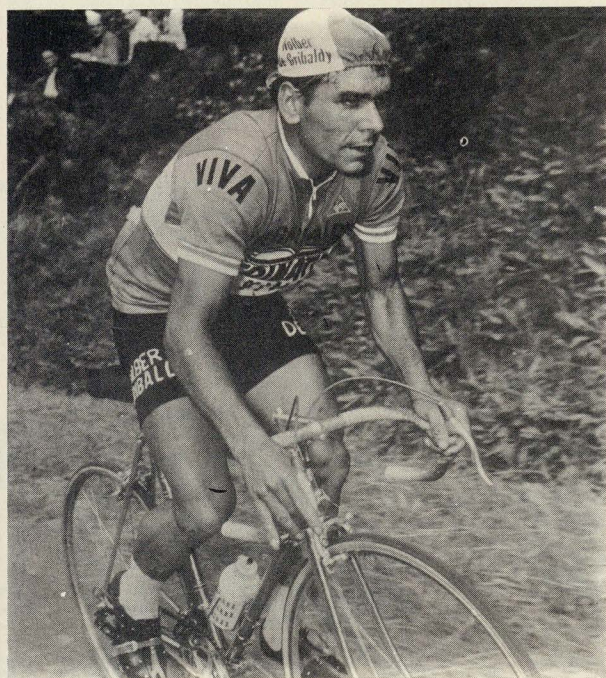
— A avaliação é feita na altura, por mim ou pelos funcionários. É preciso muita prática e conhecimentos. Chega-nos aqui toda a espécie de artigos e temos de julgar rapidamente. Não temos muita coisa à vista, está tudo guardado nos armazéns, era impossível ter tudo aqui. Para desempatar capital realizamos leilões periódicos, de três em três meses. São leilões iguais aos outros só têm é os 10 por cento de impostos e os 5 por cento de selo. Procuramos nunca perder o dinheiro emprestado, geralmente começamos a leilão a partir do valor do empréstimo. As peças que não atingem este mínimo vendemo-las depois durante o ano. Também temos muitos clientes que vêm para comprar. Às vezes pedem coisas muito estranhas, estou-me a lembrar de uma senhora, muito bem posta, que, aqui há tempos, entrou cá na casa e pediu para eu lhe vender... uma Nossa Senhora de Fátima do século XVIII! Ainda os pastorinhos não eram nascidos! Num negócio como este passam-se coisas imprevisíveis, é isso que o torna apaixonante. A propósito, um pormenor curioso, o grande toureiro que foi Carlos Arruzza comprou aqui o primeiro fato que usou em Portugal. Vestiu-o mesmo ali dentro. Sim, porque nós também temos fatos de toureiro!

E, assim, deixamos Augusto Mayer, como o pai, penhorista, antiquário, ourives, colecionador, aficionado, amante de música e fotografia, uma «figura de Lisboa».

GIMONDI FALA DA ACTUAÇÃO DE JOAQUIM AGOSTINHO NA VOLTA À FRANÇA:

"É INCRÍVEL!"

reportagem exclusiva de Robert Descamps, da U. P. I., para o «S. I.»
via Telimprensa



A capacidade atlética de Agostinho é a sua característica que mais tem impressionado os observadores e outros ciclistas

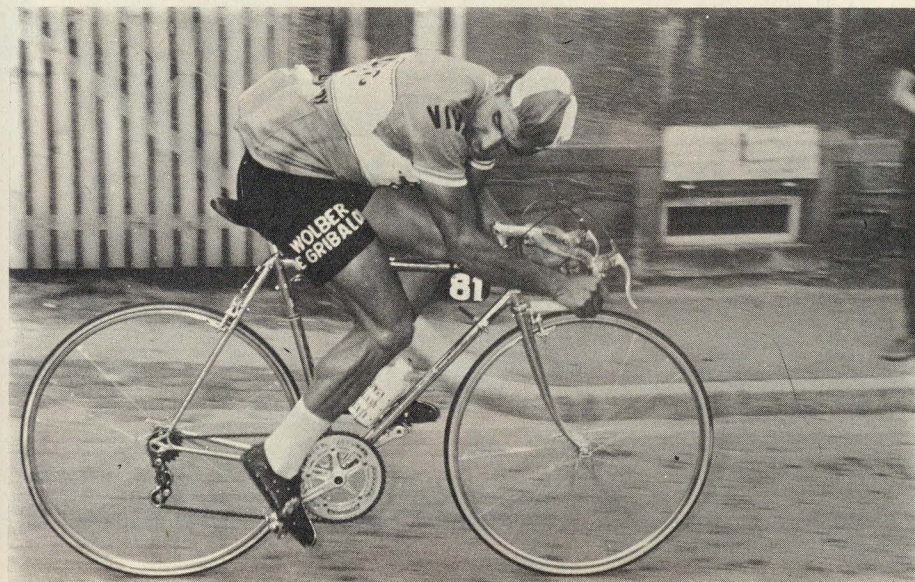
Joaquim Agostinho lançado na estrada. «Vim ao «Tour» para mostrar o que valho.»

Além de «miss» França, também um grupo de gentis alsa-cianas aguardava o ciclista português no termo da etapa, em Mulhouse

As baforadas que Louis Caput extraía do cigarro proporcionavam-lhe, visivelmente, um prazer intenso. Desde há muitos dias que fora obrigado a deixar de puxar constantemente pelo maço de «Gauloises», como era seu hábito, em resultado de uma aposta — menos estúpida do que parecera inicialmente — segundo a qual não voltaria a fumar até que um dos ciclistas da equipa *Frimatic—Viva de Gribaldy*, que dirige, ganhasse uma etapa.

O êxito do português Agostinho em Mulhouse permitia-lhe por termo à sua penitência e, logo na linha de chegada, tratou de aceitar um cigarro oferecido por Vitor Cosson — um veterano do «Tour», 3.º classificado em 1938, após Bartali e Vervaecke. Caput bem podia agradecer a Agostinho — e o antigo campeão de França não hesitou em fazê-lo. Quando o ciclista português viu o seu chefe desportivo a atrair nuvens de fumo para o ar, desatou a rir.

—Tinha-lhe prometido uma vitória — disse ele — Ai a tem. A verdade é que Caput e Agostinho conversam de preferência com as mãos, visto o primeiro não saber uma pala-



JOAQUIM AGOSTINHO



capaz de imitar Agostinho e de correr 60 ou 80 quilômetros sozinho, à frente do pelotão. Conhece-se ainda mal, porém, a extensão das suas possibilidades. Penso que pode conseguir êxitos muito maiores ainda. Sem o furo, teria perseguido Merckx até ao fim, pois seguiria à risca as minhas instruções e desde o início da etapa não deixava o belga afastar-se. É um corredor a sério: come metade do que comem os outros e bebe apenas uma garrafa de cerveja à refeição.

As grandes vedetas do «Tour» já aprenderam a conhecer Agostinho... e a desconfiar dele. Para o camisola amarela, Eddy Merckx, o português é um ciclista «surpreendente».

—Nunca o tinha visto correr. Mas apercebi-me logo que ti-

nha qualidades. Certamente terminará bem classificado, em Paris, pois ataca constantemente.

Também o italiano Gimondi não lhe poupou elogios:

—Agostinho é um corredor atlético, que parece não ser afectado pelo cansaço. Quando arrancou sozinho pela estrada de Mulhouse, não acreditei que se aguentasse até final. Mas ele aguentou. É incrível.

Raymond Poulidor falou dele no mesmo tom:

—É dos fortes. Falta-lhe evidentemente, experiência, e por vezes esforça-se demasiado e inutilmente. Mas não parece ser afectado por isso e, cada manhã, parece tão fresco como na anterior. Já no princípio da época corra com ele

vra de português e o segundo mal conhecer os rudimentos do francês. Mas isto não impede que os dois se apreciem. O eterno sorriso nos lábios de Agostinho contribui decisivamente para isso, do mesmo modo que o seu permanente bom humor fez já que conquistasse a amizade dos seus camaradas.

Deve dizer-se também que, graças às marcas que tem conseguido, a «caixa» da equipa tem arrecadado alguns proveitos, o que explica a consideração em que é tido pelos seus camaradas...

Tudo espanta Joaquim Agostinho nesta Volta à França, organização gigantesca que reúne perto de 1500 pessoas durante mais de 4 mil quilómetros. As multidões que este ano formam autênticas sebes humanas ao longo do percurso levaram-no a comentar:

—Que barulho, que gritos, que ovações!

Mostra-se também surpreendido pela precisão da organização — o respeito pelos norários, pelas quilometragens, a regularidade dos abastecimentos.

—Aqui não nos falta, nem na estrada nem nos hotéis, à noite — afirma.

Quanto ao ritmo vivo da prova, também lhe causou estranheza, embora não mostre qualquer temor, nem mesmo perante Eddy Merckx.

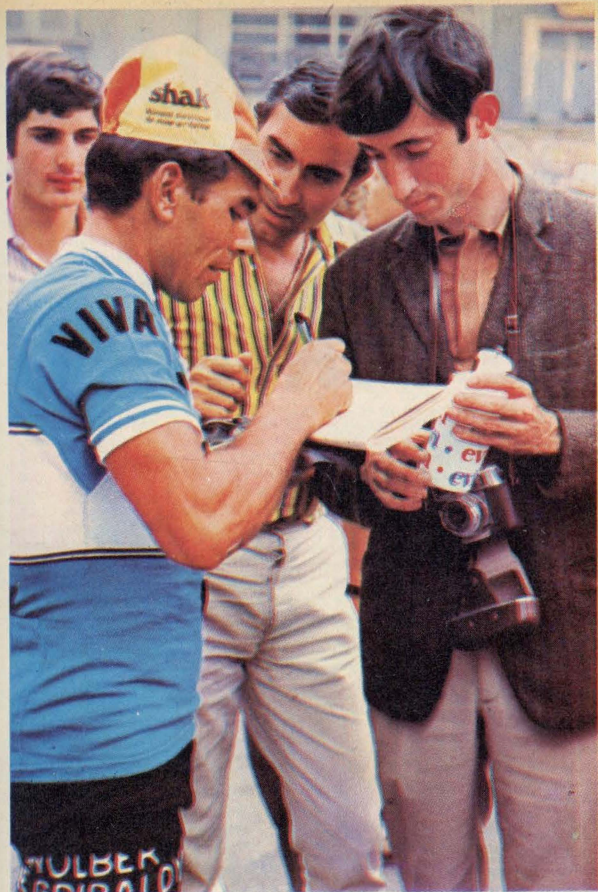
—Esse belga é um grande campeão — afirma ele — e no pelotão há também muitos corredores de força. Mas, tal como eu, não vejo senão duas pernas. Vim a Volta à França para mostrar o que valho. De que serviria encontrar-me numa grande prova como esta, se ficasse sempre escondido no pelotão? Sinto-me bem quando ataco. Joguei ter a vitória na mão na 3.ª etapa. Falnei por pouco, por isso voltei a tentar dois dias depois.

Todos os observadores, com excepção de Louis Caput, se surpreenderam com as facilidades de recuperação de Agostinho — um corredor que, embora com 26 anos, pode considerar-se fresco, visto só correr desde há 2 anos.

—Depois de tê-lo visto em acção na Volta ao Luxemburgo, tinha a certeza de que o «meu» português se portaria bem na Volta à França. Tem imensa fibra atlética. Difícilmente se encontra quem se lhe possa comparar. Provou ser capaz de proezas do género das que celebrizaram o suíço Koblet. Dos corredores desta Volta, exceptuando Merckx, só Pingeon é



«Mas eles só têm duas pernas, tal como eu.» Em primeiro plano, Janssen



um acordo com o português, fiquei certo que este não só se portaria bem na Volta à França como em qualquer outra prova. Um dia, por exemplo, é capaz de ganhar a corrida Paris-Roubaix.

Jean-Claude Lebande, outro companheiro de Joaquim, aprecia sobretudo as qualidades humanas do português.

— É agradável tê-lo na nossa equipa. Está sempre satisfeito, sempre sorridente. É um bom camarada e será ainda mais «compincha» quando começar a desembaraçar-se melhor em francês.

E o normando não esconde o prazer que teria em estar a fazer tão boa prova como Agostinho.

Georges Speicher, antigo campeão do mundo e vencedor do «Tour» de 1933, é quem guia os convidados da organização na Volta à França. Explica-lhes a corrida, visto seguir-se de muito perto e refere-se a Agostinho nos termos mais calcosos:

— Seria muito grato vermos jovens franceses darem provas de um temperamento, de uma coragem assim. Sem dúvida vai acabar em muito boa posição, em Paris e, no próximo ano, já com mais experiência, constituirá uma ameaça ainda maior. Gostei muito de vê-lo ganhar em Mulhouse.

Mas Agostinho não provocava só reacções de entusiasmo. Causou, por exemplo, um susto a Felix Levitan, co-director do «Tour», quando o seguiu na descida do desfiladeiro do Schlucht, quando o português tomou a iniciativa de tentar chegar sozinho a Mulhouse.

— O espantoso é que, sendo tão «verde», não pareça ser afectado pelas dificuldades que atemorizam os outros. Vai de novidade em novidade e, entretanto, ataca sempre que pode. No Schlucht correu riscos absolutamente incríveis. Nunca tive tanto medo por um corredor — e já segui inúmeros campeões! Só esperava vê-lo falhar uma curva e cair. Esse percurso demonstrou que dispõe de reflexos excelentes e que a escalada não o tinha enfraquecido. E mostrou também a coragem dele.

Uma coragem de que ele voltou a dar provas quando, depois de ter caído aparatosamente à chegada ao «sprint» da 7.ª etapa, em Divonne les Bains, continuou a combater arduamente nos dias seguintes, apesar de ferido em vários pontos do corpo. E à medida que o tempo passa e a sua classificação continua a melhorar, todos concordam que ainda não se viu tudo o de que Agostinho é capaz, nesta Volta à França 1969.

Sessão de autógrafos: Joaquim Agostinho é já suficientemente conhecido para que a sua assinatura tenha cotação

na Côte d'Azur e sabia já quão forte ele é.

Jan Jansen, outro ciclista belga no «Tour», diz dele:

— Esse português é uma autêntica lebre. Devia estar habituado a trabalhar duramente e, pelos vistos, conservou esses hábitos no ciclismo. Merece inteiramente o troféu da combatividade e não se cansa de no-lo provar, «arrancando» a cada curva da estrada. É uma felicidade haver corredores como ele.

O pequeno «trepador» francês Guty, colega de Agostinho na equipa, «descobriu-o» em 1968 na Volta a São Paulo.

— Esmagou-nos todos. Dominou mais completamente a corrida do que Merckx domina este «Tour». Logo que soube que Jean de Gribaldy, que esteve comigo no Brasil, tinha



«Miss» França aguardava o ciclista português à chegada a Mulhouse — e o nosso compatriota, vencedor da etapa, não hesitou em experimentar a sensação de uma cútis coroadada...

A ENTREVISTA
si
DA SEMANA

88 MILHÕES DE DÓLARES "VALE" HUGH HEFNER DONO DO IMPÉRIO "PLAYBOY"

«Play-boy», esta palavra que se tornou um símbolo, espalha-se em letras gigantescas na noite de Chicago. Ela dominava até estes últimos meses esta cidade cogumelo que estende as suas tentaculares avenidas em todos os sentidos, e que tem actualmente dois aeroportos, um para o serviço internacional, outro para as ligações internas americanas. Posteriormente, um edifício quase tão alto como o Empire State Building, de Nova Iorque, ostenta este nome, mas não conseguiu igualar o brilho norte-americano e mundial destas sete letras juntas. Um «play-boy», no conceito de muita gente, é um bonito rapaz, sempre rodeado de belas raparigas quase despidas, rolando ao volante de sumptuosos carros de desporto, lançando a moda dos casacos «à Mao» ou «à Nehru», pilotando o seu avião particular, proprietário de um iate, de uma casa com piscina, gozando ao máximo a vida, graças à sua fortuna. Um arquétipo da vida fácil, mas dotado de um espírito aberto, com alardes de liberalismo afim de que ninguém lhe reprove a sua atitude na existência, o seu inconformismo susceptível de chocar o mortal comum.

De facto, para algumas pessoas, sejam homens ou mulheres, é a concretização de um sonho, sonho de forma de viver, sonho da beleza, da facilidade, da fortuna. Hoje em dia um «play-boy» é aquilo que para os nossos pais eram, há alguns anos, os actores de Hollywood com as suas casas de sonho, as suas etéreas companheiras.

Durante a sua juventude, teria Hugh Marston Hefner sonhado ascender a um tal mundo? Os seus biógrafos e os seus amigos não o dizem. O patrão, o «senhor» é uma divindade à parte, que é preciso nem irritar nem aproximar demasiado do comum dos mortais. Não é certo que ele é o único detentor das chaves do sonho? Não é ele quem em última análise decide sobre tudo com um gosto tal que assegura o sucesso?

Uma fortuna de 88 milhões de dólares

Os factos são estes. Tendo começado em 1953 com 600 dólares na algibeira, pedindo emprestado aos amigos, vendendo o seu automóvel, Hugh Hefner, que doravante chamaremos apenas «Hef», segundo o uso caseiro, está hoje em dia à cabeça de uma fortuna de 88 milhões de dólares que, sublinhe-se desde já, não são o resultado das últimas estimativas, pois tudo caminha tão depressa que, de minuto a minuto, os nossos bens crescem, de tal modo que não sabemos nunca verdadeiramente quanto temos.

«Hef» e «Play-boy» são de facto uma e a mesma pessoa, mas à revista veio juntar-se uma enfiada

Esta é a maqueta do próximo avião particular de Hefner. Diz-se que, entre outros requintes, disporá de piscina...

de firmas, sociedades que proliferam diariamente, nascendo uma após outra do amontoado de ouro a dólares e acumulando tanto mais lucros quanto mais numerosas são.

No ano passado, o montante global das receitas da firma H. M. H. atingia os 77 milhões de dólares. Num ano, os financeiros da sociedade verificaram um acréscimo de lucro da ordem de mais de 10 milhões de dólares. O sucesso desencana o sucesso.

Os 50 000 números da primeira edição do magazine, editados em 1953, foram já há muito ultrapassados. O «Play-boy» vende em todo o Mundo mais do que qualquer das outras revistas americanas. Totaliza mensalmente 5 540 000 exemplares, dos quais 66 537 apenas em França durante o mês de Fevereiro, mesmo não existindo tradução francesa.

Em Wall Street, o negócio está cotado entre os melhores, e os banqueiros gostariam de poder meter a mão no mecanismo desta fortuna em marcha. «Hef», que quer guardar a orientação do conjunto das suas actividades e se recusa a ceder seja a quem for a sua íntima parcela do seu poder de decisão, nega-se a vender acções. O negócio pertence-lhe. É o seu «bebé», como dizem os seus empregados. Verdade seja que ele faz tudo para que a «criança» ao qual consagra 85 por cento da sua existência, se conserve o melhor possível e vença sempre.

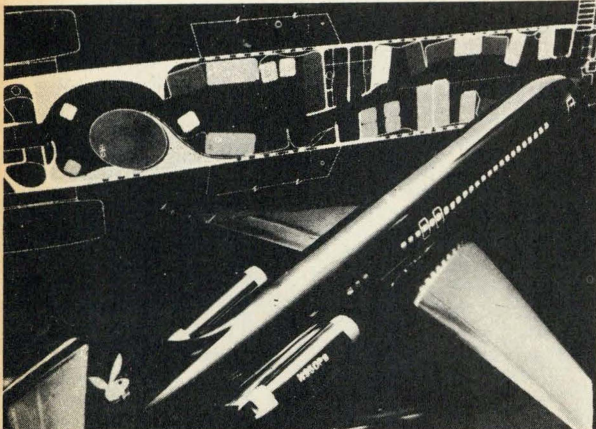
As empresas H. M. H. são actualmente consideradas como um dos

mais importantes negócios lado a lado com os de Carregie, Harriman, Vanderbilt, Hearst e Getty. Elas pertencem ao núcleo daquelas que caracterizaram a América do princípio do século. E sendo as mais recentes, porque não há nos Estados Unidos outras deste género desde há dezenas de anos, são consideradas como o milagre dos anos 1950. O «Império Hefner» não é uma palavra vã, nem uma expressão desprovida de sentido, criada com um fim publicitário. Ao lado da revista, que se mantém como a unidade principal, existem os clubes, os hotéis, os restaurantes, todos os artigos que, ostentando a cabeça do coelho, são os pilares do sucesso e do «sonho» de que todos os homens têm necessidade na nossa actual sociedade de consumo.

No antro dos «play-boys»

Não fora o número de raparigas bonitas que entram e saem do edifício e o armazém de «gadgets» que se encontra à direita da entrada, e nada assinalaria o edifício do «Play-boy», a dois passos da Avenida de Michigan, no bairro elegante de Chicago. O imóvel não data de ontem mas sim dos anos 30, com uma decoração em estilo moderno,

Hugh Hefner com duas das «play-mates» tornadas famosas pelo «Play-boy»



e será necessário transpor alguns andares deste edifício, que tem 37, para penetrar no antro dos «play-boys». Aí tudo foi completamente modificado: as portas do elevador são diferentes em cada andar, em couro vermelho; os gabinetes, totalmente remodelados, ostentam nichos com luz difusa, revelando súbitamente estátuas de gesso ou de pedra, manifestamente inspiradas por algumas «leitas do mês», de peito generoso e de ancas roliças. Aí, as secretárias são belas mas frias, o seu sorriso é demasiado estereotipado, todas com mini-saias, sabendo que chamam a atenção, mas que a concorrência é grande. Nas paredes, quadros modernos mas só abstractos, fotografias já aparecidas nos precedentes números da revista, e todas fazendo sobressair, como se tal fosse necessário, as curvas da belidade de Setembro, Novembro ou Janeiro passado. Tudo a cores, para que ninguém as possa ignorar e o mais ostensivo possível, mas sempre com uma preocupação plástica que dá às fotografias o valor clássico das estátuas italianas ou gregas que faziam da mulher um objecto, um belo objecto digno de ser olhado.

É a representação da mulher sonhada por todos os americanos, uma mulher digna de atrair as atenções do homem, muito menos prosaica que na realidade quotidiana, e sem «bigoudias», creme, desmaquilhador, nem desmaquillador, nem pretensões, sem as características de devoradora de dinheiro, possessiva.

Essas raparigas representadas nas paredes não simbolizam a «mãe de família», mas sim, de preferência, as vestais guardiãs do ideal feminino, tal como ele existia sem dúvida no espírito do homem, antes que ele tivesse que lutar diariamente para que ela tenha máquina de lavar a roupa, frigorífico, idas ao cabeleireiro uma ou duas vezes por semana, etc... birras ridículas, sentença da propriedade, enfim, consciência que ela tem um homem que provê às questões materiais.

Com efeito, «Hef» sem dúvida sonha ainda com a mulher que ele não encontrou, apesar de ter sido casado e tenha dois filhos de uma amiga do colégio, Millie Gunn, da qual está divorciado.

De igual modo, é entre as «bunnies» (coelhinhos) e as «play-mates» — as hospedeiras dos clubes «play-boys» ou os modelos das «leitas do mês» — que ele passa algumas horas por dia, reservando as outras horas para preparar, orientar e resolver os problemas que surgem na preparação da revista do mês em curso ou do próximo, sozinho no seu quarto, reclinado sobre a sua cama em forma de eclipse, escolhendo as fotografias, dando indicações sobre a maneira de as tirar de modo a valorizar determinada rapariga, determinando que certo desenho é melhor que outro, que certo quadro deve ser fotografado de preferência a outro para o próximo número.

«Hef» em casa

«Hef» nunca vai aos gabinetes do «Play-boy». Desde 1953, apenas aí foi duas vezes das quais uma em plena noite, quando não se encontrava ninguém nos gabinetes, de tal modo que — é o cúmulo, afirma um dos seus empregados mais

antigos — teve de se identificar ao vigilante nocturno. O «imperador» habita no seu «Versalhes victoriano» à distância de alguns quarteirões, uma construção de quatro andares, em tijolos vermelhos, de tecto de ardósia, muito respeitável e que não sobressai nada entre todas aquelas que a rodeiam.

Depois de se ter sido identificado pelo porteiro através de uma câmara de televisão, abre-se a porta e penetra-se no Trionfo de H. M. H., o «santo dos santos». Certamente que não pode visitar tudo. O filho do dono da casa, que ignora quem é «socialmente» o seu pai e não usa o seu nome — (o segundo marido de Millie Gunn adoptou-o e é irmã) — estava para chegar. Tem 14 anos e a irmã 16, e vêm alternadamente visitar o seu pai.

Apesar de tudo, pode verificar que o salão de baixo era muito bonito, decorado com quadros modernos, ornado de corações, e com uma imensa chaminé de mármore em estilo italiano. O seu tecto de vigas decoradas é também oriundo de Itália. No centro, separando a chaminé do resto, a estante electrónica permite fornecer música de todos os estilos, modificar as luzes, comandar dois projectores de cinema em preto e em cores, o «écran» panorâmico que desce do tecto, enquanto pode fazer desaparecer os «écrans» de vários aparelhos de televisão. É aí que se realizam as recepções, os «cocktails», que todos os domingos à tarde uma trintena de amigos vêm assistir à projecção dos últimos melhores filmes do mercado mundial, o mais das vezes em antestreia.

Num canto à parte, uma casa de jantar, um bar, a cozinha que trabalha durante 24 horas por dia — uma vez que o dono da casa e os seus convidados não têm hora para pedir um bife, um pequeno almoço, uma arroz à creoula, seja o que for.

Nas caves, a piscina de água quente, com a sua cascata, flanqueada por uma sala de banhos turcos e por uma sala reservada para os banhos de sol com ultravioletas; na segunda cave, que se atinge por uma escadaria, ou melhor ainda, por uma dessas escadas de salvação que permitem descer com toda a facilidade até abaixo, encontra-se o bar, o verdadeiro, o maior, com uma parede envidraçada sobre a piscina, na qual se podem ver evoluir as náides despidas — devo dizer que, aquando da minha visita, não havia nenhuma à vista — uma sala de pinguepongue e diversos outros jogos.

A parte cimeira do edifício «Mansão Play-boy» estava interdita, de modo que não pude visitá-la, nem encontrar nenhuma das 24 «bunnies» que aí moram permanentemente, nem ver as piscinas ao ar livre, que segundo me disseram são todas pequeninas, onde as raparigas se bronzeiam ao sol de Chicago, para prazer dos olhos dos habitantes dos edifícios vizinhos. É inútil dizer também que os «aparelhos reais» — os de «Hef» — ficam fora do circuito aberto ao «vulgo pecus». «Noblesse oblige», eu compreendo isso. Pode-se desvendar uma parte do sonho, mas não todo, senão onde estaria o sonho?

As secretárias, além das «bunnies» abundam neste santuário onde o estado-maior vem dar contas ou submeter ideias. Todas veneram

o mestre, e parecem dispostas a defendê-lo com o seu próprio corpo se tal for necessário.

Em tudo isto, ideias, gosto, uma realização irrepreensível, aquela que favorece a fortuna.

Na 15.ª aniversário do primeiro número da sua revista — aniversário que será celebrado em Dezembro — Hugh Marston Hefner encontra-se com os seus poucos associados, à cabeça de um verdadeiro império que se estende desde a Imprensa, da revista, de uma tipografia e de uma casa editora, até aos hotéis, clubes e restaurantes, passando por armazéns de produtos diversos marcados com a cabeça do coelho — tacos de golfe, camisolas, produtos de «toilette», diversos «gadgets», brinquedos em pelúcia, cabeças de alavancas, alfinetes de gravata — até a uma escola de modelos, um teatro e um cinema de vanguarda.

Os estabelecimentos «Play-boy»

Este império estende-se por todos os Estados Unidos, e transborda largamente não só por intermédio da revista que se vende por toda a parte, excepto detrás da «cortina de ferro» — onde, no entanto, os empregados das embaixadas americanas a recebem, e com a qual se verifica, afirma-se em Chicago, — uma espécie de mercado negro — mas também através dos clubes. Existem dezanove espalhados na sua maiorias nas grandes cidades dos Estados Unidos, e um outro na Jamaica, um outro em Londres, enquanto que um terceiro está em construção em Manchester. «Hef» não tenciona, nem num futuro imediato nem nos anos vindouros, implantar clubes no continente europeu. Não se trata de uma questão política, mas apenas o receio do rigor dos governos e sobretudo do governo francês, porque Paris seria — diz-se aqui — uma das praças a tomar, é evidente.

O crescimento do sucesso dos clubes «Play-boy» nos Estados Unidos é tal que «Hef» e o seu conselho de homens de negócios composto por: Richard Rosenweig, seu amigo, confidente, e o mais próximo de todos os seus colaboradores, Frederick H. Stapleford, Arnold S. Morton, Victor A. Lowmes III, um dos fundadores da casa e director do clube de Londres, Robert S. Preuss e M. Glenn Hefner, pai do «patrão», que desempenha o papel de tesoureiro, procuram harmonizar esta implantação, estendê-la a todas as regiões possíveis do país para poderem oferecer uma completa escolha de locais de atracção marcados com a cabeça do coelho.

Uma das últimas realizações chamadas «globais» é o Play-boy Club Hotel do Lago Geneva, no Wisconsin, que compreende 7 edifícios, 300 camas, uma pista de aterragem privada que é a mais importante dos Estados Unidos, 2 terrenos de golfe, cada um com 18 buracos, um lago onde se pode pescar, velejar, andar de barco a motor, no Inverno patinar no gelo, dois «courts» de ténis, duas piscinas, uma estrebria e alojamento para cavalos, um campo de tiro aos pombos, pistas de equi, que no

Um friso de «bunnies», as «coelhinhos» que guarnecem todas as instalações (hotéis, restaurantes, clubes, etc.), da organização «Play-boy»

próximo ano serão ligadas ao hotel por um monocarril, sem mencionar o material posto à disposição dos convidados e membros do clube, que vai desde bicicletas a carros de desporto, passando por «scooters», um helicóptero, restaurantes, cafés, bares, clubes, salas de cinema, salas de conferência, armazéns diversos; 580 empregados, incluindo as «bunnies», estão encarregados do complexo.

Um outro complexo idêntico vai ser aberto dentro de alguns meses no Lago Tahoe, no Nevada, e parece que, como no primeiro, para aí poder ir será necessário reservar quarto com meses de antecedência. Existe um outro projecto, desta vez de clube mas, um clube que possa ser análogo ao de Wisconsin, e o terreno já está comprado. Situar-se-á em Nova Jérsei, a menos de 100 quilómetros de Nova Iorque.

Em Espanha, o «Play-boy» já começou a implantar-se não através de um clube, o que lamenta-se em Chicago, invocando o rigorismo do regime de Franco — mas constituindo uma sociedade que na estação morta aluga moradias pertencentes a um certo número de personalidades, e em seguida as subloca para aos membros dos clubes «Play-boy».

Quando se pensa que 12 milhões de dólares foram investidos há 3 anos no Play-boy Club Hotel do Lago Geneva, e que há que dobrar a parada para alargar ainda as instalações, dar-se-á melhor conta do sucesso de prestígio e estima que isto representa.

As instalações já estão retidas para congressos de algumas grandes firmas americanas, e para vários anos seguidos. É certo que em cada um dos clubes e dos hotéis, as personalidades do mundo do espectáculo não hesitam a actuar ou a



HUGH HEFNER

O império H. M. H., além da sua implantação territorial, goza de uma influência considerável nos Estados Unidos e nos meios americanos espalhados pelo Mundo. Vendido ao número nos quiosques em mais de 75 por cento da sua tiragem, a revista conta pouco com os anúncios, diferentemente das suas concorrentes. Para ela a publicidade não é senão um meio suplementar de fazer dinheiro, e este é um ponto acerca do qual «Hef» não tenciona transigir.

Ele decidiu de uma vez para sempre que a publicidade não deveria representar mais do que 30 por cento do número total de páginas do exemplar, e, contudo, somente no número de Junho de 1969, há mais de 3 milhões de dólares de publicidade. É o terceiro mês consecutivo em que o relatório da publicidade é o mesmo. «Os anunciantes fazem bicha à nossa porta, tentam por todos os meios conseguir que lhes concedamos uma página. No entanto não somos nada agradáveis para eles. Por uma página a cores é necessário pagar imediatamente 34 620 dólares. Mas o nosso impacto é importante no que respeita aos jovens, e deste modo as firmas disputam-se para conseguir efectuar na nossa revista uma campanha para venda dos seus automóveis, ou quaisquer outros produtos. Além do mais, fazemos uma escolha, não aceitamos a publicidade ofensiva ou de mau gosto. Deste modo sucede frequentemente que os anunciantes pedem o nosso conselho antes de lançarem um programa publicitário, e os nossos escritórios de publicidade em Nova Iorque têm muito que fazer.»

Durante os dois primeiros anos, «Play-boy» não aceitou qualquer publicidade. «Hef» tinha decidido que a sua revista teria sucesso e viveria pelo seu próprio prestígio. Teve razão e continua a ter, afirmando os seus amigos.

O sucesso do império em globo é de tal modo que, em certos países, tentou-se imitar a revista, e fundaram-se, com o mesmo nome, clubes que nada têm a ver com Chicago, tal como sucedeu em Stockholm, Munique, Berlim, Beirute, Tóquio. De igual modo, o estado-maior defende encarniçadamente a sua marca. Cinco advogados trabalham para «Hef» e os processos sucedem-se.

Trezentas pessoas trabalham para a «Mass Media» constituída pela revista. Aberta aos jovens a partir dos 18 anos, e até cerca dos 34, esta dirige-se igualmente a todos aqueles que conseguiram conservar o espírito jovem, mesmo se têm perto de 80 anos. Se «Hef» é o patrão para todo o que diz respeito à arte, apresentação e escolha das fotografias, e preside à qualidade do produto, tem contudo um adjunto, Auguste Comte Spectorsky, nascido em 1910, em Paris, de pais americanos: ele é responsável por todos os textos, e a sua competência é segura.

«Spec» cada vez assume maior



Esta é Barbara Klein, de 19 anos, que, segundo se diz, está noiva de Hugh Hefner. Conheciam-se num dos programas de TV patrocinados por Hugh, e a diferença de idades — ele tem 43 anos — não parece ter constituído impedimento

importância, na casa que abriu à jovem literatura americana, às tendências novas; ele sabe manter-se ao corrente das correntes de pensamento que interessam os jovens.

Ele não esconde que existem contradições no conteúdo da revista. Contradição, por exemplo, entre a sua linha quase apolítica, e o facto de ter feito campanha pelo senador Mac Carthy. Contradição entre o seu absoluto recontroformismo, e a sua recusa de se deixar levar a defender as posições extremistas, sejam elas quais forem. Contradição entre o desejo dos jovens de porem fim a uma sociedade de consumo e o facto de o «Play-boy», pela publicidade que aceita, pela forma de vida de sociedade que «Hef» aí restaurou de acordo com o seu próprio sonho, reconhecer de facto os benefícios da felicidade e da facilidade de gozar a vida trazidos pelo dinheiro e pela utilização das melhores coisas da sociedade moderna.

— O sucesso da revista — diz Hefner — repousa sobre vários factores: o seu anticonformismo, o facto que ela está aberta a tudo aquilo que preocupa os jovens conscientes, as novas gerações, quer seja arte, literatura, música clássica ou «jazz», desportos, e também as grandes correntes de pensamento do momento, os problemas de amanhã, mais ainda do que os de ontem.

E acrescenta:

— A política é qualquer coisa que manejamos com precaução. Sou um democrata liberal. Não me considero como um reaccionário. Não defendemos o que está estabelecido, verificamos só que existe e daí tiramos o máximo partido.

Prossegue:

— Nos Estados Unidos, não há

qualquer dúvida que são as fotografias da bonita rapariga do mês que asseguram a venda do número no seu conjunto. Mas quanto mais isto se verifica, tanto mais nos alegramos com a atitude dos europeus relativamente à revista. A importância dos textos, os estudos de grandes problemas que fazemos serem ventilados pelos melhores escritores, autores, ou homens para tal qualificados, faz-se cada dia sentir um pouco mais. O nosso jornal não constitui uma democracia. Isto é verdadeiro. Se alguém tem uma ideia pode sempre apresentá-la, mas quem decide sou eu mesmo. Até ao momento presente, ainda nos não enganamos. Sem dúvida, tem sido por uma questão de faro. É certo que nos dirigimos a uma classe de jovens, aqueles que já dispõem de dinheiro, ou que o vão ter. É por aí que fazemos, por medida de segurança, o jogo da sociedade de consumo, mas para todos os outros, aqueles que não têm esses meios ao seu alcance, nós somos o sonho, o sonho de bonitas raparigas, o sonho de belos automóveis, o sonho de sensacionais instalações estereofónicas, de belas casas. Sonho a minha vida. Mostro o meu sonho aos outros, faço-os partilhar dele. Com isto contribui para criar uma nova forma de vida, de sociedade, de saber viver...

É preciso reconhecer que, embora a argumentação pareça hábil, ela baseia-se simplesmente em argumentos de inegável valor que constituem o sucesso das empresas H. M. H. sobre as outras firmas que pretendem, através do «Play-boy», atingir a juventude, e sobre o número de raparigas aliciadas pelas oportunidades que lhes abre o apa-

recimento da sua figura na revista e nas cadeias de televisão, tais como o cinema, a costura, a canção.

— Como procede para arranjar «play-mates»? — perguntei.

— Não temos qualquer problema. Os nossos amigos assinalam-nos a presença de determinada rapariga bonita em certo sítio, outras apresentam-se elas próprias. Antes de mais, asseguramo-nos de que elas vivem nos Estados Unidos. É uma condição absoluta. Compreende, é preciso que os nossos leitores possam dizer: esta rapariga de sonho, posso encontrá-la amanhã, ela mora em tal lugar em Los Angeles, Dallas, etc... É esta a razão pela qual jamais temos uma «play-mate» estrangeira. Um dos casos raros nestes últimos meses foi o de uma dinamarquesa imigrada no Canadá mas o Canadá está mesmo aqui ao lado, não acha? Para as «bunnies» é ainda mais simples. São as raparigas, muitas vezes estudantes, que para financiarem o fim dos seus estudos na Universidade, aceitam fazer esse trabalho nos nossos clubes. De facto, como já teve ocasião de verificar, são, os nossos criados de café, as nossas criadas de restaurantes; diferentemente das outras, apresentam-se com o traje que conhece, um facto que põe em relevo o seu peito, com as pernas calçadas com meias escuras, elevando-as, como estátuas vivas, acima dos clientes. Somos muito estritos com elas, como com os membros dos clubes. Elas não podem dar o seu número de telefone, e os clientes não lhes podem tocar. De contrário, umas e outras, são excluídos definitivamente. Compreende facilmente que o sonho contempla-se exclusivamente com os olhos.



é tudo... tudo laranja!

Schweppes

Pasteurizada • Sem Corantes • Sem Conservantes

Paris por um vestido? É muito longe!



Faça você mesma o seu modelo, porque poderá comprar agora juntamente com o seu tecido Texlene-Trevira os moldes para confeccionar o seu modelo.

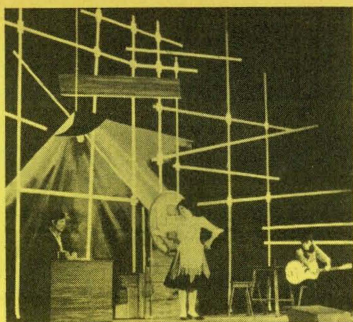
Todos os modelos são chiques e internacionais, fáceis de fazer e ajustados ao seu tamanho.

Certamente vai dar-lhe gosto: a confecção de seu novo vestido de Texlene-Trevira (que é agradável no vestir e fácil de cuidar). Procure na sua loja preferida a coleção de modelos Texlene-Trevira.



MCCANN

Todos os moldes são os conhecidos moldes da **burda**



Camilo de Oliveira, Florbela Queirós e Octávio de Matos, na «paródia» a Vini-cius de Moraes — um dos quadros da revista «Ri-te, Ri-te», em cena no Monu-mental.

CLASSIFICAÇÃO: ★★★ — BOA. ★★ — MÉDIA. ★ — FRACA.

As classificações baseiam-se na opinião dos críticos dos jornais «O Seculo», «Diário de Notícias», «Novidades», «A Voz», «Diário da Manhã», «República», «Diário de Lisboa», «Diário Popular» e «A Capital».

O TEATRO QUE HÃ PARA VER

AUTORES				ACTORES		COMENTARIO		NOSSA OPINIAO	
RI-TE, RI-TE	MONUMENTAL	PARODIANTES DE LISBOA	FLORBELA, CAMILO E DELFINA CRUZ	Desta vez, os Parodiantes não acertaram no texto, mas o espectáculo salva-se pelos excelentes figurinos, cenografia e coreografia.				★	
PEPSIE	LAURA ALVES	PIERRETE BRUNO	IRENE CRUZ, JOÃO LOURENÇO E GRAÇA LOBO	Jacinto Ramos encenou uma comédia de «boulevard», que há doze semanas tem obtido assinalável êxito.				★ ★ ★	

O CINEMA QUE NÕS VIMOS

	REALIZADORES	ACTORES	COMENTARIO	NOSSA OPINIAO	
LADRÕES DE BICICLETAS 1952 — (ITÁLIA) Reposição	ESTÚDIO 444	VITTORIO DE SICA	ACTORES POPULARES	Um dos mais importantes filmes do período neo- realista italiano, e o mais válido da obra de Vittorio de Sica.	4
A RAPOSA (THE FOX) 1968 — (E. U. A.)	MONUMENTAL	MARK RYDELL	ANNE HEYWOOD, SANDY DENNIS E KEIR DULLCA	Fita de exemplar rigor, formal, disseca, com ho- nestidade e sem preconceitos, a ambígua relação entre duas mulheres.	3
CAPAS NEGRAS 1947 — (PORTUGAL)	ODÉON	ARMANDO MIRANDA	AMÁLIA RODRIGUES ALBERTO RIBEIRO BARROSO LOPES ARTUR AGOSTINHO	Dos maiores sucessos do cinema português: 21 semanas na tela quando da sua estreia. Realizado num estilo grato à sensibilidade do público, assinala a estreia de Amália Rodrigues como vedeta de cinema.	1
ROCCO E OS SEUS IRMÃOS 1959 — (ITÁLIA)	ROMA	VISCONTI	ANNIE GIRARDOT, ALAIN DE- LON, RENATO SALVATORE, CLÁUDIA CARDINALI	Rocca pode comprar-se, pela sua riqueza psicoló- gica e social, às grandes obras romanescas dos últimos anos.	5
CARTOUCHE 1961 — (FRANÇA)	CONDES	PHILLIPPE BROCA	JEAU-PAUL BEL MONDO, CLÁUDIA CARDINALI, ODILE VERSOIS	A película agora reposta mantém, oito anos depois, toda a frescura de concepção e espontaneidade.	4

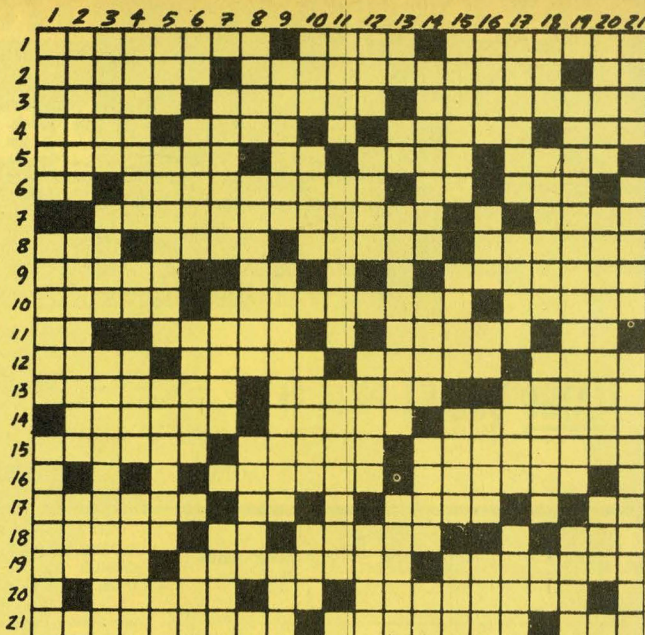
CLASSIFICAÇÃO: 5 — EXCEPCIONAL. 4 — MUITO BOM. 3 — BOM. 2 — COM INTERESSE. 1 — FRACO. 0 — MAU.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA GIGANTE N.º 2

HORIZONTAIS: 1 — Casamento. Espécie de pato. Paus com ferros de três bicos, usados a bordo de navios, para largar certas velas e para repelir também navios inimigos, evitando abordagens. 2 — Arqueiro. Grandes desgraças públicas. Este é dois. 3 — Cesto de pescar, de forma afunilada. Nome de duas peças do arado. Carbúnculo mortífero que se cria no recto dos bovídeos. 4 — Peneiras. Troveja. Azedos. Doença. 5 — Desvario. Nada. Utopia. Língua dos índios que se espalharam pelo Brasil. 6 — Art. def. Nacional. Palmeira do Brasil. Governanta. 7 — Notável. Curva de abóbada. 8 — Peça do arado. Convir. Advertência. Embarcações de três mastros. 9 — Termo. Prep. Variedade de turquesa azul-clara e esverdeada. 10 — Local para onde vai muita gente, nesta época. Magistrado que tinha a seu cargo a polícia dos mercados de Atenas. Planta medicinal. 11 — Antes do meio-dia. Suplicar. Lutar. Nesse tempo. 12 — Verdadeiro. Troçaram. Relatos do que se passa em certas reuniões. Sorteio. 13 — Lago dos E. U. A. Demorei. Lei que regulava o luxo entre os romanos. 14 — Tecidos leves de lã e seda, de origem francesa. Lubrificar. Pessoa estúpida. 15 — Língua dos árias. Temi. Admirador. 16 — Cadinho em que se fundem pedras preciosas. Retarde. 17 — Processel. Caminhava. Pico. Um artigo que os árabes trouxeram para Portugal. 18 — Atraiçoar. Símbolo do antimónio. Aparecera. Pron. pess. 19 — Brisa. Estudo das coisas relativas a Jerusalém. Lucrar. 20 — Feitos de arame. Indica lugar, tempo, modo... Pertinaz. 21 — Estonteado. Utilizariam. Boas.

VERTICAIS: 1 — Diploma de um curso superior. Protecção. Armadilha para apanhar animais silvestres. 2 — Doidos. Minúcia. Ave galinácea. 3 — Fanhoso. Disfarça. Entristeceram. 4 — Imperativo. Planta liliácea da China. Várzea que margina os rios na Guiné. Mãe d'água. 5 — Peixe. Galantear. Capitular. Também não. 6 — Ligação. Bastão enfeitado com heras e pámpanos, símbolo de Baco. Constelação. Tanja. 7 — Género de rosáceas. Prémios do ouro, resultantes de câmbio favorável. Imposto de transmissão de propriedade imobiliária. 8 — Preguiça. Acertar por acaso. Pequeno povo. 9 — Progrida. Dilação de prazo para pagar uma dívida. Novo. 10 — Levante. Uma mulher que tem fama. Tormentos. Afirmativa. 11 — A mosca-da-azeitona. Sulcai. Pequenos peixes com um disco oval na cabeça. 12 — Ave pernalta. Agitei. Antigo cabo de guerra. Intimas. 13 — Nome de uma letra grega. Grito de dor. Torcer com violência. Peça da charrua. 14 — Tâmara. Introduzi. Matilha de cães. Ao mesmo tempo. 15 — Obstruiu. Moderna. Espécie de pato. Apele. 16 — Pessoa muito gorda. Protecção. Art. def. Reputação. Larva que se cria nas feridas dos animais. 17 — Que acredita em Deus. Levantar. Desumano. Semelhante. 18 — Agarre. Aves nocturnas do Amazonas. Concordar. Prep. 19 — Rectidão. Deus do amor. 20 — Fazel. Prendo. Genro de Maomé. 21 — Camada superficial da Terra, constituída por sílica e alumínio. Corado. Em partes iguais. Importunaras.



PROBLEMA GIGANTE N.º 1 Soluções

HORIZONTAIS: 1 — Capitanear. Mandachuva. 2 — Álamo. Orla. Araí. Ramas. 3 — Rás. Mesma. Adaga. Asa. 4 — Ir. Meloa. Ama. Aleta. Ar. 5 — Mana. Arara. Rega. 6 — Cantina. Are. Araruta. 7 — Canto. Amamentai. Adita. 8 — Ária. Ela. Aral. 9 — Mia. Aba. Coa. Ada. 10 — Arará. Atoar. Abrir. 12 — Alma. Oca. Lio. Nave. 13 — Mesa. Era. Ará. Atra. 14 — Atrela. Ana. Alagoa. 15 — Cor. Ama. Trema. Ata. Sal. 16 — As. Tua. Cravara. Ema. Im. 17 — Meu. Ore. Imo. Asi. 18 — Transe. lam. Aradas. 19 — Sua. Rio. Andor. Are. Sic. 20 — In. Mil. Ar. Os. Com. Da. 21 — Asada. Ócio. Praz. Somar.

VERTICAIS: 1 — Caril. Camada. Acampsia. 2 — Alar. Cariz. LM. Ose. Uns. 3 — Pás. Mania. Amear. Uta. 4 — Im. Manta. Crast. MD. 5 — Tomento. Ará. Araucaria. 6 — Elal. Übere. Ema. Mil. 7 — Noso. Ná. Ada. Ela. Os. 8 — Erma. Ama. Ora. Cré. AC. 9 — Ala. Ataca. Tre. Ari. 10 — Rã. Arame. Ota. Ara. In. 11 — Amarelo. Enevoado. 12 — Ma. Arena. Mal. Ama. Mo. 13 — Ara. Carla. Ari. Ror. 14 — Nada. Aar. Ora. Amã. Sá. 15 — Dial. Ri. Coa. Ala. Ora. 16 — Gera. Bomba. Ate. Arc. 17 — Cratera. Aar. Agamídeos. 18 — Há. Aguda. Sinto. Mó. 19 — Uma. Atria. Raras. Ass. 20 — Vesa. Atado. Vê. Ais. Ida. 21 — Asaró. Alaúde. Almíscar.

O PÚBLICO ELEGE OS SEUS FAVORITOS

Continuamos com a publicação dos resultados das votações para o concurso «O Público Elege os Seus Favoritos», uma iniciativa de Rádio Graça patrocinada pelo «S. I.».

Os leitores têm sido informados ao longo de todas estas semanas — o concurso iniciou-se no dia 5 de Fevereiro e prolongar-se-á até 30 de Julho — do regulamento do concurso que prima pela simplicidade e eficiência: semanalmente deslocam-se à rua dois repórteres de Rádio Graça que, directamente, posto de parte, portanto, o envio de cupões ou de qualquer outra forma de correspondência, solicitam as opiniões do público ouvinte sobre os seus artistas preferidos nos domínios da canção e do fado. Exige-se que os artistas nomeados te-

nam, pelo menos, um disco comercial gravado.

O apuramento dos resultados finais do concurso é feito adicionando os resultados mensais. No final de cada mês ambos os mapas são assinados por um júri artístico, cujos nomes serão revelados no termo do concurso.

Até esta data, os artistas melhor classificados são os seguintes:

FADISTAS:

Amália Rodrigues 58 votos
António Mourão 57 »

CANÇONETISTAS:

Simone de Oliveira . . . 53 »
António Calvário 38 »

(FADISTAS)



“MÊS DE JULHO”

ENTRE AS DEZ E AS ONZE

PROGRAMA TRANSMITIDO EM RÁDIO GRAÇA ÀS 4.ª FEIRAS

O PÚBLICO ELEGE OS SEUS FAVORITOS

MASCULINO	1	2	3	4	5	Total	FEMININO	1	2	3	4	5	Total
FERNANDO FARINHA	5	2				7	AMÁLIA RODRIGUES	2	3				5
ANTÓNIO MOURÃO	3	1				4							
CARLOS DO CARMO	-	2				2							
FERNANDO MAURÍCIO	-	1				1							
CARLOS RAMOS	-	1				1							

(CANÇONETISTAS)

MASCULINO	1	2	3	4	5	Total	FEMININO	1	2	3	4	5	Total
ANTÓNIO CALVÁRIO	2	1				3	SIMONE DE OLIVEIRA	4	4				8
ARTUR GARCIA	1	-				1	MADALENA IGLESIAS	1	2				3
RUI MASCARENHAS	1	-				1	TONIHOA	1	-				1
TONY DE MATOS	-	1				1	MARIA EVA	-	1				1
							ELISA LISBOA	-	1				1



*Mulheres elegantes, bem cuidadas,
mas ela...ela tem*

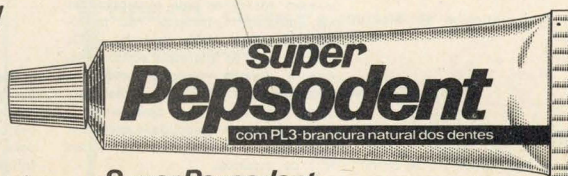
UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL



TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!

o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diariamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!



Super Pepsodent
com PL3-brancura natural dos dentes



Vida sentimental — Terá interesse em fazer prova de espírito de família... Procure melhorar as suas relações dentro do lar. Nada de decisões impulsivas. **Vida material** — Cumpra com as suas obrigações. Aproveite, pelo decorrer da semana, a sua intuição para levar a bom termo algumas transacções. Poderá resolver através do seu dinamismo quaisquer dificuldades momentâneas. **Vida física** — Nervosidade a vigiar. Não cometa excessos ou imprudências.



Vida sentimental — Mantém-se as boas influências no que se refere às suas relações íntimas. É de esperar a boa harmonia e compreensão por parte das suas amizades. **Vida material** — Está sob boa influência lunar, que lhe permite ter êxito em todas as actividades de alguma maneira relacionadas com a vida artística. Encontrará ajudas para resolver os seus problemas materiais. Evite a timidez. **Vida física** — Boa saúde, contudo não cometa imprudências.



Vida sentimental — O aspecto afectivo está bem protegido pelas influências astrais. Óptimas ideias a aplicar no lar. Esperanças sentimentais realizadas. **Vida material** — Boa actividade no trabalho, podendo trazer-lhe benefícios de resultados imediatos. As influências favorecem o seu engenho e as suas relações. O que deve evitar: os actos irreflectidos e os erros de julgamento. **Vida física** — Os cuidados médicos estão numa fase muito propícia. Melhoria na saúde.

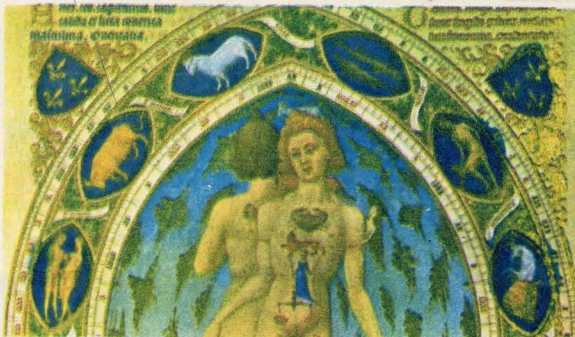


Vida sentimental — O ambiente familiar pode proporcionar alegrias e satisfações, contudo, procure ser um pouco mais sociável e menos independente e não confie em si mesmo. **Vida material** — Protecções inesperadas e boa actividade mental. O que deve evitar: a nervosidade, a negligência nas suas obrigações e uma tendência ao egoísmo. Oriente com prudência o seu orçamento económico. **Vida física** — Se a saúde sofreu na semana anterior, pode agora recuperá-la.



Vida sentimental — Os favores advindo de pessoas amigas contar-se-ão entre as maiores facilidades neste

período. Os que nasceram neste período apresentam um carácter mais versátil, reagindo com mais sabedoria diante das circunstâncias. Ambiciosos, reagem com veemência, aparentemente sem motivos fortes, mas sempre procurando uma afirmação de personalidade. Os seus objectivos humanitários guiam muitas



HOROSCOPOS



semana de 13 a 19 de julho

período. Pode passar um período agradável se souber ser inteligente... e não abusar das facilidades. **Vida material** — Os assuntos ligados à arte ou que se relacionem com diversões, estão sob bons auspícios. O que deve evitar: o pessimismo, os desacordos com os representantes dos poderes públicos. Cautela com os seus interesses. **Vida física** — Boa saúde e energia.



Vida sentimental — As esperanças parecem realizar-se pela protecção das boas amizades. Entretanto, não provoque discussões... **Vida material** — Os aspectos para os interesses económicos, neste período, indicam tendências mais favoráveis. Melhoria no plano social e financeiro. O que deve evitar: o egocentrismo e a credulidade excessiva. **Vida física** — Estará boa a saúde, mas evite os excessos.

das suas acções, pois dão muito de si mesmos, mas não querem que as suas crenças pessoais sejam colocadas em dúvida ou criticadas. Os ímpetos ou as precipitações podem conduzir a erros graves, impossíveis de serem remediados. Destacem-se nas profissões liberais.



Vida sentimental — Saiba cultivar as simpatias. Não discuta com o sexo oposto e seja cuidadoso com tudo que possa contribuir para prejudicar a sua vorável. **Vida material** — Não se deixe curar o apoio de pessoas influentes para ajudá-lo a melhorar ou a consolidar a sua situação material. O que deve evitar: a indolência, a falta de lógica e de método. **Vida física** — Acautele o seu organismo. Distúrbios digestivos a temer.



Vida sentimental — Terá interesse em analisar os seus sentimentos. Relações sentimentais a cuidar, sob pena de prejudicar a sua reputação. Clima desfavorável. **Vida material** — Não se deixa influenciar por sugestões dos que o ro-



Vida sentimental — Evite os erros de julgamento dentro das suas relações íntimas. A sua situação em relação aos seus familiares merece muita ponderação. **Vida material** — Terá interesse em mostrar-se realista, económico e leal. Prazeres e alegrias misturados com um pouco de abandono das suas responsabilidades imediatas. O que deve evitar: a negligência e a demasiada impaciência. **Vida física** — Cautela com os doentes e com o seu organismo.



Vida sentimental — Convém estar de acordo com os seus íntimos. Não seja precipitado e evite palavras ou actos que possam magoar os seus amigos. **Vida material** — As suas iniciativas serão favorecidas para regular os seus assuntos privados e obter alguns favores do seu círculo. O que deve evitar: a falta de firmeza e objectividade, o egoísmo e a dúvida. **Vida física** — O seu equilíbrio físico não será dos melhores, por consequência evite todos os excessos.



Vida sentimental — Deve mostrar-se solidário no seu círculo íntimo. **Vida sentimental** a proteger, evitando ligações que podem prejudicá-lo. **Vida material** — As influências favorecem as suas iniciativas no que se refere aos seus assuntos privados. Consagre-se escrupulosamente no seu trabalho diário. O que deve evitar: a negligência nas suas responsabilidades. **Vida física** — Nervos a vigiar.



Vida sentimental — No decorrer da semana os seus esforços são favorecidos para tirar partido no que diz respeito aos seus problemas sentimentais. **Vida material** — Boas actividades na sociedade. Todos os assuntos relacionados com mudanças ou viagens ligados com o seu trabalho estão sob boas influências astrais. O que deve evitar: o mau humor, a falta de objectividade e de coragem. **Vida física** — Bons presságios para a saúde. Entretanto, não cometa imprudências alimentares.

GRANDE NOTÍCIA A CURA DA CALVÍCIE

7 anos de conhecimento público que atesta por si este grande feito sem um caso de negação. A grande notícia é do CABELEIREIRO COUVEIA, O PIONEIRO da cura da calvície.

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 27, 1.º-DT.º — TELEF. 55 64 34

NÃO ESCRIVAM

N. B. — TODOS OS TRATAMENTOS SÓ SÃO FEITOS NA CASA. POR ISSO É INÚTIL ESCRIVEREM A PEDIR CONSELHOS. OBRIGADO!

CABELEIREIRO SALÃO ROSSIO

O MAIS CENTRAL DE LISBOA
MANICURE — MASSAGISTA — PEDICURE

Rossio, 93, 1.º, Dt.º

Telefone 32 64 31

SERVIÇO

Auto-Expresso

Lisboa-Paris

AGORA TAMBÉM O SEU AUTOMÓVEL
PODE VIAJAR DE COMBOIO

ENTRE

LISBOA E PARIS

PRESTAM-SE INFORMAÇÕES NO
SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA

Haig

O WHISKY ESCOCÊS DE MAIOR VENDA EM INGLATERRA

apreciado
em todo
o mundo



SEMPRE QUE DESEJAR
BEBER WHISKY...
PEÇA E EXIJA
HAIG

CONHECIDO DESDE 1628



Emagrecer

OBESYL

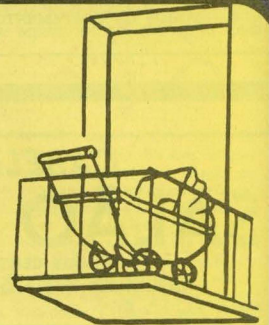
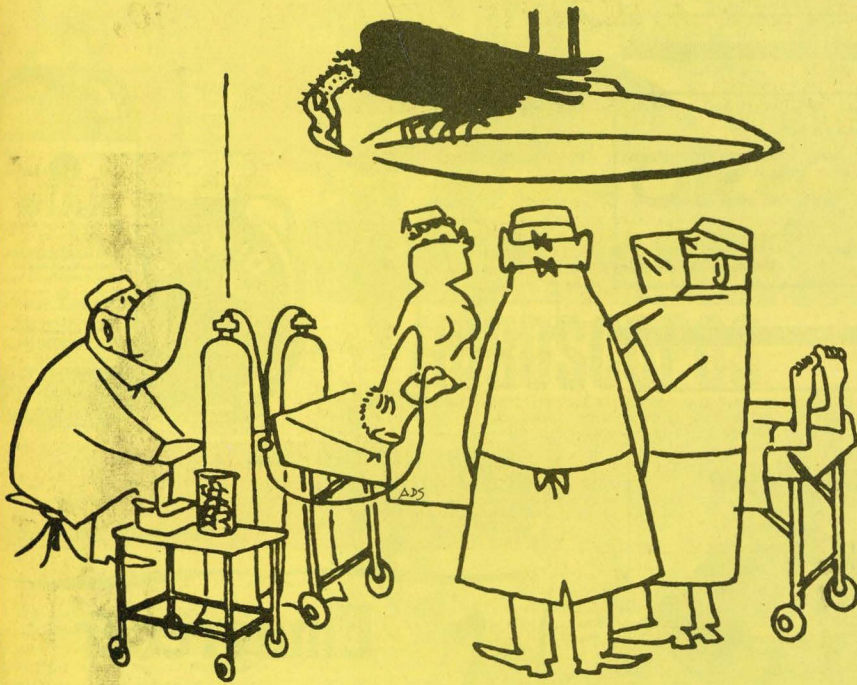
NORMAL ou LAXATIVO

Elimina as gorduras, evita a assimilação, regula o intestino,
normaliza o fígado e activa a função renal.

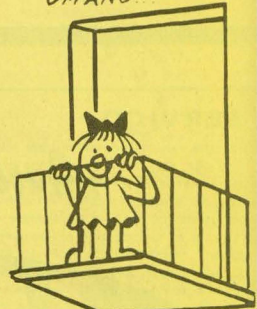
Perca o peso que quiser
SEM FOME, SEM DIETA, SEM SACRIFÍCIO

OBESYL Laxativo — A pontualidade intestinal sem cólicas
nem acostumação.

Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2.142 — LISBOA



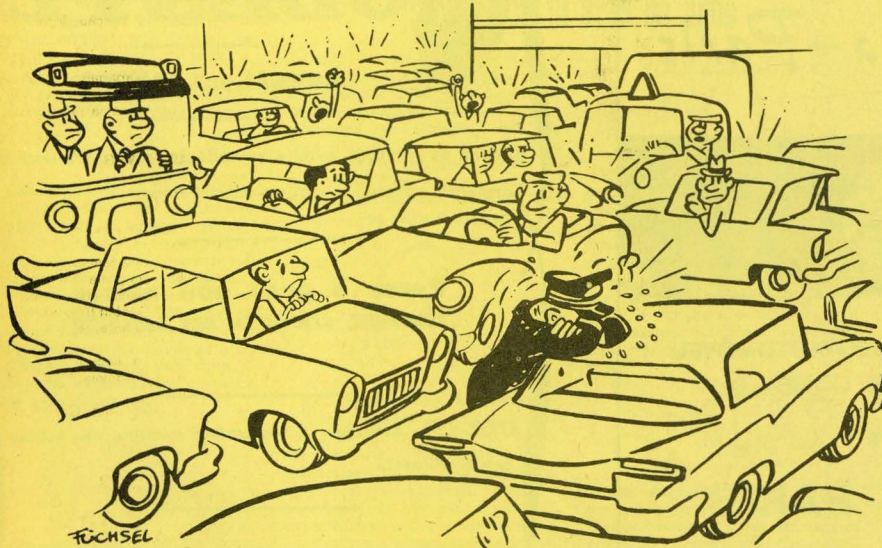
UM ANO



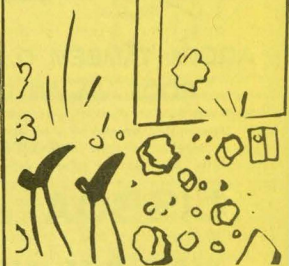
CINCO ANOS...



VINTE E CINCO ANOS...



FUCHSEL



TRINTA E CINCO ANOS...!

2.º DÉBUT PARA AS MÃES

*Elas Agora Podem Adquirir Um "Novo Rosto",
Em Casa, Sem Cirurgia Plástica.*

«A Descoberta de Wiesbaden» chegou agora a Portugal e está ao seu dispor — se é que está realmente interessada em gozar de novo as atenções que lhe foram dispensadas nos seus anos mais juvenis.

Ficará com um rosto completamente rejuvenescido: aspecto macio, fresco, enfim, jovem. E a beleza que as suas feições sempre tiveram retomará aquele efeito encantador e imprescindível que havia perdido.

Jornais médicos têm elogiado este trabalho científico de grande valor (realizado em Wiesbaden, Alemanha) que lhe permite (se não tem mais de 55 anos) um verdadeiro 2.º Début, isto é, uma segunda juventude.

Da Alemanha A «Descoberta de Wiesbaden» faz com que os rostos mais velhos pareçam mais novos

WIESSADEN, ALEMANHA — Junho, 7 — Desde que circulou a notícia sobre uma importante descoberta aqui verificada, cuidadosamente mantida secreta, de um pequeno mas poderoso grupo de fisiologistas de pele, as mulheres alemãs têm estado à espera, de respiração suspensa, que surja um esclarecimento oficial de como foi finalmente encontrada a verdadeira «fonte da juventude».

Autoridades científicas afirmam conhecer-se agora um modo de dar a «beber» à pele do rosto quantidades de água, diminutas mas suficientes, para que ela readquirir uma aparência jovem, macia e fresca que perdura há anos.

Afirma-se aqui que as rugas, especialmente os pés-de-galinha e a flacidez do pescoço, que marcam tão profundamente a passagem involuntária dos anos, desaparecem logo que esta água penetra sob a superfície cutânea. Qualquer coisa como um reesticar do rosto — mas sem qualquer cirurgia plástica.

Os cientistas esclarecem que este estudo não foi feito visando a descobrir um novo produto de beleza, mas sim com o simples propósito de um avanço científico no conhecimento das funções cutâneas. Mas reconhecem que os resultados a que chegaram levam milhões de mulheres a uma nova felicidade, embora, com toda a honestidade, isso não tivesse sido planeado.

Mediante um arranjo especial com os descobridores desta técnica de, pelo menos parcialmente, deter o processo de envelhecimento da pele do rosto, foi criada uma semi-loção que facilita e torna agradável e eficaz a aplicação da descoberta de Wiesbaden. O nome deste produto é 2.º Début.

COMO O 2.º DÉBUT LHE DÁ UM NOVO ROSTO

O ingrediente activo que permite ao 2.º Début rejuvenescer a pele do rosto em pouco tempo é um componente vivo da pele humana até agora desconhecido. Os nossos cientistas chamam-lhe CEF 600. Uma vez colocado no rosto este ingrediente natural penetra imediatamente na camada superficial da pele, introduzindo nela milhões de pequenas partículas de água pura — que já havia sido perdida no processo natural de envelhecimento. A água corre sob as rugas e, à medida que vai eliminando as cavidades rugosas, possibilita ao rosto e ao pescoço adquirirem nova forma. O resultado parecer-lhe-á surpreendente. Deve interromper o tratamento, logo que a pele tome uma maciez satisfatória.

O CEF 600, extraído de tecidos verdadeiros, é um combinado com uma substância líquida e deliciosa de usar. Não é creme nem é loção. Usa-se à noite e de dia, sob a maquilhagem.

QUANTIDADE LIMITADA

A extração do CEF 600 exige cuidados especiais. Por esta razão tivemos de limitar o fornecimento do 2.º Début. (Só o encontrará nas melhores farmácias, perfumarias e drograrias da sua cidade). Este produto revolucionário custa apenas 60\$00.

Não espere mais: comece o seu tratamento de beleza ainda hoje.



TEM MAIS DE 45 ANOS E GOSTA DE VIVER?

Use 2.º Début com CEF 1200, de acção dupla.

Agora, o novo 2.º Début com dupla acção contém CEF 1200, que actua muito mais rapidamente na revitalização das células da pele, «apagando» definitivamente as mais profundas rugas e oferecendo-lhe a possibilidade de possuir de novo uma pele fresca e suave.

PARA AS MULHERES MAIS NOVAS (ENTRE OS 24 E OS 45)

2.º Début CEF 600.

O 2.º Début com CEF 600 ajuda as mulheres mais jovens a parecerem ainda mais jovens durante mais anos. Se a sua pele é seca e começam a aparecer os primeiros «pés de galinha» em volta dos olhos, as primeiras rugas nas comissuras dos lábios, comece o seu tratamento com 2.º Début hoje mesmo. As rugas desaparecerão rapidamente, quase instantaneamente.

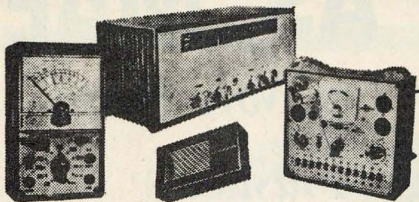
O preparado CEF 600 amacia a secura da pele com um véu invisível. Para as mais novas, 2.º Début com CEF 600 (preço 60\$00).

Para as mais velhas, 2.º Début com CEF 1200 (90\$00).

2.º Début
COM CEF 600
E COM O NOVO CEF 1200

GANHE MAIS DINHEIRO E ASSEGURE O SEU FUTURO!

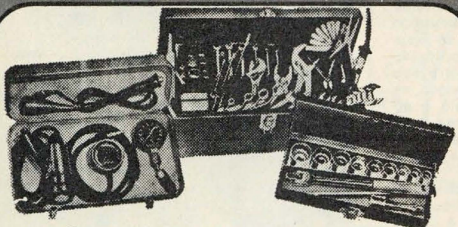
Melhore seu emprego e aumente sua renda!
Aprenda em seu lar — Nas horas livres



TELEVISÃO, RÁDIO E ELECTRÓNICA

Torne-se técnico em Rádio, TV, Electrónica Industrial, FM, Difusão, Sistemas de Alta Fidelidade, Registro de Som, Etc.

Receberá DOIS RÁDIOS um de válvulas e outro de TRANSISTORES, SOLDADOR e DOIS PROVADORES um de VÁLVULAS, outro de CIRCUITOS.



MECÂNICA AUTOMOTRIZ E DIESEL

Prepare-se em Reparação, Conservação e Ajustagem de Motores, Transmissões Automáticas, Sistemas Eléctricos e de Injeção, Motores Industriais e Marítimos. Receberá ANALISADOR, INDICADOR DE PRESSÃO, LÂMPADA DE SINCRONIZAÇÃO, FERRAMENTAS E CHAVES.



INGLÊS PRÁTICO, com DISCOS

Aprenda a LER, ESCRIVER, ENTENDER e FALAR Inglês na forma mais rápida e conveniente com DISCOS e LIÇÕES. Assegure-se um posto importante e bem remunerado. Receberá LIÇÕES, EXERCÍCIOS, AUDIÇÕES FONOGRÁFICAS, DICIONÁRIO BILÍNGUE, ETC.



NATIONAL SCHOOLS
4000 South Figueroa Street
Los Angeles, Calif., U.S.A.

Prepare-se com o Sistema Rosenkranz de APRENDER FAZENDO de National Schools, Escola dedicada ao Ensino Técnico-Prático por mais de 50 anos. Uma Instituição capaz, responsável e séria.

**V. S. PODE PAGAR EM
MOEDA DE SEU PAÍS**

NATIONAL SCHOOLS

MUNDIALMENTE RECONHECIDA DESDE 1905

4000 So. Figueroa St. Dept. PJX3P-79-B
Los Angeles, Calif., U.S.A. 90037

Envie-me informações completas sobre o curso de: (Indique somente um curso)

☐ Rádio, ☐ Mecânica ☐ Inglês
Televisão Automotriz Prático

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

Cidade _____ Est. _____

MANDE ESTE CUPAO
HOJE MESMO

4 & factos*
1 argumento

laca
LANDER®

**Lanolin
Life**



*

Fixa sem prender
Resiste à humidade
Elimina-se com a escova
Proporciona um brilho
agradável ao seu cabelo,
mantendo-o fixo... mas flexível

LANDER®

24 HORAS X 7

**Manuel
Figueira**



O EMBARAÇO DA ESCOLHA

Se a visita oficial do Presidente do Conselho ao Brasil, e o insofismável êxito que tem vindo a constituir representa, verdadeiramente, o grande acontecimento da semana, outros factos próximos justificam referência, mesmo sucinta.

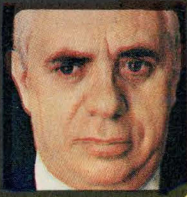
Um deles é o do regresso, há poucos dias verificado, do bispo do Porto ao governo da sua diocese, acto que assinalou com a prévia divulgação de significativa mensagem — documento caracterizado por exemplar serenidade e que ficará a clarificar um «processo» até há pouco dominado por injustificadas sombras. Apondo «o alto espírito de compreensão, boa vontade e rectidão do Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, na condução das diligências e negociações» que propiciaram a reintegração do prelado no pleno exercício da missão de que estivera arredado durante dez anos, D. António Ferreira Gomes concluiu exortando os seus diocesanos, «companheiros de êxodo e esperança», a permanecer unidos e a unidos seguirem o seu bispo nos grandes trabalhos que os esperam.

Não despidos de importância, também, os documentos divulgados sobre a 3.ª reunião do Conselho Presbiteral do Patriarcado de Lisboa.

E, finalmente, merecedor de registo especial foi o Colóquio sobre Política da Habitação — oportuno pela premência dos problemas que se visou equacionar, e oportuníssimo se o considerarmos à luz da simples estratégia eleitoral em que acabou por enquadrar-se. Se, a propósito, se afigura de inteira justiça sublinhar e elogiar a coragem e clarividência do grande animador dessa importante reunião — o subsecretário de Estado dr. Joaquim da Silva Pinto —, adequado parece, também, evidenciar a independência de julgamento do conselheiro Melo e Castro que, a despeito da sua estreitíssima vinculação ao regime, não hesitou em intervir em questão embora marginal levantada no decurso dos trabalhos do Colóquio, com um espírito de independência digno de aplauso.

LIVROS

**Guedes
de Amorim**



PROSA COM POESIA

Afirmou-se Campos Pereira como ficcionista de grande público e merecida crítica. Com inteira justiça e desde há muito. Sucessivamente se têm esgotado os seus apaixonantes romances, merecendo de críticos exigentes, como Rodrigues Lapa, palavras raras e de valor, como estas: «E aqui temos a grande característica da arte de Campos Pereira: a poetisação da vida em todos os seus aspectos, ainda os mais realistas. Este constante lirismo do romance de Campos Pereira espelha-se na maneira do seu estilo, que é das mais interessantes criações da prosa portuguesa.» Mantém-se válida a opinião do eminente ensaísta e antigo professor da Faculdade de Letras para as mais recentes obras do autor de «As Pobres Insanas». Por exemplo, nas páginas de «Os Melhores Contos e Novelas de Campos Pereira», antologia desejável e desde longe aguardada, a prosa com poesia do consagrado escritor permanece num estilo aberto, luminoso e plástico. Os catorze pequenos e aliciantes trabalhos no volume reunidos, histórias imaginadas ou encontradas na própria realidade, assinalam pontos da trajectória do A., do princípio ao fim, seguras a curiosidade do leitor, impressionam-no e até o convencem, o que, em ficção, nem todos os autores conseguem. A arte de C. P., em plena maturação, afirma-se em humanidade e de estilo elegante. Por isso, a encerrar este breve comentário sobre «Contos e Novelas de Campos Pereira» (Ed. Livraria Portugal, capa de Adolfo Babanal), repetimos, de Alves de Azevedo, ensaísta ilustre, que autorizadamente assina o prefácio: «Com a publicação do presente volume de trechos significativos da obra de Campos Pereira, tivemos em vista, acima de tudo, exaltar um criador português de personagens vivas que soube esculpir como raros num estilo de rara beleza.»

DESPORTO

Luís Alves



O CONFRONTO LUSO-ESPAÑHOL

O retumbante êxito alcançado pelo Benfica no torneio de futebol de Bada-joz, veio reforçar a ideia de que o futebol português se situa uns graus acima do nível do futebol espanhol. Tal ideia é enganadora.

A verdade é que estamos a caminhar a passos largos para os tristes tempos dos 9-0. Não tardará muito. Nos restantes desportos, em especial nos que são básicos, a Espanha já nos deixou a perder de vista.

Os espanhóis têm um campo de recrutamento muito mais vasto, mas como não adianta nada andarmos a arranjar desculpas que possam absolver o nosso atraso, melhor será que acrescentemos que não é só devido a isso que a Espanha nos deixou a perder de vista.

Mas voltemos ao futebol. Nos últimos anos ainda nos temos mantido, pelo menos, ao nível do futebol espanhol, mas essa situação também já tem os dias contados. A Federação Espanhola cuidou de lançar as sólidas estruturas.

Nos últimos cinco anos a Federação Espanhola construiu 550 campos, graças aos dinheiros das Apostas Mútuas Desportivas.

Em 1964 o futebol espanhol contava com 47 606 jogadores inscritos e agora já tem 93 500, sem contar com 35 000 infantis.

No mesmo rumo de administração, os clubes foram libertos das taxas federativas.

Repare-se nestas cifras que a Federação Espanhola tem no seu orçamento para a próxima época: futebol juvenil, 2 milhões de pesetas; futebol universitário, 2 milhões; deslocação das equipas da III Divisão às Canárias, 2,3 milhões; actividades internacionais, 4,5 milhões; formação e divulgação, 2 milhões; árbitros, 1 milhão; material, 3 milhões; gastos com os torneios juvenis, 16,5 milhões; ajudas a clubes modestos, 8 milhões; conservação de instalações, 1 milhão; construção de campos, 67 milhões.

Que possibilidades tem o futebol português de acompanhar este ritmo?



Sorridente, o Chefe do Governo português recebe os aplausos de todos quantos se foram despedir ao aeroporto

A VIAGEM AO BRASIL DO PROF. MARCELLO CAETANO

Escuteiros do Brasil e, já em São Paulo, foi obsequiado pela Colônia Portuguesa com um almoço. À tarde, depôs flores no Monumento do Ipiranga e assistiu a uma sessão solene no Palácio dos Bandeirantes. À noite, o governador de São Paulo ofereceu um jantar a Marcello Caetano e sua comitiva.

De São Paulo, o ilustre visitante seguiu, no dia 10, para o Rio de Janeiro, e a primeira iniciativa foi a de prestar homenagem ao descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral. Na Embaixada de Portugal, realizou-se seguidamente um almoço com os directores dos jornais brasileiros e uma recepção ao corpo diplomático. Na sua estada no Rio de Janeiro, que teve a duração de 3 dias, o prof. Marcello Caetano assistiu ainda a um jantar oferecido pelo governador Negrão

de Lima, depôs flores no túmulo do Soldado Desconhecido, recebeu o título de Professor «honoris causa» da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo reitor reuniu num almoço alguns dos mais destacados intelectuais brasileiros. Na Embaixada do nosso País efectuou-se ontem à noite um jantar seguido de recepção.

Hoje, de manhã, o Presidente do Conselho deu uma importante conferência de Imprensa e a Colônia Portuguesa organizou um almoço no Clube Ginástico Português. Esta noite, o prof. Marcello Caetano regressa a Lisboa.

A COMITIVA PRESIDENCIAL

A comitiva do Presidente do Conselho é constituída pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, secretário de Estado de Informação e Turismo, dr. César de Moreira Baptista, general Costa e Almeida, general Amaro Romão, director da Academia Militar, contra-almirante Ornelas e Vasconcelos, dr. Caldeira Coelho, director-geral dos Negócios Estrangeiros, dr. Calvet de Magalhães, director-geral dos Negócios Económicos Portugueses, prof. Gonçalves Pereira, tenente-coronel Graveiro Lopes, às ordens dos oficiais-generais, dr. Quesada Pastor, chefe do Gabinete do Presidente do Conselho, dr. Leonardo Mathias, primeiro-secretário da embaixada e secretário da missão, dr. Coelho Campos, secretário do prof. Marcello Caetano, dr. Paulo Barbosa, secretário do dr. Franco Nogueira e Duarte Guedes Vaz, secretário do dr. Moreira Baptista. No avião presidencial viajam, também, 57 jornalistas, repórteres da rádio e televisão e, ainda, o presidente dos T. A. P., eng.º Mendes Barbosa.



Acompanhado por algumas individualidades que fizeram parte da sua comitiva, o prof. Marcello Caetano no momento em que se dirigia para o avião que o transportou ao Brasil

Amanhã, pelas 13,30, chega ao aeroporto da Portela o prof. Marcello Caetano que regressa da sua histórica viagem ao Brasil, onde foi alvo de extraordinárias manifestações de simpatia por parte de centenas de milhares de luso-brasileiros. O Chefe do Governo português teve, no decorrer destes últimos cinco dias, conversações da maior importância com o general Costa e Silva, presidente da República do país-irmão e diversas audiências com as mais altas personalidades do Brasil.

O roteiro de Marcello Caetano nesta viagem incluiu, no dia 8, visitas ao general Costa e Silva e aos presidentes do Congresso Nacional, da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, foi ver o terreno doado para a construção da Embaixada de Portugal em Brasília e assistiu a um jantar oferecido pelo presidente da República brasileiro. Na manhã do dia seguinte, em Belo Horizonte, teve oportunidade de visitar o Acampamento da União dos

CINEMA

**Lauro
António**



MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

«Há, em **Muriel**, uma crítica à ideia de felicidade estilo **France-Dimanche**, da pequena felicidade suportável, à base de ideias feitas e de comezainas.» Estas são palavras de Resnais aplicadas a **Muriel**, filme finalmente estreado entre nós, após cerca de três anos de espera, anos que mediam desde a sua exibição no III Festival de Cinema de Lisboa. Resnais continua, aliás, o seu itinerário **mal-dito** em terras lusas, já que até agora só conseguiu ver aqui projectadas duas obras: **O ano passado em Marienbad** e o recente **Muriel**, para além de duas ou três curtas metragens (**Toute la Mémoire du monde**, **Van Gogh**, **Gauguin...**) que se conhecem unicamente através dos circuitos cineclubistas. Mantemo-nos perfeitamente castos no que respeita a **Hiroshima**, **Mon Amour** ou **La Guerre est Finie** e mesmo **Je t'aime, Je t'aime**.

Voltemos a **Muriel**: «São personagens simpáticos que se esforçam por viver a sério a sua história quotidiana, mas, tal como o tempo e os hábitos colectivos, personagens instáveis, mutáveis, já que nem mesmo o mais anónimo dos nossos dias consegue fixar as relações existentes entre nós próprios e os actos que engendramos.»

Boulogne, mon amour ou **L'Année Dernière à Boulogne**: uma cidade e a doença dos sentimentos, o esfarelar de vários pequenos mundos, o desajustar contínuo de experiências falhadas. Um colorido que se quis (voluntariamente) distante, frio, esquivo. Figuras (actores) que vindos da realidade (teatro) deliberadamente emprestam à acção o convencionalismo dos sentimentos e dos gestos convencionais. «A pequenez das personagens em relação à verdadeira dimensão dos acontecimentos em que intervêm» (veja-se Robert, recentemente chegado da Argélia). «Será isto verdadeiramente o que queremos?» Resnais responde, afastando a demagogia: **Boulogne, V République**: a doença.

HUMOR

**Carlos
Pinhão**



EMIGRANTE VELHO EMIGRANTE NOVO

— Há ideias felizes.
— Os cauteleiros dizem que há horas felizes.

— É o mesmo. Foi numa hora feliz que nasceu aquela ideia feliz de trazer a Portugal o português mais antigo do Brasil, não achas?

— Não.

— Ora essa!...

— Acho até uma ideia muito infeliz. Para mim, a coisa deveria ter sido feita exactamente ao contrário. Não deveriam mandar vir o português mais antigo do Brasil, mas sim o português mais moderno.

— Que disparate!

— É como te digo: não o português que está há mais tempo, mas sim o português que está há menos tempo no Brasil... Um português que está há 50 anos no Brasil e que nunca mais cá veio já não liga nenhuma a isto, já não se lembra de nada, já lhe nasceram os filhos e os netos, já é de lá.

— Não é bem assim. Fica sempre a saudade a minar.

— Não percebes nada de saudade. A saudade mina até uma certa altura, mas a gente habitua-se a tudo, o tempo mata tudo, dilui recordações, esbate paisagens, a gente integra-se no novo meio ambiente em que vive, é por ele absorvido completamente.

— Talvez tenhas razão. Nunca tinha pensado nisso, mas, de aí a trazermos o português mais recente do Brasil, também me parece disparate.

— Vê-se mesmo que nunca emigraste ou nem mesmo tiveste qualquer permanência mais demorada onde quer que fosse. A saudade mais forte é a do momento em que se chega e não se conhece nada nem ninguém e tudo nos parece difícil, hostil, insuperável.

— Já passaste por alguma situação desse género?

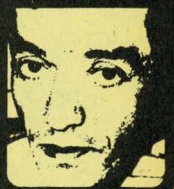
— Já.

— E voltavas?

— Voltava só por uma sardinha assada.

CLARO ESCURO

**José
Mensurado**



GOSTAR OU NÃO GOSTAR NÃO É A QUESTÃO

A chegada, de avião, é um deslumbramento, mas assume proporções fabulosas se se verifica à noite. Então, Nova Iorque surge como um gigantesco caleidoscópio, um oceano de luzes a preencher todo o horizonte, no qual a aeronave mergulha como num sonho. É tão irreal o espectáculo que se nos depara, que temos a sensação física de franquear os umbrais do maravilhoso, de entrar num outro mundo.

A verdade é que Nova Iorque é, efectivamente, um mundo diferente, embora a sensação de deslumbramento que a chegada nos provoca seja, depois, substituída pelo espanto — positivo, nalguns casos, noutros francamente negativo. De qualquer modo — e certamente pela violência dos contrastes da sua paisagem geográfica, pela variedade da sua paisagem humana e pela gigantesca escala em que todo esse complexo mosaico funciona — só o adjectivo fascinante me ocorre.

Afigura-se-me, no entanto, sem sentido pôr a questão de gostar ou não dela. Gostar ou não gostar já não é a questão. Nova Iorque «obriga-nos» a olhar para ela não com os sentidos, mas com a inteligência, porque ali são equacionados e estudados, em todos os escalões, os problemas fundamentais do nosso tempo. É como que o banco de ensaio das angústias e das aspirações de todas as metrópoles do mundo, na medida em que é o exemplo perfeito da megalópole para que todas tendem. O seu futuro e o seu destino importam-nos como cidade-teste que é, constituindo, portanto, o elemento de «avant-garde» de um complexo habitacional que prefigura o nosso.

Por isso, sem deixar de ter em conta as diferenças de temperamento, de educação e de estilo de vida dos norte-americanos, urge, quanto a mim, apaixonarmos pela batalha que essa imensa floresta de cimento, aço, vidro e asfalto está a travar.

De resto, podem crer os que nunca lá estiveram, amar Nova Iorque é difícil — mas apenas porque leva tempo.



ENG. DIMAS DE MELO PIMENTA

Encontra-se de visita a Portugal, seguindo depois de alguns dias de repouso no Luso, sua terra natal, para a Alemanha, Suíça e Inglaterra, onde vai em visita de estudo e negócios, o sr. Eng. Dimas de Melo Pimenta, que há muitos anos reside em S. Paulo, no Brasil, onde se destacou por suas actividades em prol da indústria relojoeira. Trata-se de um verdadeiro pioneiro neste sector, na América Latina. Além de produzir a mais variada e aperfeiçoada linha de relógios industriais — eléctricos, electrónicos e a transistor, para os mais diversos fins, dedica-se igualmente à divulgação dos conhecimentos por ele acumulados em mais de meio século de trabalho. O sr. eng. Dimas de Melo Pimenta, presidente do Instituto Brasileiro de Relojoaria — presidente do Conselho Administrativo do «Tagus-Dimas de Melo Pimenta S. A.», que é a maior indústria de relógios no Brasil — director da revista «Brasil Relojeiros» — membro da British Horological Institute e Société Chronométrique de France, fundou no Brasil a Fábrica «TAGUS-DIMEP», acelerando o desenvolvimento industrial do país irmão, tendo inúmeros alunos no Continente e Províncias Ultramarinas.

GRANDE CONCURSO NIVEA

No sorteio efectuado no dia 17 de Junho de 1969, foi atribuído o primeiro prémio — 1 automóvel Volkswagen, 1300 — ao

Sr. José de Sousa

Rua Prior S. M. Vasconcelos, 9-11

CASTELO BRANCO

A lista dos restantes 10 000 premiados, contemplados cada um com uma bola NIVEA, com os seus nomes e moradas estará patente a partir do dia 15 de Julho de 1969 nos escritórios da BEIERSDORF PORTUGUESA, S. A. R. L., em Lisboa

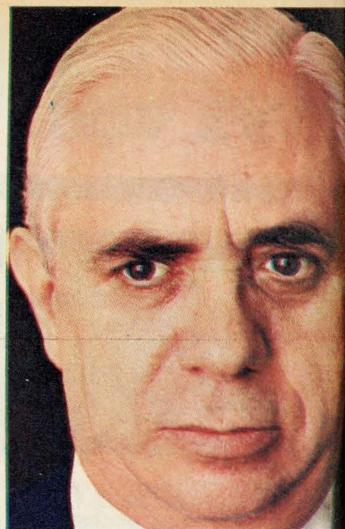
Praça da Alegria, 58-1.º

das 9 às 12 e das 14 às 18 horas, todos os dias, excepto sábados, domingos e feriados.

GUEDES DE AMORIM

UM PRÉMIO LITERÁRIO
DE 400 MIL CRUZEIROS
PELO SEU LIVRO

RECEBEU
NO BRASIL



«A ESPADA DOS ARCANJOS»

Guedes de Amorim acaba de receber o seu terceiro notável prémio literário, que confirma e coroa uma intensa actividade ao longo de muitos anos, com cerca de vinte volumes, entre os quais alguns dos maiores «best-sellers» destes últimos decénios, e em que se salientam romances, novelas, contos e biografias. Recordamos o saliente valor, em fundo e forma, das suas obras literárias, apontando justamente, os diversos prémios, que com plena justiça e inteiro mérito lhe foram distribuídos: Em 1939, a Academia das Ciências de Lisboa conferiu o Prémio «Ricardo Malheiros» ao seu célebre romance «Aldeia das Águias»; em 1964, o Brasil confere-lhe o Prémio «Cervantes» pelo seu livro «Jesus Passou por aqui». A Casa dos Quixotes, do Rio de Janeiro, organismo cultural de categoria internacionalista, que paraleliza em reputação e prestígio a Academia Brasileira de Letras, conferiu agora um prémio extraordinário de 400 mil cruzeiros ao livro «A Espada dos Arcanjos». O júri, formado pelos ilustres escritores Oliveira e Silva, Povina Cavalcanti e Olavo Dantas, considerou justamente «A Espada dos Arcanjos» como a melhor antologia de contos e novelas publicada em Portugal e Brasil, durante 1968.

Recorda-se, pois, a propósito, uma das críticas feitas a esta obra aquando do seu aparecimento: «Aproxima-se Guedes de Amorim do seu quinquentenário de escritor, e, em evidente oposição a apetites de notoriedade, ele, que por mais de uma vez, tem desdenhado e firmemente recusado homenagens, vem com humildade, que não exclui firmeza, oferecer aos seus leitores as páginas mais queridas de uma longa existencialidade literária. Responderá deste modo a antologia «A Espada dos Arcanjos» a muitas interrogações, principalmente aquelas que possam resumir-se deste modo: Válida ou não a indesejada operosidade, que se abriu em mais de 3000 contos e novelas, dos quais foram escolhidos, com vigilante exigência, os trabalhos reunidos neste volume? Inteiramente válida. Foi sempre o seu caminho, que o escritor percorreu, no voluntário, árduo e inconfundível destino a que se entregou. Tenaz, sem transigências nem traições ao que é humano e é divino. Esta antologia afirma-se, pois, como exemplo e lição».

Indiscutível o alto espírito do júri, que apreciou «A Espada dos Arcanjos», e lhe conferiu o extraordinário galardão pecuniário e honorífico. Este prémio não honra unicamente Guedes de Amorim, ainda que seja uma eloquente confirmação do seu alto nível de escritor. É simultaneamente uma homenagem a todos os escritores portugueses e um motivo de orgulho sincero para todos os seus camaradas deste Jornal.

MÚSICA

**Maria Helena
de
Freitas**



XIII FESTIVAL GULBENKIAN

Como dar conta das manifestações do Festival Gulbenkian a que ainda não aludimos, se estamos, como sempre, limitados pelo espaço? Refiram-se, portanto, quase sem comentários, esses acontecimentos, tentando agrupá-los por géneros.

A música deste século foram consagrados dois concertos: um dedicado a Messiasen, no qual ouvimos, admiravelmente executado, o belo **Quarteto para o fim do Tempo** e alguns trechos para canto e piano (Colette Herzog afirmou-se intérprete expressiva e muito subtil). O outro concerto abriu com **Cinq Rechants**, para coro misto «a-cappella», e nove dos **Vinte olhares sobre o Menino Jesus** (peças magistralmente tocadas pela pianista Yvonne Loriod, que não conseguiu, no entanto, impedir que a longa das mesmas se sentisse). A fechar, duas obras só para coro: **Stabat Mater**, do polaco Pendereck, e **Noites**, do grego Xenakis, ambas impressionantes, sobretudo a última, em que o compositor explora exaustivamente, e com suma mestria, os efeitos que se podem tirar da voz humana, bem como das suas capacidades expressivas. Um bravo ao Coro da Rádio-televisão Francesa.

A música portuguesa também se ouviu no Festival Gulbenkian, com particular triunfo para Lopes Graça, de quem se deu um **Concerto de câmara com violoncelo obrigato**. De notar a perícia da escrita, a transparência do tecido sonoro e aquela expressividade recatada tão peculiar do ilustre compositor. A obra, encomendada por Rostropovitch, teve neste mestre, o intérprete que era de esperar. A partitura de Luís Filipe Pires — **Portugaliae Genesis** — revela a honestidade do compositor, mas torna-se monótona pela insistência nos mesmos processos de escrita vocal e orquestral. As **Trovas**, de Francisco de Lacerda, continuam a agradar, na sua singeleza despretensiosa, e viram-se valorizadas pela linda voz de Ana Lagoa. Quanto à peça **Diferenças sobre um intervalo**, de Constança Capdeville, pareceu-nos mais um exercício escolar do que música a valer...

TEATRO

**Manuela
Martins**



OS PIORES DE 68-69

Foi no jornal da noite do dia 2 que tomei conhecimento dos prémios do S. N. I.

Os prémios de interpretação não me surpreenderam: Carmen Dolores regressa depois da uma longa ausência e Rogério Paulo, desde que trouxe cá os rusos, parece ter caído nas boas graças das entidades superiores — licença para trabalhar na televisão e agora o prémio do Secretariado!

Quando cheguei ao prémio de encenação é que não queria acreditar no que via! Porque se uma encenação pode destruir um texto, incapacitar os intérpretes e aborrecer um público, essa foi a encenação que Paulo Renato fez para «As Quatro Estações»: o encenador estava em toda a parte, nos focos que se acendiam e apagavam constantemente, nas pausas intermináveis, na música mais contínua que concreta, nas marcações complicadas e inúteis, nos gestos pretenciosos, nos longos monólogos tornados mais longos, na ausência total de ritmo...

Na revista, Salvador, o grande responsável dos êxitos do Maria Vitória, foi mais uma vez esquecido, e Zé Viana, em criações iguais às dos anos anteriores, recebeu o prémio do costume...

Mas quando penso no que foi a última temporada realizo as dificuldades que deve ter um júri para seleccionar «os melhores». De ano para ano, o nível do teatro em Portugal baixa tão assustadoramente que talvez fosse mais adequado, mais lógico e até mais construtivo seleccionar «os piores».

OS PIORES DE 68-69 — Pior texto: «A Esfera Facetada». Pior espectáculo: «Maria Stuart» e «A Torre e o Galinheiro».

Pior intérprete masculino: Álvaro Benamor («A Dança da Morte»). Pior intérprete feminina: Alina Vaz («A Preguiça»). Pior encenação: Paulo Renato («As Quatro Estações»). Pior cenário: Baptista Fernandes («Frei Luís de Sousa»).

POLÍTICA

**Carlos
Ferrão**



A VIAGEM DO PRESIDENTE

A anunciada visita do presidente dos Estados Unidos a alguns países asiáticos e à Roménia causou funda impressão. Coincidiu o anúncio dessa viagem com duas notícias igualmente relevantes, a da anunciada proeza da Apollo-11 e a da retirada das tropas americanas que se encontram no Vietname. Dado que são contraditórias, na sua natureza e consequências, estabeleceu-se à volta delas uma confusão compreensível e muito se tem escrito sobre as intenções de Nixon e os seus objectivos. O êxito da viagem que se propõe realizar — é este o primeiro ponto a pôr em relevo — está dependente do êxito da expedição espacial cujo termo se prevê para o fim do corrente mês. No dia em que os astronautas reentrarem na atmosfera terrestre e descerem no Pacífico, Nixon partirá para o primeiro país que se propõe visitar, as Filipinas.

Mas é a visita à Roménia que particularmente atrai a atenção do público. A presença do presidente dos Estados Unidos num país aliado da União Soviética, com o qual tem fronteiras comuns, é um facto inédito e por vários motivos digno de registo. Tem-se afirmado, com verdade, que é a primeira vez que isso acontece depois da conferência de Ialta de Fevereiro de 1945, data em que Franklin Roosevelt esteve naquela cidade da Crimeia onde se realizou a última reunião dos «Três Grandes» que precedeu de três meses a vitória aliada na última guerra. Além disso a Roménia tem manifestado um desejo de independência em relação ao seu poderoso vizinho, independência que se manifesta, sobretudo, no domínio da política externa pois o predomínio do partido na vida interna da nação continua a ser a constante a que o povo romeno se submete. Mas, ao contrário dos outros satélites da União Soviética, a Roménia tem guardado as suas distâncias da União Soviética e o seu último gesto nesse sentido foi o convite dirigido ao presidente Nixon para a anunciada visita, convite que causou em Moscovo uma reacção compreensível.

DEZ ANOS DEPOIS...

O BISPO DO PORTO REGRESSOU

Texto de: Aníbal Jorge Mendonça

Fotos de: Henrique Moreira

No próximo dia 24 completar-se-iam 10 anos sobre a data da saída para o estrangeiro do bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes; na manhã do dia 5 passado, o ilustre prelado retornava ao Paço Episcopal, depois de ter estado uns dias a repousar em Fátima, para onde seguira após ter recebido em Espanha uma carta do Presidente do Conselho, na qual declarava que o novo Governo português não via impedimento no seu regresso à diocese que pastoreava. Terminava dessa forma, com honra para ambas as partes, uma situação angustiante que fizera correr muita tinta.

O bispo do Porto regressou — e a aguardar o seu regresso (que ele teimou em fazer rodear da maior simplicidade e discreção) encontravam-se apenas o seu bispo-auxiliar, o novo vigário-geral da diocese, o seu irmão médico, dois sobrinhos e uma escassa dúzia de sacerdotes.

D. António Ferreira Gomes apeou-se do automóvel, cumprimentou todos, quis conhecer pessoalmente os jornalistas que ali se encontravam, agradeceu o noticiário inserto sobre o que ele considerou «a sua aventura», estabeleceu paralelo com a que foi vivida pelo bispo D. António de Castro Meireles, evocou o Concílio, disse dos seus intentos em relação ao programa a levar a cabo na diocese e focou o papel que cabe à Imprensa no mundo actual — mas, em todas as suas declarações, apresentou-se como um homem possuidor de uma grande maturidade, de uma independência de pensamento firme e de uma vontade inabalável de servir.

«O Seculo Ilustrado» esteve no Paço à chegada do bispo e relata as suas declarações.

«Tenho a impressão que me aceitarão como bom cristão»

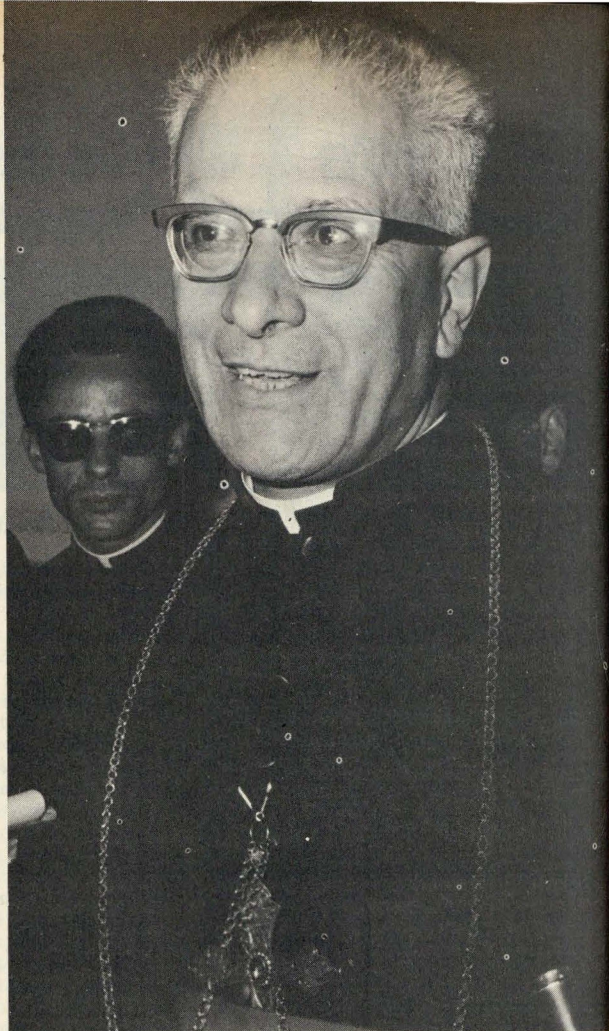
— D. António tem algum programa especial em relação à sua diocese? — foi a primeira pergunta que fizemos.

— Sem dúvida!

— Não quer dar-nos, assim, umas linhas gerais?

— Bem, claro, eu tenho um

obra da Igreja. A Igreja, hoje, é um Concílio — Vaticano II, Vaticano I, como até de Trento, e a caminho do Vaticano III, evidentemente. Não vamos a caminho de Trento, isto é: para trás. Sou, apenas, um homem de muita boa-fé e de muita boa vontade, que se fez padre, a quem outros me fizeram bispo e que passou aventuras de pobre cristão, exactamente porque o fizeram bispo. De resto, tenho a impressão de que me aceitarão como bom cristão, ou melhor, como alguém que procura ser um bom cristão, porque a boa vontade não é afirmar que somos bons cristãos,



O D. António Ferreira Gomes que, mesmo no estrangeiro, durante quase dez anos, continuou a ser o bispo do Porto



Só os jornalistas, o bispo-auxiliar do Porto e meia dúzia de sacerdotes (entre os quais o novo vigário-geral) aguardavam o D. António Ferreira Gomes. A promessa de se estabelecer diálogo vivo ficou assente

mas, sim, que podemos ser bons cristãos. E recorro muito a palavra de D. António de Castro Meireles, quando ainda professor: «Quem cristão como Cristo? Quem perfeito como o Evangelho?»

Quisermos saber, depois, se durante a sua longa permanência no estrangeiro o bispo do Porto pensou na hipótese de renunciar. Após ter afirmado que apresentara essa hipótese ao cardeal Tardini, D. António Ferreira Gomes declarou-nos:

— Não, porque essa hipótese... Olhem, eu respondo a uma interpelação quase violenta que me foi feita, há quase dez anos, na Galiza. Pensei, então, já ter prestado à Igreja o serviço que lhe podia prestar. Fui a Roma oferecer a renúncia, não é verdade? Não foi aceite. Pelo contrário, foi-me dito, de maneira terminante: «Não pense nisso! Não pense nisso! Já respondemos, não pense em renúncia.» Era uma ordem expressa do cardeal Tardini, transmitida, primeiro, por monsenhor Samoré, hoje cardeal, ainda vivo. Depois, em Espanha, as coisas correram muito mal. Pensei: «Bem, já tenho o direito de me considerar dispensado destes serviços propriamente administrativos, como responsável da Igreja.» E devo dizer-lhe que foi um padre que ainda está vivo, que muito aprecio e me ajudara muito, que me disse esta palavra forte e eu gosto disso. Naquele momento em que eu estava, realmente, decidido a tomar o meu direito de ser um homem, um homem livre, e portanto aposentado, foi isso o que eu disse. O padre disse-me, então, muito sério: «Mas o senhor não tem o direito de nos deixar!» Assim mesmo: «O senhor não tem o direito de nos deixar, depois do que nós fizemos!» Já tinham feito um abaixo-assinado praticamente humano; depois já tinham feito um protesto e várias outras coisas tinham fei-



D. António Ferreira Gomes, acompanhado pelos bispos auxiliares do Porto e de Leiria, subindo as escadas do Paço Episcopal



O nosso repórter fotográfico instantaneou o momento exacto em que o bispo do Porto se apeava do seu automóvel para, volvidos dez anos, regressar ao Paço Episcopal. Uma fotografia que regista um momento histórico

to. «O senhor não tem o direito de nos deixar!» Levei uma noite a pensar nisto. E foi uma intimação pela voz deste padre que me despertou.

«A Imprensa livre parece ser mais importante do que uma Imprensa católica»

— Mas, D. António, essa palavra da Igreja é, hoje, a do povo português, não é só a desse padre há dez anos... — observámos.

— De qualquer forma, quereria ver se me aceitavam como homem, depois destas aventuras de um «po-vero cristiano» — que, por acaso, nessa altura, era um papa — quereria que me aceitassem como um homem de boa-fé, de boa vontade, que não pensa ser perfeito, que não pensa, mesmo, em ser puro na sua intenção que nós bem sabemos, enfim, a ambiguidade de todas as opções humanas, mas que procura sê-lo, que deseja sê-lo.

As palavras do bispo do Porto são claras. O seu pensamento desenvolveu-se rápido e através da exposição que fez forneceu-nos uma panorâmica da personalidade amadurecida de quem dera provas.

O problema da Imprensa — que naquele histórico momento da sua chegada ao Paço Episcopal, após uma ausência de quase dez anos — estava ali atenta, depois de dias e noites de vigília, não fosse perder a ocasião de registar tão significativo momento de repercussões no contexto político nacional, o problema da Imprensa, dizíamos, foi abordado por D. António Ferreira Gomes que afirmou:

— Parece-me que estamos, na verdade, numa fase em que as coisas se definem e se, porventura, alguém pensar mal por esta frequência, sempre acho melhor do que outra. Bom, amigos, farei, dentro em pouco, o possível por ter contactos com a Imprensa e, digamos, para, de algum modo, exprimir a minha posição em relação à Imprensa livre que me parece muito mais importante do que uma Imprensa católica que, quase fatalmente, nos leva ao «ghetto». E posso, desde já, dizer-lhes que, felizmente, no Porto não temos Imprensa diária católica. Felizmente, digo, porque é um problema tão difícil que acho melhor não haver ocasião de o tratar.

O bispo do Porto, visivelmente comovido, dominando totalmente uma alegria natural que poderia galvanizar a sua linha de pensamento e de exposição, declarou depois:

— O bispo não tem de ser o homem de um jornal ou de uns jor-

O BISPO DO PORTO

nais. Tem de ser o homem de todos, ao serviço de todo o povo, povo de Deus e, até, dos homens de boa vontade que, por qualquer razão, vão pertencer ao povo de Deus. É a imprensa, exactamente a imprensa na sua liberdade, na sua pluralidade, é a forma normal do contacto com o povo de Deus e com os homens de boa vontade. Mas tudo isto é, não uma declaração, mas apenas um primeiro contacto que me é muito agradável. E devo dizer-lhes que foi extraordinário para mim o que a imprensa significou neste momento.

«O nosso País está a caminho do encontro da situação de estado de direito»

Referindo-se, seguidamente, à pastoral que publicara, a primeira após a sua entrada em Portugal, o bispo do Porto declarou:

— O nosso País está a caminho do encontro da situação de estado de direito: exactamente mediante a opinião que encontrou na imprensa a sua manifestação mais autêntica. E que tenha sido, enfim, um fenómeno do povo de Deus, acho também exacto, porque é o povo português, exactamente naquilo que realmente constitui o povo de Deus.

Alívio para os PÉS doridos



Com este tratamento eficaz

Um banho de pés oxigenado com Saltratos Rodel, traz-lhe um alívio imediato. Esta água leitosa acaba com a dor e desfadiga os seus pés. O inchaço desaparece. Calos e calosidades amolecem. Esta tarde mesmo, fortaleça os seus pés com um banho de Saltratos Rodel. A venda nas farmácias, drograrias, perfumarias e em todas as boas casas. Preços módicos

Não por identificação. Também não é razoável identificar o povo de Deus com o povo católico. Mas se, realmente, esta relação do povo de Deus com o poder público, ou melhor, este diálogo autêntico, empenhado ou empenhativo, como quis dizer, com o laicado, primeiro, isto é: com alguém que o sr. Presidente do Conselho considerou representante do laicado do Porto, o dr. Sá Carneiro, como sabem, se este diálogo empenhado ou empenhativo com o laicado, depois com o clero da diocese que, também tem aqui o seu lugar e, finalmente, com o bispo, até esta própria ordem é realmente muito simples. Parece que vamos a caminho dum conceito de cidadania bastante evoluído e que, por acaso, se inseriu no fenómeno da Igreja. Portanto, creio que nos vamos compreender e eu farei todo o possível por compreender.

Voltando à comunicação social que fora apresentada no Concílio e que, parece, ter interessado bastante o insigne prelado, disse:

— Nós temos muito que aprender, aprender com o Mundo, como o Concílio no-lo disse. Afirma realmente no esquema das comunicações sociais a proposta que era de todas a mais infeliz. E ainda assim o esquema, depois de muito trabalho, de muito elaborado, saiu o mais fraco de todos, segundo a minha opinião desde sempre e, agora, segundo o testemunho do padre Congar. É o mais fraco de todos, porque é aí que mais tem de se trabalhar. Isto é, na compreensão do leigo, na compreensão do mundo. Vamos a ver se, de harmonia e com um esforço de reflexão recíproca, avançamos na nossa diocese e, portanto, também, no nosso País.



A entrada do Paço Episcopal, D. António Ferreira Gomes aceitou amavelmente pousar para os repórteres



Decida por si própria

Não confie somente na palavra de milhões de senhoras que em mais de 100 países usam os tampões Tampax. Decida você mesma. Descubra como o aplicador, que é suave como a seda protege o tampão até ser usado, assegurando uma mais fácil e correcta introdução.

Veja como os tampões Tampax foram concebidos de maneira a se expandirem da forma mais apropriada, para lhe proporcionarem o máximo conforto e protecção.

Veja como são delicados e femininos na sua aplicação. As suas mãos nunca lhes tocam.

Veja como prontamente se pode fazer desaparecer tanto o tampão como o seu aplicador.

Descubra por si própria que os tampões Tampax, aperfeiçoados por um médico há mais de 30 anos, são a melhor e mais fácil solução. E, também, a mais segura e de confiança.

A sua escolha em 2 absorções — Regular e Super.

tampões

TAMPAX

PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO

PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
R. RODRIGUES SAMPAIO, 15-2 - LISBOA

FRIGORÍFICOS

145 Lts	2.170 \$
175 Lts	2.850 \$
215 Lts	3.150 \$
270 Lts - 2 portas	5.150 \$
280 Lts	3.990 \$

condições especiais para revenda. Consulte-nos

ASTRO TÉCNICA Rua dos Anjos 71 B

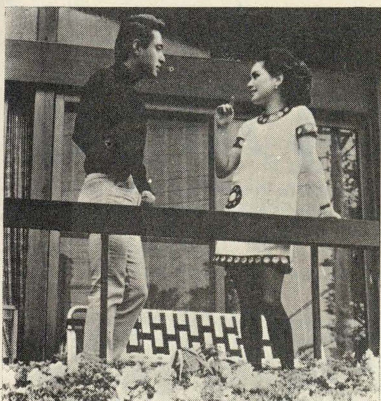
Lisboa

Av. António Augusto de Aguiar, 58-B

TCHOMBÉ EM PARIS

A morte de Tchombé causou enorme surpresa em todo o Mundo. As circunstâncias em que sucumbiu, antes de se ter encontrado qualquer solução para o seu caso, como prisioneiro na Argélia, deixaram como que interrompidos muitos complexos problemas da política internacional.

A imagem evoca uma das suas chegadas a Paris, onde se foi encontrar com o general De Gaulle.



**UM DIVÓRCIO
QUE VAI DAR QUE FALAR**

Corre em Tóquio o boato de que a mulher de Sokarno, ex-presidente da Indonésia, teria pedido o divórcio. A dar crédito aos rumores, a elegante japonesa teria tomado a decisão de dar seme-

lhante passo impelida pelo amor que lhe inspirou um jovem actor japonês, Masamiko Tsugana. Parece que o objectivo da japonesa é casar com o homem por quem se apaixonou. Por enquanto são apenas boatos, mas possivelmente mais uma vez se confirma que não há efeito sem causa.



**JACKIE E ONASSIS PREFERIRAM
UMA PEQUENA «TASCA»**

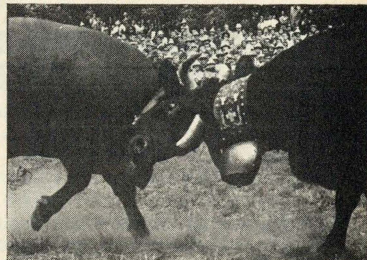
Casal habituado aos mais requintados prazeres, aos mais luxuosos lugares, aos mais refinados restaurantes, preferiu, na Côte d'Azur, uma pequena «tasca» à beira da praia. É típico... embora não seja Alfama, Bairro Alto, Mouraria... Convém, de vez em quando, descer aos lugares mais modestos.

Os Onassis tinham acabado de passar três dias em Paris, onde Jacqueline, acompanhada pelo cunhado Radziwill, tinha ido ver duas exposições. Em Villefranche, na Côte d'Azur, fizeram um repasto de apaixonados, antes de embarcarem no iate «Cristina» — das Mil e Uma Noites — para regressarem à ilha de Skorpios.

Foi cerca das três horas da manhã que um dos mais ricos casais do Mundo embarcou no já célebre iate.

CORRIDA DE VACAS NA MONTANHA

Recordando uma antiquíssima tradição, os lavradores dos Alpes Wallis, uma vez por ano, em meados de Junho, organizam uma «vacada» com os seus fortíssimos animais. São especialmente qualificados para estas espécies de com-



petições pois são pequenos e musculossos.

A vaca que primeiro der dois passos atrás perde o combate. Na fotografia que publicamos vê-se um aspecto da luta. Uma tourada em que o toureiro é substituído por um animal.

Também em Portugal, na aldeia do Barrosão, se efectuam corridas semelhantes; é uma tradição que se continua a cumprir com objectivo de melhorar as raças.

AGITAÇÃO SEM CONSEQUÊNCIAS

Um jovem que tentou perturbar o cortejo da rainha Isabel quando se dirigia para o palácio foi interceptado pela polícia. Esta nota de agitação não chegou, no entanto, a causar o alarme geral. A calma britânica mais uma vez não deixou os seus créditos em mãos alheias.

Não admira que a «indisciplina» ande nas ruas inglesas, se no palácio, o próprio príncipe desobedeceu, recusando-se a envergar o traje tradicional da investidura.



OS SEUS CABELOS PRECISAM DE **SYRIAL**

17 cores à sua escolha, para apagar os cabelos brancos, avivar as cores naturais ou embelezá-los com tonalidades novas e tudo isto, rapidamente, facilmente, em sua própria casa.

Bisnagas, 21\$50 — Carteiras, 13\$90

Envia-se a reembolso, J. SANTOS — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto — Telef. 3 08 46.



LIBRAS OURO

COMEÇARAM A SAIR AS LIBRAS NA
PASTA COUTO VULGAR

1.ª 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª 6.ª 7.ª 8.ª 9.ª 10.ª 11.ª 12.ª

JÁ ANUNCIADAS

13.ª — RUI MÁRIO VILAR — GAIA

14.ª — BERNARDA MARIA RAMOS — PORTO

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

LEIA o jornal **"O SECULO"**

**ACABA
DE
SAIR**

**NOVA
PLANTA
DE
LISBOA**

10\$00

Actualizada, medindo 87x58 cm., a 5 cores, modelo portátil e encadernado, capa a duas cores e ainda com um pequeno mapa dos arredores, quadriculada, para a fácil consulta de indicações úteis, tais como transportes de camionagem, caminhos-de-ferro e fluviais, cinemas, teatros e outras diversões, locais turísticos, como museus, monumentos, parques, mercados e outras curiosidades.

Envie o seu pedido em carta com letra bem legível, incluindo o valor em selos do correio, a:

E. FIGUEIREDO

Rua de S. Marçal, 3-1.º

LISBOA-2

(Não se fazem envios à coração nem se aceitam selos do Ultramar e estrangeiro).

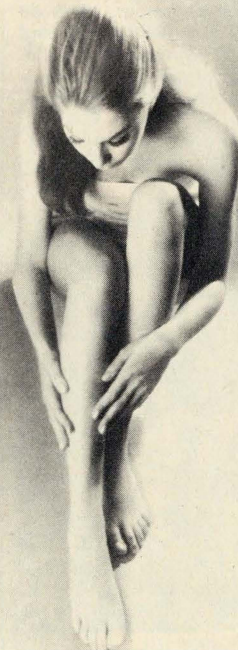


ESTE SEMANÁRIO
É TRANSPORTADO
PARA TODO O PAÍS
NOS COMBOIOS DA



ESPIRAL

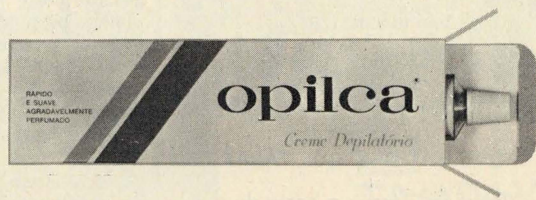
DEPOIS DE **OPILCA,** A PELE APETECE



Porque não experimentar? Em vez de utilizar processos antiquados e pouco práticos, depile-se, suave e instantaneamente, com um depilatório brando e perfumado.

opilca

é o depilatório feminino que deixa em breves minutos, a pele fresca, atraente e tão macia...

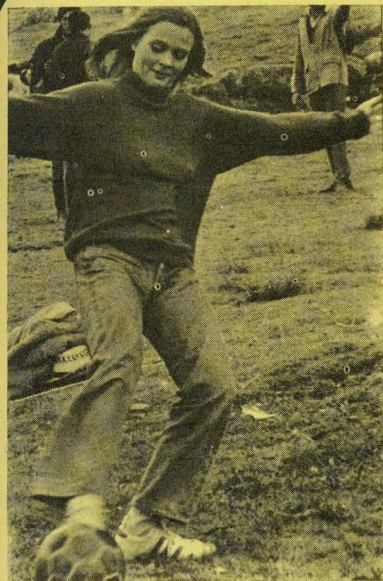


Um produto OLIVIN

si

DE SÁBADO A SÁBADO

AS FIGURAS



FUTEBOL... SEM «SOUTIEN»

Alice B. Toklas é o nome com que Gertrudes Stein escreveu a sua própria biografia. Alice B. Toklas é o «fantasma-dos-doces» do filme que correu entre nós com o nome «A Borboleta Vermelha». Sem ter nada que ver com Gertrude Stein, sem ter nada que ver com fantasmas — esta é «miss» Leigh Taylor-Young, jovem actriz americana, que foi estrela daquele filme, juntamente com Peter Sellers.

Hoje, porém, o cenário é outro. Localiza-se na Colômbia, onde está a rodar «The Adventurers» — a versão filmada do «best-seller» de Harold Robbins. «Miss» Young é Amparo, a bela, sensual e voluntariosa filha do ditador de um país imaginário da América do Sul.

«Miss» Young é o cúmulo da feminilidade. Mesmo a jogar futebol toda ela é encanto, agilidade e graça... E «miss» Young tem uma particularidade que muito a favorece: «miss» Young joga sem «soutien». Que acha?

O ADOLESCENTE MAIS RÁPIDO

Jim Wells, que vemos aqui alastrado pela sua «máquina de fazer recordes» fora, é o adolescente mais rápido de Inglaterra. Natural de Romford, Essex,

Jim só não foi consagrado recordista mundial de moto devido à sua idade. (Anularam-lhe dois recordes mundiais de «sprint», porque quando fez as provas tinha apenas 16 anos!) Classificou já a Inglaterra entre os recordistas mundiais ao bater os seniores num concurso internacional dos melhores «sprinters» no Yorkshire. Mas logo após a sua óptima classificação, Jim foi informado que só com 18 anos poderia reclamar a nomeação.

Repare no farol invertido da moto construída por Jim. O combustível usado percorre o «crossbar» e penetra nos cilindros.



«CRIME... E CASTIGO»

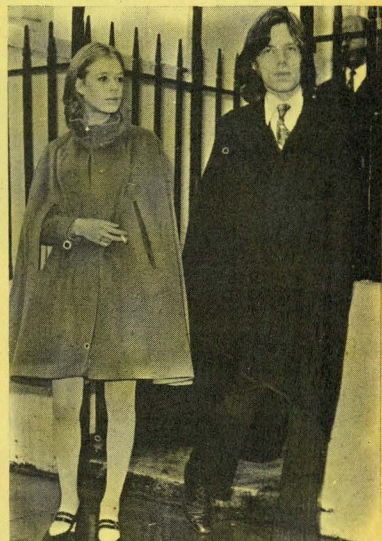
Esta senhora tem 34 anos e três filhos. É culpada, por veredicto da maioria, de assassinio do marido. Sentença: prisão perpétua. «Mrs.» Sheila Garvie tinha um amigo íntimo — Brian Gordon Tevendala, de 22 anos, também

inculpado, e também condenado a prisão perpétua, evidentemente.

Este processo, porém, está mais complicado no que respeita o terceiro suspeito da morte de Maxwell Garvie. O cadáver, encontrado debaixo de um monte de pedras, num túnel fechado do Castelo de São Ciro, estava em decomposição havia já 3 meses.

No processo foi largamente citado o carácter sexualmente anormal da vítima, que descarregaria sobre a esposa as suas perversões.

No entanto, o júri foi avisado de que aquele era um tribunal da lei não da moral.



QUEM TEM CAPA...

«Quem tem capa sempre escapa». Mas estes não escaparam (nós somos muito bons!), não fossem eles os **Grandes** que são.

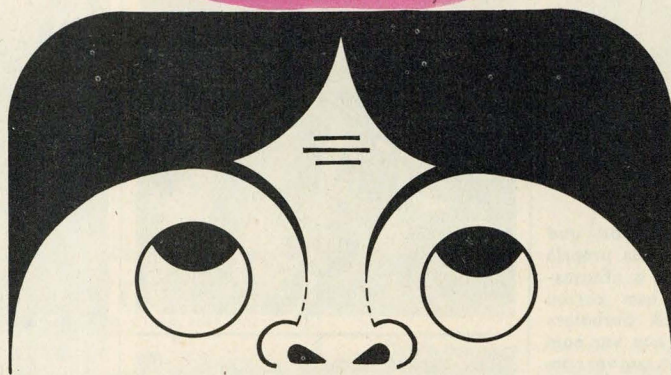
Este senhor e esta senhora, que com certeza todos já reconheceram são, nem mais nem menos, que Mick Jagger e Marianne Faithfull, os dois célebres da música «pop». Compareceram no tribunal de Maclborough Street acusados de tomarem drogas. Aqui, Mick e Marianne à porta de casa do Rolling Stone, quando se dirigiam ao tribunal.

Apesar de vestido de preto, Jagger ainda não estava de luto: Brian Jones, outro dos guitarristas do grupo Rolling Stones, só morreu no passado dia 3.

NÃO, NÃO SE ARRISQUE!

← não perca a oportunidade de ter na sua estante esta obra magnífica - 20.000 →

ACABA DE SAIR!



* **DOCUMENTARIO**

*factos e imagens de **TODOS** os acontecimentos do ano

UM ANO EXPLOSIVO — O ASSASSÍNIO DE ROBERT KENNEDY... A MORTE DE GAGARINE... OS ACONTECIMENTOS DE MAIO EM FRANÇA... A INVASÃO DA CHECOSLOVÁQUIA... VIETNAME... BIAFRA... O CASAMENTO DE JACQUELINE

REVEJA ESTES E TODOS OS GRANDES ACONTECIMENTOS DE 1968 NO

DOCUMENTÁRIO 68

Preço: 20\$00

Pedidos à EDITORIAL «O SECULO»
apartado 2116 LISBOA

si

DE SÁBADO A SÁBADO

AS INICIATIVAS

PLACAS PARA IDENTIFICAÇÃO DE CRIANÇAS

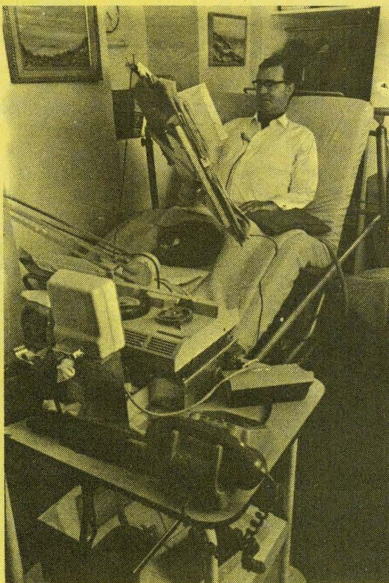
As crianças perdem-se facilmente e os adultos encontram-se, por vezes, em situações que os impossibilitam de socorrer acidentados. Porém, agora foi solucionado este problema — Vera Mastbaum Pimenta, alemã por nascimento e radicada em Portugal, registou já o seu invento-solução. Trata-se de uma pequena chapa de plástico com a identificação da criança e sua filiação. Basta dispor de 10\$00 e este disco leve, simples e fácil de colocar no vestuário infantil, acabará imediatamente com o problema das crianças perdidas.



SUCESSO DO HOMEM

A coragem reveste-se de muitas formas. Esta do sr. Christopher Docwra Jones determinou o seu pleno sucesso na prática de solicitador. O sr. Jones, apesar de paralisado pela poliomielite desde 1963, trabalha 12 horas por dia e muitas vezes os sete dias semanais, sentado na sua cama, como mostra a fotografia. Tem apenas mobilidade em três dedos,

no polegar e no pé, mas com este sistema (Possum) consegue realizar toda a espécie de trabalho: ligar o gira-discos, acender a luz e a televisão, o aquecimento, usar o telefone e enviar um S. O. S. pelo telefone. «Consigo realizar 70% das minhas actividades anteriores — diz — o que não faria sem Possum».



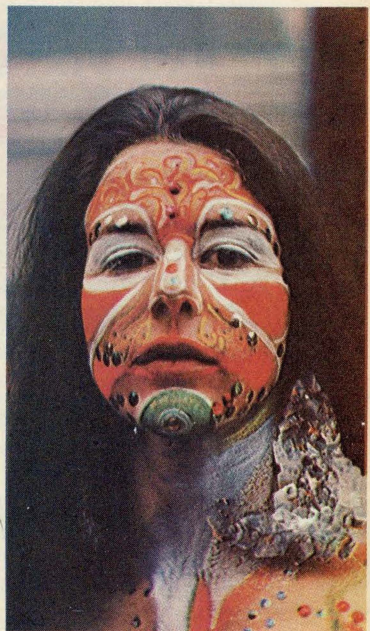
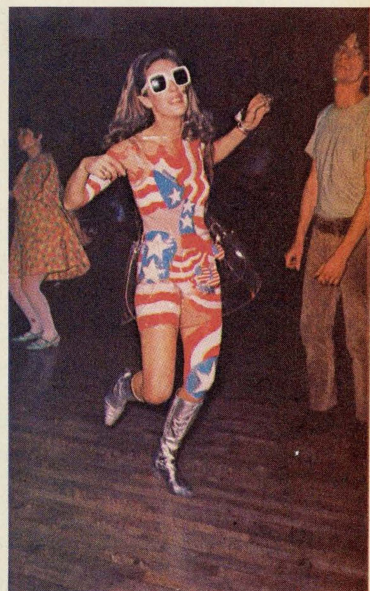
MENINAS DECORADAS

É mais que certo — os «hippies» afirmam-se através de ideias, através de posições tomadas, através de sinais externos. E os sinais externos nem por isso são os menos importantes. Eles significam uma revolução de princípios, uma diferente maneira de encarar o mundo e as ideias tradicionais.

A rapariga que aqui aparece a «armar aos índios» é uma estudante da New York School of Visual Arts. É uma estudante «hippy» a quem a sua turma decorou deste modo, integrando-a num projecto de grupo.

Por outro lado, Tiger Morse, a «rapariga das bandeiras» bem conhecida nos meios musicais de Nova Iorque, dança em Cheetah num turbilhão de vermelhos, brancos e azuis.

E você, caríssimo leitor, já hoje se decorou?...



ESTUDE

RÁDIO TELEVISÃO E TRANSISTORES



A VIDA MODERNA EXIGE
HOMENS PREPARADOS

Em sua casa, por
correspondência, recebe
lições, ferramentas,
aparelhos de laboratório
e material para praticar.

Em pouco tempo e
economicamente será
um verdadeiro técnico.

Peça o folheto grátis à

EURORÁDIO

Av. Manuel da Maia, 32
Lisboa I Tel. 43563



Nome _____
Morada _____
Localidade _____ S.I.

RELOJOEIRO

CURSO POR CORRESPONDÊNCIA

ESTUDE EM SUA CASA NAS HORAS
VAGAS ESTA FASCINANTE PROFISSÃO!

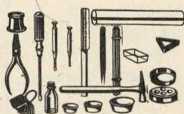
O Curso mais simples e perfeito!
Mensalidades suaves!

UM DIPLOMA QUE
SERÁ SEU ORÇULHO
PODE SER OBTIDO
EM APENAS 6 MESES

**GARANTA O ÊXITO DE SEU
FUTURO, COM ESTA
RENDOSA PROFISSÃO!**

GRÁTIS

com ótimo jogo de
ferramentas que lhe
enviaremos gratui-
tamente. V. terá muitos
conselhos e ganhará
bom dinheiro.



Muito agradeço vossa atenção.
Estou formado e apto a tra-
balhar com qualquer relógio.
Meus dois colegas estão ansio-
sos por possuírem o mesmo
Diploma que eu.

Antonio Agra Amorim
Porto - Portugal

"Estou consertando todas as
marcas de relógios sem
qualquer dificuldade, graças
aos ensinamentos recebidos
desse Instituto".

Antonio Guilherme P. Silva
Bissau - Guiné Portuguesa



DIREÇÃO DO ENG. DIMAS DE MELO PIMENTA

INSTITUTO BRASILEIRO DE RELOJOARIA

RUA EMÍDIO NAVARRO - LUSO (PORTUGAL)

Solicito enviar-me Grátis, Folheto ilustrado

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ PROV. _____

LEIA O JORNAL «O SÉCULO»

NÃO PINTE

os cabelos
use
RESTAURADOR "OLEX"
e os seus cabelos voltarão à sua
cor primitiva

preço 27,50 • correio 2,50

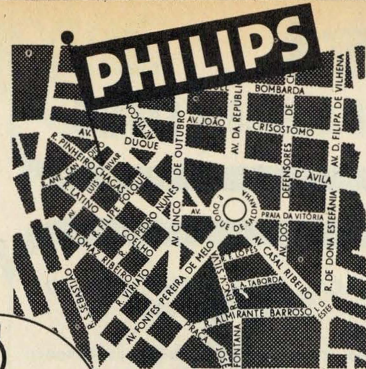
Couto, Lda - Porto



ÁGUA DE LUSO
UMA DAS MELHORES ÁGUAS DE MESA

PEDIDOS A:
REVENDEDORA DE ÁGUAS, LDA.

Nas suas novas instalações na Quinta do Prior Velho — SACAVÉM
TELEFONE — 2 51 13 02 — ENCOMENDAS
— 2 51 07 68 — EXPEDIENTE



**CENTRO
COMERCIAL
DOS SERVIÇOS
TÉCNICOS DA
PHILIPS PORTUGUESA**

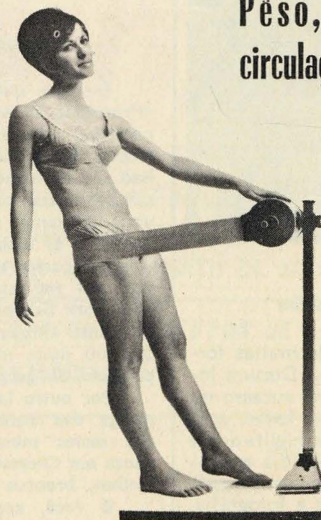
AS SUAS ORDENS PARA:
**MONTAGEM DE AUTO-RÁDIOS
VENDA DE ACESSÓRIOS
REPARAÇÕES RÁPIDAS**

AV. LUIS BIVAR, 85-A • R. PINHEIRO CHAGAS, 66 • TEL. 56 02 00 • LISBOA

LEIA "VIDA MUNDIAL"

**Peso, linha, celulite,
circulação do sangue, etc.**

SANGLE DE MASSAGE



Este novo aparelho é o
escultor do seu corpo.
Permite modelar literal-
mente as suas formas,
permite adelgaçar a seu
agrado esta ou aquela
parte do corpo graças à
massagem combinada fric-
ção-vibração.

Demonstração e venda
nos agentes.

SODIPE

RUA DE CEUTA, N.º 5
PORTO

Enviem-se catálogos



CANÇÕES PORTUGUESAS NA HOLANDA

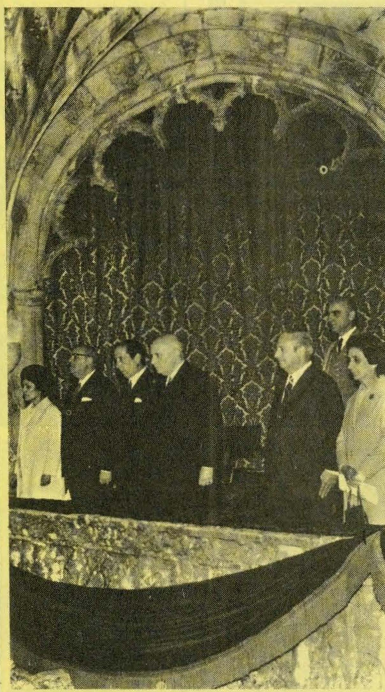
No festival Internacional de Música Popular de Schvenningen (Singing Europe 69) o nosso País esteve representado pelos cantores Fernando Guerra e Luís Duarte, além de João Ferreira Rosa que se exibiu. extraprograma e de Thilos Khrassman, que dirigiu a orquestra do festival quando os intérpretes portugueses subiram ao palco. Foram catorze os países que participaram no certame: Dinamarca, Alemanha, Inglaterra, França, Hungria, Itália, Luxemburgo, Holanda, Portugal, Espanha, Checoslováquia, Jugoslávia, Suécia e Suíça. Na foto vemos, a partir da esquerda, João Ferreira Rosa, dr. Coelho Ribeiro, da Philips, e Thilos Khrassman.

JOGOS FLORAIS DA EMISSORA NACIONAL

Com a presença do Chefe de Estado, realizou-se no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos a cerimónia da entrega dos prémios dos Jogos Florais de 1969 da Emissora Nacional. Os trabalhos premiados foram os seguintes:

Poesia Heróica: 1.º «Fala do Mar a Dom Henrique», de Maria Helena Vaqueiras de Carvalho, de Lisboa; 2.º «O Império da Língua Portuguesa», de Jerónimo de Bragança, de Lisboa; 3.º «A Velha de Diu», de Rodrigues Canedo, do Porto. Poesia Lírica: 1.º «Pastora», de Isabel de Oliveira Pulquério, de Moura; 2.º «2.º Poema para S. Fran-

cisco», de Isabel de Oliveira Pulquério, de Moura; 3.º «Toada», do tenente Rodrigo Emílio de Alarcão Ribeiro de Melo, de Lisboa, actualmente em missão de soberania em Moçambique. Quadra Popular: 1.º dr. Paulo Frazão, de Lisboa; 2.º Eugénio de Paiva Freixo, do Porto; 3.º dr. João Conde Veiga, de Viana do Castelo; 4.º Mário Pedroso Gonçalves, de Lisboa; 5.º (Mensão honrosa) Maria Madalena da Fonseca Matos, de Lisboa; 6.º (Mensão honrosa) do tenente Hipólito Dâmaso das Neves, de Lisboa, além de diversas menções honrosas. O sarau teve a colaboração da Orquestra Sinfonia da E. N., de Grupos Vocais e de Bailado e de Amália Rodrigues. Na imagem: o Chefe de Estado e outras individualidades que assistiram à referida cerimónia.



TEATRO NO ULTRAMAR

São raras as «tournées» de companhias de teatro ao Ultramar. Compreende-se que a dificuldade de deslocar um grupo de actores para tão longínquas distâncias seja o principal impedimento de iniciativas deste género. Desta vez,



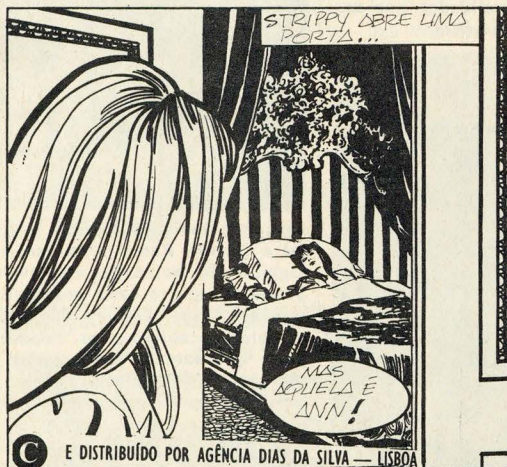
vencendo todos os receios, Laura Soveral e Jacinto Ramos tornaram-se mensageiros do nosso teatro, levando um pouco do que a cena portuguesa contém até Moçambique e Angola. Decerto serão recebidos com a mesma simpatia que sempre encontraram os que têm precedido os nossos dois actores.



O PORTUGUÊS MAIS ANTIGO DO BRASIL

Angelino Simões, «o português mais antigo do Brasil», veio matar saudades à pátria que não via desde os 2 anos. Durante a sua estada entre nós, Angelino Simões foi recebido pelo Chefe de Estado—encontro cordial que a imagem documenta.

STRIPPY em O HOMEM DA MÁSCARA DE COURO



CONTINUA



**Bem lourinhas
em Vaqueiro, as**

POSTAS DE PESCADA COM LIMÃO

ficam deliciosas!

É uma grande alegria cada vez que chega à mesa a travessa das postas de pescada com limão, preparadas com Vaqueiro. O meu marido repete sempre e os garotos até saltam de contentes. São realmente deliciosas, alouradas em Vaqueiro; e é tão simples... Tempero com sal e pimenta 4 postas grandes de pescada. Em lume brando, derreto numa frigideira 3 colheres de sopa de Vaqueiro e ponho as postas de pescada a fritar. E a Vaqueiro que lhes dá o sabor delicioso que todos tanto apreciam. Polvilho com aipo e salsa picados, rego com sumo de um limão e deixo alourar dos dois lados.

Depois de fritas, coloco-as na travessa e, sobre cada uma, ponho uma rodela de limão. A volta, disponho batatas cozidas à inglesa e polvilho com salsa. Rego as postas, bem regadas, com molho de fritar e sirvo logo, bem quentinhas!

Comem todos que é um gosto!

**Realmente Vaqueiro torna
tudo mais apetitoso**

*Sr.^a D. Maria de Fátima Valle Pinheiro da Veiga
Guardieiras — Moreira da Maia*



desculpe...

**rode a página
para a direita...**

O NOVO **SAGRES** EXTRA LONGO
É TÃO **LONGO**
QUE NÃO CABE
NA LARGURA DESTA PÁGINA



O CIGARRO QUE AGRADA SEMPRE*

TAMBÉM
NO TAMANHO
EXTRA LONGO

*SEMPRE E AGORA... AINDA MAIS